

SOBRAL DE S. MIGUEL

estudos
etnográficos

Maria Pinto dos Santos A. Carrola
Gabriel dos Santos

Série

SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO

Nº 3



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO

SOBRAL DE S. MIGUEL

estudos etnográficos

Maria Pinto dos Santos A. Carrola
Gabriel dos Santos



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO

Série
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO

Nº 3

1993

ISSN 0871-7583
ISBN 972-569-044-3
Dep. Legal 72 576/93

FICHA TÉCNICA

Título: SOBRAL DE S. MIGUEL
ESTUDOS ETNOGRÁFICOS

Série: Sociedade e Desenvolvimento (nº 3)

Responsável pela edição:
Engº António José Cardoso

Capa: Francisco Paiva

Fotografias:
Autores

Composição:
Autores e Vítor Duarte (CCRC)

Offset: *Fotografia* – Adelino Bandeira
Paginação e Montagem – Adelino Bandeira
Transporte – Henrique Taborda
Impressão – Joaquim Felício

Edição e Distribuição:

CCRC – COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO
Rua Bernardim Ribeiro, 80 3000 COIMBRA
Telefone: (039) 400198/9 Fax: (039) 701657

NOTA PRÉVIA

"(...) Sem o dizer, sem o afirmar, o Beirão sente-se dono de Portugal. Sabendo que a sua pátria são as courelas que fez nas ilhargas da serra, herda, contudo, o sentido polarizador e centrípeto da mãe.

(...) Alguns trechos do Alva, pedaços do Vale do Zêzere, curvas do Mondego – são imagens para não esquecer pela vida fora. E até caprichosos arranjos de casario, aqui e além, se não conseguem o pitoresco e a graça de bonitas aldeias escaroladas e gaiteiras do País, são duma rusticidade tão tocante que comovem por isso. Pouco sensível à estética, o Beirão não cuida da beleza dos seus burgos. Mas ela surge-lhe mesmo sem querer. (...)"

Miguel Torga

A obra que se edita debruça-se sobre o Sobral de S. Miguel, uma aldeia tipicamente beirã, situada junto à Serra de Estrela, perto das Minas da Panasqueira, no concelho da Covilhã. De acordo com o Engenheiro Pina Manique e Albuquerque, o onomástico BEIRA encontra-se pela primeira vez num documento de D. Afonso II, datado de 1211, que se refere à Covilhã como *Gouvelã da beira*. Ser da Beira significa pois estar à beira da Serra, constituindo a Estrela o coração das Beiras, na multiplicidade das suas formas e na complexidade dos seus usos e costumes.

O estudo apresentado não é mais um estudo sobre mais uma aldeia: é, pelo contrário, um profundo trabalho de recolha etnográfica, cuja publicação pelos autores a Comissão de Coordenação da Região Centro decidiu apoiar, como homenagem à riquíssima cultura das terras e das gentes das Beiras. Trata-se pois, na nossa perspectiva, de um modelo que outros autores e outras instituições podem prosseguir, estimulando esforços e incentivando a realização de trabalhos de investigação similares.

Muito do que aqui se relata, poder-se-ia dizer de muitos outros lugares e freguesias das Beiras, na medida em que se evoca um património comum a uma vasta área. Não se trata de eleger este aglomerado como mais beirão do que tantos outros. Aliás, é sempre muito discutível a eleição de uma aldeia como a

mais típica: recorde-se a polémica escolha de Monsanto pelo Secretariado Nacional de Informação, Turismo e Cultura Popular (também conhecido por Secretariado Nacional de Propaganda ou pela designação abreviada de S.N.I.) em 1938 como a "aldeia mais portuguesa de Portugal", que lhe permitiu encimar a torre da sua igreja com o correspondente troféu (o "galo de prata"). Apesar de tudo, deve encher de orgulho os naturais da Beira que essa escolha tenha recaído sobre uma das suas aldeias. Recentemente, o Plano de Desenvolvimento Regional 1994-99 prevê uma acção-piloto de projectos de "recuperação de um pequeno conjunto de aldeias turísticas". Aí são referidas as aldeias de Linhares, Idanha-a-Velha, Marialva, Piódão e Castelo Rodrigo, "seleccionadas em virtude do potencial de atracção do seu património edificado (simbolismo histórico ou interesse monumental)". Trata-se de aldeias todas elas situadas na Região das Beiras.

Ao nível da valorização do património, são muito interessantes as propostas dos autores. Assim possam ser desenvolvidas as linhas de acção sugeridas e este livro constitua simultaneamente memória do passado e candeia que ilumine o futuro do Sobral de S. Miguel.

Uma palavra final é devida aos autores: para além do empenhamento nesta edição, é de destacar o amor ao seu rincão de que dão prova ao longo do livro. Acontece, a este propósito, um fenómeno muito curioso: a diáspora a que foi obrigada parte muito significativa da população beirã não a afastou, antes reforçou o enlevo pela sua terra. E recordar continuamente a terra que se deixou e à qual se almeja regressar é a melhor forma de manter acesa a chama deste "fogo sagrado", pois... recordar é viver.

António José Cardoso

CHEFE DE DIVISÃO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DA
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO

*Ao Sr. António Pedro dos Santos,
a quem se deve a presente recolha,
o preito de homenagem da filha*

ÍNDICE

I	- Situação Geográfica	11
II	- Modos de Vida	15
	A- Introdução.....	15
	B- Agricultura	17
	1- Introdução	17
	2- Tipos de Cultura	17
	3- A Debulha	19
	4- A Malha do Centeio	20
	5- A Vindima	22
	6- Alfaias Agrícolas	23
	7- A Castanha	24
	8- A Azeitona	25
	9- O Linho	28
	C- A Pecuária	29
	1- Os Animais Domésticos	29
	2- O Leite e o Queijo	31
	3- A Matança do Porco	32
	4- As Abelhas e o mel	35
	D- Artesanato - Indústria	36
	E- Comércio	37
	F- Movimentos Demográficos	38
III	- A Casa	41
IV	- A Alimentação	45
V	- O Vestuário	47
VI	- Organização Social	49
	A- Ciclo de Vida Individual	49
	1- Adolescência, namoro e casamento	51
	2- Viuvez, velhice e morte	52

B – A Família	54
1 – Terminologia de parentesco	54
a) Parentesco consanguíneo	54
b) Tratamento de referência	55
c) Formas de tratamento	56
2 – Ausência de Classes	56
3 – Controle e mal-estar social	57
4 – Relações com aldeias vizinhas	57
VII – As Crenças	61
A – Festas Religiosas e Profanas	67
1 – O Natal	67
2 – O Entrudo	70
3 – A Quaresma	71
4 – A Páscoa	78
5 – Fogueiras de S. João e S. Pedro	79
B – Festas Religiosas	82
C – Romarias	84
D – Superstições	87
E – Ladainhas de Maio	88
VIII – Sabedoria Popular	91
A – Medicina Caseira	91
B – Literatura Oral	93
1 – Marchas e Cantigas	93
Marcha do Sobral de S. Miguel	93
Cantigas ao Sobral	94
Uma "moda" do Sobral	95
Cantigas de roda dedicadas ao Sobral	96
Marcha de cortejo	97
Quadras soltas	98
Quadra do filho pródigo	101
Quadras da 1ª Grande Guerra	102
Cantigas da 2ª Guerra Mundial	104
Despedida dos frades	105
Cantigas à Maria da Fonte	109
Cantigas a D. Miguel	109
Cantigas a João Brandão	110
Fado	112
Fado	113
Vamos caçar mentiras	114

	Cantigas de roda	115
	Farrapeirinha	115
	Mais cantigas de roda	116
	Ó Rosita	117
	Serrana	118
	Cantigas dialogadas – 1ª Guerra Mundial	118
2-	Romances	119
	Menina da mantilha	119
	Romance da Aninhas	120
	Romance do Soldado e do Demónio	121
	Romance de Castigo	122
	Romance de Clara.....	123
3-	Provérbios	124
4-	Adivinhas	125
5-	Lengalengas e Trava Línguas	128
6-	Contos	130
	A raposa matreira	130
	A raposa e o sapo	131
	Doutrinal	132
IX	- Diversões – Jogos	135
	O jogo da cocha	135
	O jogo do anel	136
X	- Aspectos da Vida Comunitária	137
	A – O Forno do Povo e o Pão	140
	B – O Moinho.....	141
	1 – Especificações técnicas	142
XI	- Termos do Vocabulário em Extinção	143
	A – Vocabulário	143
	B – Frases Características	152
	C – Meses do Ano	153
	D – Sinónimos da palavra nevoeiro	153
XII	- Conclusão	155
	Apontamento Final	159
	Bibliografia	161



I

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Sobral de S. Miguel, outrora Sobral de Casegas, é uma freguesia do concelho da Covilhã e distrito de Castelo Branco, situada nos contrafortes da Serra da Estrela, mais propriamente no flanco oriental da Serra do Açor.

Aqui acaba a Beira Baixa, da qual faz parte, e começam a Beira Alta a NW (noroeste) e a Beira Litoral a W (oeste).

A aldeia situa-se no fundo de uma grande depressão rodeada de montes, estando a maior parte do casario na margem esquerda da ribeira do Porsim, como que em presépio, espalhando-se as casas ao longo das duas ruas principais.

A ribeira banha os pés do aglomerado, correndo num vale de meandros encaixados, talhados no xisto, única rocha aqui existente.

Os terrenos do Sobral são anteriores à era Primária, pertencentes ao complexo xisto-grauváquico das Beiras. O relevo é acidentado, com encostas de grande inclinação facilitando o arrastamento do solo pela água da chuva, cavando profundas ravinas e originando riachos que correm rapidamente, com frequentes quedas no percurso.

O Sobral, por se situar na depressão que referi, voltado a SE (sudeste), possui um micro-clima próprio, com temperaturas amenas mesmo no Inverno. As chuvas são mais abundantes no Inverno e Primavera. Os ventos predominantes são, no Inverno, de oeste e sudoeste, lameirento, e no Verão predomina o oriental ou espanhol, como diz o povo, vento suão, continental, que queima. Só nos Invernos mais frios cai neve no povoado ou se forma o *códão*.

Como prova o professor Gabriel dos Santos no seu livro *Sobral de S. Miguel*, o Sobral é um povoado muito antigo. O seu nome deriva do latim



Sobral pré-emigratório

*suberale*¹, terreno onde existem sobreiros, havendo ainda hoje belos exemplares de grande porte na nossa freguesia.

Contam os sobralenses mais antigos que foi povoado por guardadores de porcos que para ali iam temporariamente com suas varas e famílias, onde os engordavam com a bolota dos sobreiros.

Como era uma área atravessada por caravanas de mercadores que faziam transacções comerciais entre o litoral e o centro da Península, começaram aqui a construir abrigos, catraias, juntamente com as poucas casas já existentes dos guardadores de porcos.

Construíram-se as primeiras casas ao longo da ribeira, mais ou menos em frente de uma capela em honra de S. Miguel, construída no local da actual Igreja Matriz.



O Sobral actual

1 suber, eris, sobreiro.

A principal mercadoria que por aqui passava era o sal, armazenado em salinas construídas na margem da ribeira. O aglomerado populacional foi crescendo junto às *salinas*, ao longo da *Via do Sal* (romana, segundo alguns autores), mais tarde chamada *Estrada Velha* ou ainda *Estrada Real Coimbra-Guarda* e *Via Covilliana*.

O sal vinha por barcos dos povoados a jusante do Mondego até à Raiva (porto fluvial), sendo carregado em carros de bois que o transportavam até ao Sobral, onde era armazenado. Algumas salinas existiram onde actualmente estão as casas de habitação da Tia Maria dos Anjos "Espanhola", familiares de Augusto Ferreira da Silva, da Tia Maria Abrantes e na área próxima do forno no fundo do lugar. Dali o sal voltava a ser carregado sendo distribuído pela Beira Interior e Espanha. Do interior traziam trigo e azeite, revendido no litoral.

Com a abertura da Universidade de Coimbra, por aqui passavam os estudantes do interior. Conta a tradição que muitos deles pernoitaram na *Casa Branca* única caiada e com telha (à Ponte).

Portanto o Sobral foi um lugar de passagem muito importante.

II

MODOS DE VIDA

A – INTRODUÇÃO

No Sobral e aldeias do Maciço Central perdura uma economia de subsistência. A vida ainda hoje é dura, mas em tempos passados, não muito longe dos nossos, a pobreza era geral e as exigências da comunidade eram mínimas. Sem instrução, esta gente isolada e voltada para a terra, único amparo fez *chães* e lameiros até ao alto das linhas de água, sempre que a natureza dos sítios era propícia¹. Seguraram as terras com pequenos muros de pedra solta marcando também o caminho ao ribeiro por entre pedras – valados².

Quase nem valia a pena produzir mais do que para os gastos de casa, uma vez que a cultivacão era dispendiosa e a possibilidade de colocacão dos produtos era nula.

Para remediar tal situacão, iam as raparigas do Sobral vender ovos e galinhas à Covilhã, demorando quase dois dias a pé, pois não havia estrada. Também rapazes de 10, 12 anos, desde que pudessem com dois caldeiros de carvão, lá iam eles vendê-lo à Covilhã.

Formavam-se ranchos (grupos) de homens, rapazes e mulheres com sacos de carvão às costas e à cabeça: eram as saqueteiras³ ou carvoeiras. Apesar de tudo, mesmo carregados, ainda tinham alegria. Para passar o tempo mais depressa e aliviar o peso, cantavam no caminho ou dançavam quando "poisavam" a descansar⁴.

Uma das canções cantadas no caminho da Covilhã e que se tornou conhecida:

-
- 1 Quem entre no Sobral, seja pela estrada de Casegas, seja pelas Pedras Lavradas, mal imagina a quantidade de leiras cultivadas, amanhadas com imenso suor, e com custo acredita na quantidade de pasto que do Sobral saía. Quase todo o pasto gasto nas Minas da Panasqueira, quando o minério era movimentado com mulas ou cavalos, tinha como origem o Sobral.
 - 2 Também chamados canadas, passagens colectivas de rebanhos, termo originado no castelhano.
 - 3 Saqueteira, palavra derivada de saquete, pequeno saco. Regionalismo. Saqueteiro era o oficial da Casa Real que tinha a seu cargo o pão cozido para a mesa do rei.
 - 4 Faz-nos lembrar Gil Vicente, que tão bem conhecia a região da Serra da Estrela, no episódio de Mofina Mendes (Auto dos Mistérios da Virgem).

*São tão bonitas as carvoeiras,
são tão catitas as saqueteiras!
Oh que belo rancho, viva a mocidade,
dançai raparigas, viva a liberdade.*

*Carvoeiras, carvoeiras,
carvoeiras lindas que são
Carvoeiras, carvoeiras,
carvoeiras do meu coração.*

*Liberdade, liberdade,
quem na tem chama-lhe sua;
eu não tenho liberdade
nem de por o pé na rua.*

Ou então cantavam :

*Ó estrela da manhã – de madrugada
roubadora de quem dorme – de madrugada
não sei qual é a estrela – de madrugada
que tanto sono consome – de madrugada*

*Subi ao céu, assentei-me – de madrugada
duma nuvem fiz encosto – de madrugada
dei um beijo numa estrela – de madrugada
pensando que era o teu rosto – de madrugada*

*Pus-me a contar as estrelas – de madrugada
só a do Norte deixei – de madrugada
por ser a mais pequenina – de madrugada
contigo a comparei – de madrugada*

*Não sei que mal fiz ao Sol – de madrugada
que não dá na minha rua – de madrugada
queria-me vestir de preto – de madrugada
que de branco anda a Lua – de madrugada*

Às vezes, enquanto descansavam, em vez de dançar faziam renda e comiam a merendita de broa ou centeio com cebola, azeitonas e queijo.

B – AGRICULTURA

1 – Introdução

A actividade predominante é a agricultura associada ao pastoreio. Todos os sobralenses têm as suas parcelas. Uns mais que outros. A agricultura é tradicional, de subsistência. É praticada em pequenas parcelas onde abundam as árvores de fruto, de que se destaca a oliveira. Este tipo de agricultura não permite a mecanização, que a agressividade dos terrenos desaconselha. No entanto, vão já aparecendo pequenos tractores para lavrar as parcelas que outrora eram cavadas ou lavradas com o arado de madeira e, posteriormente, de ferro, puxadas por uma junta de bois comprados em feira das cercanias (Lourosa, Oliveira do Hospital).

2 – Tipos de cultura

No Sobral existem dois tipos de cultura: o sequeiro e o regadio que são o reflexo do clima. A rega vai suprir a escassez da chuva que a prolongada estação seca do clima mediterrânico provoca.

Nas vertentes onde a rega não é possível, praticam-se culturas de sequeiro, tendo as plantas para o seu desenvolvimento a água que o período chuvoso proporciona.

O único cereal de sequeiro cultivado é o centeio. É um cereal de Inverno, pois é semeado em Novembro, quando das primeiras chuvas: "*semeia no pó e de mim não tenhas dó*".

Antes de ser semeado faz-se a *boucha*¹ nas terras da encosta. Roça-se o mato (giestas, urze...), deixa-se secar e, depois de seco, lança-se-lhe o fogo.

Faz-se, portanto, a queimada como ainda fazem algumas tribos de África. Para queimar o mato já seco escolhia-se um dia de pouca chuva e vento, para que o fogo não alastrasse aos pinhais vizinhos. Rodeava-se a bouça com o aceiro, faixa desbravada mais fundo na orla da bouça.

Feita a queimada, aguardava-se uns dias para que a cinza arrefecesse semeando-se então o centeio. Sendo um cereal pouco exigente, só necessitava de ser ceifado pelo S. João e, depois, malhado: "*Pelo S. João, mão no linho e foice no pão*".

Outras plantas de sequeiro são a videira² e a batata, embora se cultivem também em terrenos de regadio. A cultura da batata é muito recente e

1 O mesmo que bouça, terra inculca, que só cria mato.

2 Também de regadio nas combareiras (de cômbaro, muro que divide as propriedades) dos chãos junto à ribeira.

veio substituir a saborosa castanha. Encontra aqui um ambiente propício pois é uma planta que gosta do frio.

Das culturas de regadio a mais importante é a do milho. É o cereal que actualmente mais predomina¹.

Nas pequenas parcelas pratica-se a policultura intensiva, tudo é semeado ao mesmo tempo: milho, feijão e botelha. Muitas vezes ainda plantam couves ou semeiam nabos e erva entre aqueles produtos.

O milho é o cereal que dá mais trabalho.

Depois de a parcela estar cheia de estrume proveniente da criação do gado, este é espalhado por todo o terreno no dia da sementeira para, de seguida, ser lavrado ou cavado.

Geralmente, as pequenas parcelas são cavadas e as maiores, acessíveis à junta de bois, lavradas.

O dia da sementeira, em Maio, é um dia de muito trabalho que requer muito pessoal. É preciso andar uma pessoa à frente dos bois enquanto outra pega na rabiça do arado e uma terceira mete o esterco no rego.

Depois da terra estar lavrada é lançada a semente e seguidamente *agradada* (alisada) pela grade².

Assim que o milho nasce, mal arranja um palmo de altura, é *arralado*, espaçando as canceiras para que se fortaleçam. Depois desta operação é *sachado*, para retirar as ervas daninhas e abrir a terra. Passado algum tempo volta a ser sachado e abrem-se as regueiras onde passará a água das regas. É então *empalhado*, espalhando-se feno ou palha entre as canceiras de modo a fixar a terra aquando das primeiras regas. Começa então o calvário das regas.

Todos os oito dias o milho deve ser regado. A água vem de minas, presas ou ribeira, por meio de levadas.

Geralmente é na primeira rega que é deitado o adubo, mas esta prática é recente.

O milho vai crescendo e em Agosto é *escanado* para lhe tirar a bandeira que, depois de seca, serve de alimentação ao gado.

Quando a maçaroca começa a *pintar* (ficar amarela) o milho é *esfolhado*, aproveitando-se as folhas, agrupadas em *manojas*. Estas, depois de secas são enfaxadas e guardadas para pasto de Inverno.

Nos fins de Setembro e durante Outubro é feita a colheita. Apanham-se as *maçarocas* (espigas) para um monte, são *escanuchadas* (tiragem das folhas que envolvem a maçaroca) e levadas em carro de bois ou às costas até à aldeia

1 Em 1758 os produtos que o pároco de Casegas encontrou como mais importantes na sua freguesia (Casegas, Cebola e Sobral) foram o milho, a castanha, o vinho e azeite. Em 1980, em inquérito, a junta de freguesia declarou serem o milho e a batata. In Gabriel dos Santos, *A Covilhã em 1758. Inquéritos Pombalinos*, 1992.

2 Apesar do muito trabalho, não deixava de ser um dia quase de festa pela comida melhorada e animação reinante.

onde vai ser feita a debulha.

Por altura das colheitas do milho e vinho os carros de bois chiavam pelos caminhos provocando um verdadeiro concerto musical.

Outros produtos de regadio, para além do milho, são o feijão e os hortícolas para consumo próprio.

3 – A debulha

Como foi dito, o milho, depois de colhido, escanuchado e transportado em *sebes* no carro de bois, era deitado em maçaroca para a sala da casa de habitação. O dono ou familiar avisava os parentes e vizinhos de que naquele dia debulhava.

Era com grande alegria que recebiam a notícia.

Depois da ceia, ao serão, juntavam-se os rapazes, raparigas, homens e mulheres, eles malhavam o milho com um pequeno pau, elas tiravam os grãos que ficavam agarrados ao *cassamulo* (parte interna da espiga de milho).

Não faltavam cantares alegres, histórias, adivinhas, anedotas e até o "cortar" na vida alheia!



Regresso do Campo



A eira da Laje – comunitária

Apesar da enorme quantidade de milho para debulhar, rapidamente a tarefa aparecia concluída, sem o menor cansaço. Nem se dava pela passagem do tempo!

Ao terminar a debulha os donos da casa ofereciam castanhas cozidas, maçãs, figos, uvas, não faltando vinho, jeropiga e aguardente com mel.

No dia seguinte tudo se repetia na casa de outro parente ou amigo.

Por altura das debulhas quem passasse na rua só ouvia cantar e malhar: era uma alegria! Uma das maiores distrações da rapaziada nova.

O milho em grão era levado no dia a seguir à debulha para o estendedor onde secava três dias. Seco, era acarretado em sacos de linho para grandes arcas de castanho e aí guardado durante o ano.

4 – A malha do centeio

Quando a seara estava madura era preciso ceifá-la no mês de Junho. Era um trabalho cansativo uma vez que o calor começava a sentir-se. O dono "*falava*" aos amigos e familiares para a ceifa. Era ajuda por ajuda. Ranchos

de pessoas se viam naquelas encostas de foice em punho, chapéu na cabeça, cheios de sede e suor, mas com alegria.

Cantavam para enganar o tempo e o calor. O dia, assim, passava mais depressa, não se dando pela fadiga. Além de cantarem ao S. João havia outras próprias da ceifa como, por exemplo, as que seguem:

*Cefeira de olhos azuis
com teu saiote encarnado,
Maria, quando penso tenho pena
de não ser teu namorado.*

*De não ser teu namorado,
valha-me Deus, que doidice,
sinto uma coisa cá dentro,
gosto de ti, já te disse.*

*Cefeira que andas à ceifa
à ceifa, ceifando o trigo,
ceifa as penas da minha alma,
ceifa-as e leva-as contigo.*

Ou ainda:

*Oh que calma vai caindo,
ai, aos ceifadores do campo,
oh meu amor se lá andas,
ai, encosta-te ao lírio branco.*

*Eu hei-de ir ao campo ceifar,
ai, um ano só para meu gosto,
só para ver as camponesas,
ai, em que água lavam seu rosto,
na água da melancia,
ai, criada em Agosto.*

Depois do centeio ceifado, eram as *paveias* (pequenos montes feitos durante a ceifa) juntas em molhos, posteriormente transportados para a eira, constituindo o *rolheiro* (enorme quantidade de molhos empilhados).

O centeio esperava no rolheiro que a eira fosse preparada.

A eira era uma laje lisa e horizontal ou um local térreo *barrado* com bosta de boi.

Para fazer esta operação o agricultor juntava a bosta de boi ou vaca em quantidade suficiente, desfazendo-a em seguida num *dornalho* (recipiente de cortiça maior que um alguidar) e lançando-a à eira para que os grãos se não perdessem e se pudessem apanhar mais depressa.

O dia da malha voltava a ser um dia de festa. A comida era melhorada: sopa de feijão branco, enchido, carne de porco, bom queijo de cabra e bom vinho. Faziam filhós designadas por *miaus*. Voltavam a convidar os amigos e familiares para a malha¹.

Logo de manhãzinha, os homens levavam os manguais e forquilhas e as mulheres as mantas e o almoço para toda aquela gente. Mesmo no caminho se contavam anedotas.

Durante o dia, pelo calor, os homens manejavam com destreza os manguais, batendo as espigas ritmicamente, ora uma fila, ora outra. Era um trabalho violento mas, mesmo assim, os cantares e a alegria continuavam. Depois do centeio malhado retirava-se a palha com o auxílio da forquilha de pau e os restos das espigas² eram tirados com a *conha*, ramo de giesta bastante comprido.

As mulheres varriam a eira com vassouras de giesta, juntando o grão em montes para seguidamente ser *erguido* num sítio onde *houvesse* vento com o auxílio de alguidares e caldeiros de zinco ou cestos e assim ficar limpo, sendo ensacado e levado para as arcas nas casas de habitação.

Era um dia bem passado, uma das maiores distrações dos jovens!

5 – A vindima

Em Julho (*pelo Santiago pinta o bago*) iniciam as uvas seu processo de amadurecimento. A vindima é feita na última semana de Setembro e primeiras de Outubro³ pelos familiares do proprietário. Antes da mesma começar as *dornas* (grandes recipientes de madeira de castanho) são limpas e molhadas para que a madeira inche. Depois de vedadas retira-se a água e são postas a enxugar. Podem iniciar-se as vindimas.

Já lá vai o tempo em que as uvas eram colhidas para cestos ou canastros e assim transportadas para a dorna do carro de bois que, cheio e carrada feita, era transportada para a loja/adega. Aí os cachos eram esmagados com os pés em grandes dornas, hoje substituídas por pios.

1 Os sobralenses tinham o bom costume de se associarem, comungando da mesma alegria, nos trabalhos colectores, sejam as ceifas, malhas, vindimas ou matança do porco. Era um modo de o agricultor transmitir a sua alegria aos familiares e amigos por um ano farto, sendo igualmente uma promessa de auxílio a quem tivesse um ano pior, não se coibindo de ceder parte das colheitas que o beneficiado tornaria em espécie no ano seguinte.

2 Praganas ou cachiço.

3 As vindimas são serôdias devido ao clima. Se o Outono vem mais cedo, com muitas chuvas, há o risco de os cachos se estragarem ocasionando um grande prejuízo na safra, na quantidade e qualidade, pelo que são colhidas sem um grande amadurecimento e ficando com menor teor alcoólico, semelhante o vinho verde.

Depois de esmagadas, o vinho fica dez a doze dias a ferver e a curtir. É limpo e passado para as pipas. O *bagulho* (restos dos cachos) vai para o alambique onde é extraída a aguardente.

Também nas vindimas não faltavam os cantares e a alegria espontânea¹.

6 – *Alfaias agrícolas*

As alfaias agrícolas são diversificadas. Damos breve exemplo de algumas mais usadas:

- Foice – Utensílio de aço com lâmina curva e estreita e um cabo. Usado na ceifa do centeio e da erva.
- Ancinho – A sua forma é variada e serve para limpar o terreno e nivelar as superfícies (ancinho pequeno) ou tirar estrume dos currais (ancinho grande).
- Sacho – Constituído por cabo de madeira onde se encaixa uma lâmina de aço. Emprega-se nas sachas.
- Sachola – Sacho pequeno utilizado para destruir as plantas nocivas e para quebrar a crosta da terra, facilitando a penetração, não só da água, como de elementos fertilizantes até às raízes das plantas.
- Forquilha de pau – Possui dois ou três dentes. De madeira, utiliza-se no manejo das palhas na eira.
- Enxada – Constituída por um cabo de madeira e uma lâmina grande de ferro. Serve para cavar.
- Enxadão – É o mesmo que uma enxada diferindo apenas no garrancho, folha estreita oposta à lâmina.
- Pá – É usada na remoção de terra. O cabo tem uma ligeira curvatura, facilitando o trabalho do homem, poupando-o de curvar o corpo.
- Charrua – Conjunto de peças fixas ou em posição variável, em ferro ou aço. Serve para lavrar.
- Arado de madeira – Já não existe. Era composto de um pau inteiro, curvo, que tem o nome de rabiça e foi utilizado também para lavrar.

¹ O povo do Sobral foi sempre muito dedicado à música. Faziam o seu trabalho ao som de canções aprendidas nas romarias, ou mesmo religiosas. Quando se corriam os caminhos das fazendas ouviam-se muitos cantares, por vezes ao desafio entre propriedades próximas.

- Gadanha – Grande lâmina de aço com cabo de madeira, serve para cortar o feno para o gado.
- Podão ou roçadoira – Toda em aço e ferro, usa-se para cortar mato para a cama do gado.
- Machado ou malho – Lâmina em aço para cortar lenha.
- Mangual – Todo feito em madeira. A parte que bate no centeio é mais grossa e ligada ao cabo por correias de couro. Usado na malha do centeio.
- Gancho – Vara comprida com pequeno ramo na ponta, própria para puxar os ramos da oliveira na apanha da azeitona.
- Sebe – Entrançado de vime ou de salgueiro, cercava o sobrado do carro de bois para evitar que o milho ou estrume caísse durante o transporte. Hoje está em desuso, visto que os carros de bois estão sendo substituídos por tractores.

7 – A castanha

Outrora, o castanheiro era uma das árvores mais abundantes no Sobral. Os soutos eram grandes pois o castanheiro gosta de climas frios, um pouco húmidos e terras de encosta. Resiste às secas e adquire avultado porte. Ainda hoje se vêem belos exemplares na aldeia¹.

Em Outubro estão cobertos de ouriços que vão deixando cair o saboroso fruto. Por essa altura há tempo vago para apanhãr a castanha que é um alimento que "*põe sustância*", cozida ou assada.

No dia de Todos os Santos, 1º de Novembro, fazia-se o primeiro magusto. Os jovens divertiam-se comendo castanhas, bebendo jeropiga e enfarruscando os distraídos.

Como a castanha era muita comiam-na diariamente, cozida, como que de sobremesa, e a restante era deitada no *caniço* (tecto da cozinha em ripas) onde secava.

Depois, era pisada em cestos próprios e com tamancos² para que a casca

1 Veja-se o que diz António Sérgio: "Entre Unhais e Tortosendo houve, até ao ano de 1915, uma grande mancha de castanheiros, que foi infelizmente desbaratada por uma doença incógnita até então", *Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal*, pág. 95, 2ª edição, 1974, Lisboa. Idêntico problema surgiu no Sobral nessa época.

2 Na sua crítica aos que se julgam melhores que os outros aplica o povo esta frase:

*Santinho de pau de amieiro,
igual ao dos meus tamancos,
criados no meu lameiro.*

saísse melhor. Guardavam-se, então, as castanhas secas para fazer *caldudo* (caldo de castanhas com leite), que é um alimento forte, ou comiam-se secas ou cozidas de *escoado*, tal como se cozem as batatas.

Sobre as castanhas diz o povo:

Do castanho ao cerejo, sabe Deus como me *havejo*;
do cerejo, ao castanho, sabe Deus como me *havenho*¹.

Era o pão dos mais pobres que, para terem castanha, tinham de ir ao rebusco (apanha dos restos)².

Actualmente poucos secam castanhas pois os castanheiros estão a perder-se e ninguém planta outros.

8 – A azeitona

Presentemente, a oliveira é a árvore de fruto que predomina na freguesia e a mais estimada pelo agricultor.

Dá-se bem aqui, principalmente nas encostas viradas a Sul. É pouco exigente dando todos os anos bom azeite para temperar a comida: caldo, feijão, batatas...

Em Dezembro, com muito frio, faz-se a colheita da azeitona. Só não é colhida quando chove muito, neva ou o vento é forte, não deixando deitar as escadas de madeira de vinte *banços* (degraus de escada de encosto) à oliveira.

Nos dias de sol, mesmo com frio, a colheita é uma festa. O grupo, no cimo das escadas ou nos ramos da árvore, vai apanhando com geito, à mão ou deitando o gancho, cantando ao Menino Jesus ou quadras soltas dedicadas à apanha da azeitona:

*Ó (À) oliveira da serra,
o vento leva a flor,
só a mim ninguém me leva
para ao pé do meu amor.*

*Para ao pé do meu amor,
para ao pé da minha amada,
à oliveira da serra
o vento leva a ramada.*

1 Mistura de conjugação entre os verbos haver e vir e com significado próprio de capacidade pessoal.

2 As castanhas duravam até tarde e usavam-se em datas especiais. Antigamente não faltava o *caldudo* na ceia de Quinta Feira Santa e, nas Boas Festas, em vez de amêndoas avam-se castanhas secas às crianças.

*À oliveira da serra
o vento leva a ramada,
só a mim ninguém me leva
para ao pé do meu amado.*

*Debaixo da oliveira
bem se pode namorar,
tem a folha miudinha,
não entra lá o luar.*

*Oliveira pequenina,
que azeitona pode dar?
Dará uma, dará duas,
quando muito carregar.*

À noite, a azeitona colhida era ensacada e transportada para casa onde era escolhida e erguida. Depois de tiradas as folhas deitava-se na *tulha* (monte de azeitona) aguardando a ida para o lagar enquanto perdia alguma da água.

No dia aprazado para a moagem os lagareiros mediam a azeitona com a *raza* (medida antiga cuja capacidade, em azeitonas normais, correspondia ao alqueire de azeite 12 litros).

No Sobral existiram até há pouco tempo três lagares de tipo romano (de varas): o cimeiro, o do meio e o fundeiro. Este tipo de lagar consta de uma roda hidráulica que aproveita uma queda de água e faz rodar as *galgas* (mós) num pio de pedra onde é esmagada a azeitona. A massa é metida nas *seiras* (recipientes redondos e chatos de paredes duplas de palha) que, depois de empilhadas, eram comprimidas pelas *varas*. As seiras utilizadas no Sobral eram feitas artesanalmente em Unhais da Serra de uma palha existente na serra da Estrela chamada *esparto*.

As varas que comprimiam as seiras eram troncos de sobreira, bastante grossos e compridos, apoiados na extremidade de menor diâmetro. O outro extremo era sobrecarregado com um grande cilindro de pedra que poisava sobre a pilha das seiras espremendo-as. Saía então, ajudado por água quente, o azeite misturado com o *azinhavre* (borra preta e ácida), escorrendo para as *tarefas* (pote de barro). Aí fazia-se a separação. O azeite retirava-se para os potes e o azinhavre, misturado com algum azeite, escorria para o *inferno* (poço tapado e enterrado). O azeite aqui entrado nunca mais era visto pelos donos¹.

1 Antigamente ninguém aproveitava este azeite que escorria para a ribeira. Foi já neste século que os lagares adoptaram este sistema. Sendo um azeite perdido reverteu, assim, para os donos do lagar. Era, todavia, um azeite de inferior qualidade.



O lagar fundeiro (casamento lagar-moinho)

Há vários anos a vara foi substituída por prensas, havendo hoje no Sobral um lagar de prensas, outro transformado em fábrica e o fundeiro, em ruínas, e que bem podia ser aproveitado para um núcleo de ecomuseu.

Os lagareiros fazem as contas tirando painéis de azeite para a lenha, para a *poia* (trabalho), algumas também de funda e outras para quem dá o carreto (transporte).

A azeitona funde mais ou menos consoante o ano ou o lagar (qualidade da prensa)¹.

O azeite medido era transportado em *odres* (recipientes de pele de cabra ou ovelha) a casa dos donos e era guardado em grandes potes de barro. Os donos serviam-lhes o almoço ou ceia consoante a hora de entrega do azeite.

Essa refeição era melhorada.

¹ A primeira azeitona moída era dos donos e tinha como função avinhar o lagar (melhor seria azeitar!) e verificar se as azeitonas fundiam bem. Devido a serem as primeiras, estas azeitonas fundiam sempre menos. Os lagares tinham muitos donos e eram estes que davam o carreto no seu dia e conforme a parte que possuíam. Além de transportarem as azeitonas tinham de contribuir com a lenha e alguma comida e bebida para os lagareiros.

*A azeitona por ser preta
vai-se moer ao lagar;
eu também sou trigueirinha,
na terra me hei-de gastar.*

9 – O linho

A cultura do linho foi, outrora, muito intensa no Sobral. Hoje já ninguém o conhece ou cultiva. A espécie que melhor se produzia era a do linho galego.

Semeava-se em Março e arrancava-se em Junho. As suas flores são muito belas, de cor lilás claro. Era o linho de melhor qualidade e dele se obtinha o tecido mais fino. Usava-se para lençóis finos, toalhas de mesa e rosto, guardanapos e roupas interiores.

Para semear o linho cava-se a terra fazendo regos ou leiras para ser regado na devida altura. Depois das leiras feitas alisa-se a terra de frente para trás para a semente não ficar junta. Lança-se então a semente à terra e é *atupida* (enterrada) com sacho, não devendo ficar muito funda. É novamente alisada de frente para trás com o ancinho de dentes curvos. Durante a rega não pode ser pisado, devendo andar-se pelos regos.

Depois de criado, quando estiver loiro mas não seco, para não perder a linhaça (semente), é arrancado.

É então *ripado* com o *ripanço* (tábua de madeira com bicos na ponta) para lhe tirar a baganha que contém a semente. A baganha, depois de aberta, era aproveitada pelas crianças para fazerem cordões para o pescoço, pois não tinham outros colares!

Depois de ripado o linho era atado em molhos, os *ougadouros*, e alagado com grandes pedras na água corrente da ribeira, onde ficava quatro a cinco dias a curtir¹.

Posteriormente era estendido em carreirinhas ao sol para secar. Passado o tempo necessário era apanhado e maçado. A maçagem² do linho é um trabalho duro. A maça, com cerca de dois quilos, é feita de madeira de sobro, azinho ou oliveira.

Esta operação é feita para que o talo do linho fique bem esmagado.

Seguidamente é *tascado*³. A tasca é de madeira, composta por duas peças de pru⁴ de oliveira ou medronheiro. A parte superior, chamada

1 Era necessário muito cuidado com o gado para não beber esta água que continha forte porção de veneno.

2 Não confundir com massagem.

3 O mesmo que espadelado. O tasco é a casca ou tomento da fibra de linho.

4 Pru, palavra antiga, com o significado de preço. Peça de pru será, pois, um pedaço de madeira de valor.

graminho (do feitio de faca), encaixa na ranhura da peça inferior. O linho vai sendo entalado entre as duas peças, para se lhe tirarem as arestas (restos da casca do caule de linho). Depois de tascado é *espadanado* com a espadana, de cerejeira ou nogueira, com o feitio de uma espada larga. Para espadanar o linho as espadaneiras colocam o linho sobre um cortiço, às mãos cheias, e batem-no com a espadana.

É então atado em pequenos molhos chamados *afuseis*. Esses molhos são *assedados*. Esta operação consiste em separar o linho da estopa e *tomentos* e ficar macio como seda. Utiliza-se o *sedeiro*, tábua com 30 cm de largura por 50 de comprimento. Numa das pontas é pregado outro pedaço de madeira a toda a largura da tábua sobre o qual se prega uma chapa metálica cheia de pregos miúdos de aço.

Agora o linho é dividido em *estrigas* (pequenas porções de linho) e a estopa em *árnios* (rolos). Os tomentos ficam de parte. O linho está pronto para fiar.

As fiadeiras, de roca à cintura, fiam-no para o fuso, originando as maçarocas. Um conjunto de 24 maçarocas formam uma meada. As meadas são dobadas na dobadoura, indo depois para a barrela de água e cinza, feita no *dornalho* (recipiente de cortiça) para branquear.

Vão depois ao forno a cozer sobre *couchas* (pedaços de cortiça) depois de barradas com bosta de boi para que as meadas não se queimem. Ficam duas noites no forno, com a porta também barrada, geralmente desde a última fornada de sexta feira até segunda.

Voltam a ser lavadas num chão ou lameiro onde corresse uma grande levada de água para que as cinzas fertilizassem o solo.

Posteriormente as meadas eram enfiadas em canas e levadas para o estendedouro sendo estendidas em cima de relva a *corar*.

Finalmente enfiavam-se no argadilho ou sarilho fazendo-se os novelos que as tecedeiras iriam transformar em pano. *Algum dia* havia bastantes tecedeiras no Sobral.

A estopa aproveitava-se para fazer enxergas e sacos.

Até o mais pequenino pano de linho, mesmo velho, servia para pôr sobre as feridas que não infectavam!

C – PECUÁRIA

1 – Os animais domésticos

O gado foi outrora uma das maiores riquezas da aldeia. Como região montanhosa, estava vocacionada para uma economia agro-pastoril com predomínio para o pastoreio. O gado, com sua força de trabalho, seus dejectos

que enriqueciam os magros terrenos, o leite, o queijo ou a lã equilibravam a fraca economia familiar¹.

Não poderei esquecer o porco, criado à pia com os restos da alimentação humana e um punhado de farinha, na loja, sob a habitação.

Não havia agregado familiar que não comprasse no princípio do ano um pequeno leitão e não o fosse engordando até ao Natal, altura da matança.

Os rebanhos, antigamente, possuíam muitas cabeças de gado, 30 ou 40 alguns. Geralmente, eram os filhos mais novos quem pastoreava os rebanhos. Mal acabava de nascer, ia para o campo onde logo aprendia a guardar o gado. Descalço ou de tamancos, com o cajado, o pífaro e a merenda, lá ia deitar o gado para a lomba e aí passava o dia. Tinha como companhia o cão que o ajudava a enfrentar os lobos. A merenda era frugal: broa ou pão centeio, azeitonas ou cebola, queijo ou chouriça.

Ao anoitecer metia o rebanho no curral e ordenhava as *chibas* (cabras). Trancava-as e levava o leite na ferrada ou, mais tarde, na lata, para a casa, onde a mãe fazia o queijo ao serão.

Todos os dias tinha de roçar algumas *paveias*, braçados de mato, para fazer a cama dos animais. O mato predominante é a carqueja e urze que, depois de apodrecidas nos currais, serviam de estrume.

Cada cabra ou ovelha tinha seu nome. Sempre que o pastor a chamava, acudia imediatamente. Lembro-me perfeitamente de alguns nomes da cabrada do meu avô: a garrida, a tangerina, a mocha, a pomba, a sarenta, a caiada, a mamilada²...

Da pele das cabras ou ovelhas se faziam os odres para transportar azeite ou vinho. Além dos lagareiros, também os almocreves que passavam pelo Sobral alguns da minha lembrança utilizavam os odres no transporte a longa distância. A pele era cosida pela barriga ficando o pescoço para gargalo.

O gado era mudado de uma propriedade para outra passando pelas *canadas*, caminhos públicos e murados entre as hortas. Há ainda no Sobral várias canadas que deviam ser preservadas: a da Laje, a da Jasteira³, a do Tarrastal, da Feiteira, Foz da Portela, etc..

Alguns provérbios ligados à pastorícia:

Ovelha que berra, bocado que perde.

Cada ovelha busca sua parrelha.

1 A raça de ovelhas criada no Sobral era fraca para a produção de leite, sendo mais aproveitada pela sua lã que era trocada por cobertores (por exemplo em Alvoco da Serra).

2 O nome era atribuído devido a alguma característica que a cabra possuísse: "mamilos" sob o focinho, cor da pele, não possuir chifres, etc..

3 O mesmo que Giesteira, giestal.

*Se queres ter cabras e ovelhas, anda atrás delas.
Pouco gado, pouco assobio.
Cão que muito ladra não morde.*

Havia algum gado bovino, cuja força se utilizava nas sementeiras e colheitas. Não era vulgar o gado leiteiro.

Mais tarde surgiu o burro, usado nos transportes¹.

Todo o gado é objecto de mil cuidados, principalmente o bovino ou suíno (vacum apenas existem duas ou três cabeças turinas e é pouco comum a existência de vacas amarelas).

Quando um animal ficava doente logo a casa andava num alvoroço. Não havia veterinário. Rezava-se a Santo António e oferecia-se a língua do porco que era arrematada à saída da missa para obras da igreja. Faziam-se remédios caseiros, de barba de milho, *marcela*², da flor da carqueja, unturas de azeite, etc.. Para curar o sarnão do porco untava-se este com azeite misturado com enxofre.

2 – O leite e o queijo

Para que o gado caprino ou ovino desse mais leite era necessário orientar as cobrições. Estas tinham de ser feitas de modo que as crias nascessem na época dos pastos abundantes.

Era feita em Junho ou Julho, normalmente com chibo emprestado, parindo as crias no Inverno. Se as crias não fossem vendidas punham-lhes um *barbilho* na boca para não mamarem o leite e se habituarem a comer a erva e mato. Além disso, o leite era necessário para o fabrico do queijo.

Se alguma cabra *maneava* (abortava) era vendida pois não dava o devido lucro.

O leite, depois da ordenha, é levado para casa, sendo coado por coadouro de linho para retirar suas impurezas. Em seguida deita-se-lhe o coalho (um pedacito de estômago de cabrito, seco na altura própria, recheado de leite e contendo as enzimas necessárias à coagulação) ou, menos vulgar, a flor do cardo (pisava-se a flor numa tijela de barro com um pouco de água, coando-se de seguida para o leite). Coloca-se o leite à volta da lareira para

1 O burro surgiu quando começou a emigração. Com a partida dos homens na força da idade, os que ficaram e as mulheres tiveram de deitar mão aos burros para apoio das fracas forças. E havendo mais dinheiro não fazia sentido continuarem carregando aos ombros ou à cabeça as pesadas sacas de milho ou molhos de lenha. Simultaneamente deu-se um decréscimo no gado caprino (passaram a ter três ou quatro cabras para gastos de casa) e no bovino, ao serem introduzidos os primeiros tractores.

2 O mesmo que macela ou camomila.

amornar e, passado pouco tempo, está coalhada. Faz-se então o queijo ou come-se a coalhada.

Para fazer o queijo deita-se a coalhada no *acincho* que está dentro da *francela*. O acincho é uma forma cilíndrica de lata com pequenos orifícios por onde escorre o soro e serve de molde do queijo¹. A francela é uma tábua grossa, escavada e com bordos à volta, terminando numa ponta por onde escorre o soro.

Vai-se enchendo o acincho com coalhada e espremendo-se esta com as mãos. Pretendendo-se comer o queijo fresco aperta-se menos a coalhada.

Feito o queijo é o mesmo posto na queijeira, com sal, a secar.

O soro servia também para a alimentação das gentes do Sobral: "*o soro com broa migada é um bom manjar*".

Depois de secos, *curados* ou *queimosos*, eram o conduto principal do Verão e Outono. Para ficarem macios eram untados com um molho de azeite, vinagre e pimento (colorau), embrulhados em folhas de *botelheira* ou de couve e guardados num pote de barro – o pote dos queijos.

3 – A matança do porco

Como foi dito, todo o sobralense cria o seu porco que mata anualmente. É criado no curral ou cortelho, junto ou no rés-do-chão da casa. Come os restos da comida humana, cascas de batatas, frutos estragados, nabos ou hortalíça... Constituíam a chamada *vianda*. No Inverno fazia-se o *cozinhado*: metiam-se no caldeiro batatas, nabos, botelhas, tudo partido em pedaços, e coziavam-se em pouca água, mexendo de vez em quando para não agarrar ao fundo. O objectivo era engordar o porco o mais depressa possível. Também era a época do ano em que abundavam as hortalíças.

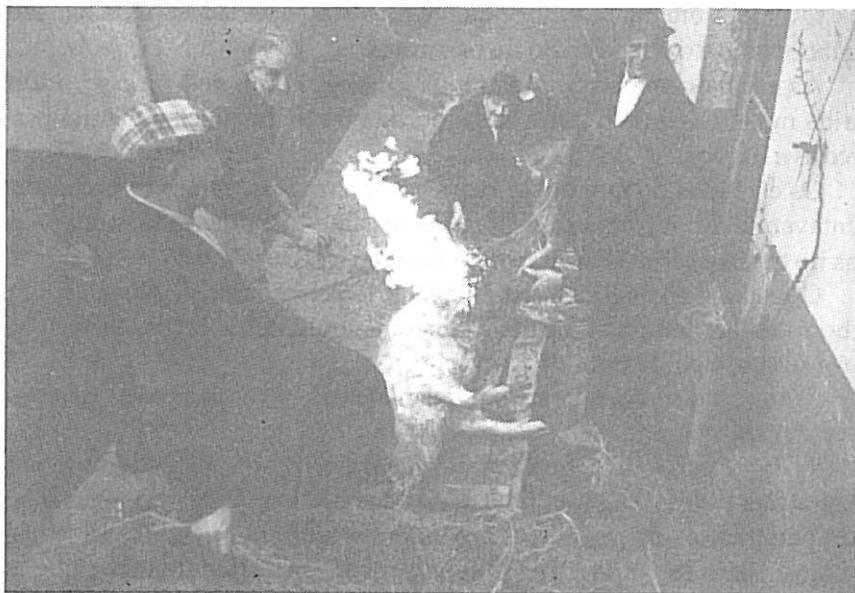
Alimentado três vezes ao dia, era morto por altura do Natal, no tempo frio, para não estragar a carne.

O dia da matança era de festa e comida melhorada. Começavam a fazer-se os preparativos na véspera. O chefe da casa avisava os homens da família (irmãos, cunhados, tios ou primos) que a matança era de manhãzinha.

Às cinco ou seis da manhã juntavam-se os homens à lareira para tomar a *bucha*. Bebiam aguardente com mel, comiam castanhas cozidas ou filhós enquanto contavam as últimas novidades.

Depois do repasto iam ao curral levando uma corda para atar ao focinho do porco. Este era puxado para o meio da rua e colocado sobre um banco de madeira onde era sangrado pela pessoa com mais jeito.

¹ Antigamente usavam-se acinchos de madeira (de corras de castanheiro), tendo sido exposto um exemplar na Exposição realizada nas festas do 1º Centenário da Freguesia do Sobral em 1988 (secção etnográfica).



A matança do porco

O sangue ia caindo para um alguidar de barro sendo mexido por uma das mulheres presentes para que não coagulasse. Tirava-se depois o porco do banco e deitava-se sobre várias tábuas, por vezes a porta do curral, sendo chamuscado por grandes e secas carquejas há muito apanhadas com essa finalidade.

Entretanto, os sapateiros do Sobral, mal ouviam *cuinhar* um porco, pegavam num alicate e iam à procura do animal para se aviarem de algumas *sedas* que serviam para arranjar os fios com que coziavam os sapatos (faziam as vezes de agulha).

Chamuscado o porco, *faziam-se as unhas* do mesmo, que eram muito bem queimadas para facilitar a sua saída. Era então lavado trocando-se alguns ditos sobre a operação invulgar em tal bicho. Com navalhas, latas das bicas dos pinheiros ou lascas de xisto era o porco raspado de modo a perder algum pêlo que ficasse por chamuscar. As crianças e mulheres iam buscar baldes e regadores de água à fonte com a qual se lavava muito bem o animal.

Transportado com muito custo (pesava muitas arrobas) para dentro de casa, dependurava-se de uma *escápula* forte com a ajuda do *chambaril* (pau curvo que era passado entre os tendões das patas traseiras). Abria-se para retirar as tripas, depois lavadas na ribeira (previamente eram limpas dos untos agarrados), enquanto os homens almoçavam.

O almoço era quase um banquete, com pratos variados, onde não faltava o melhor *bucho* e o melhor paio do ano anterior.

As mulheres, mal voltavam da ribeira, comiam à pressa, indo de seguida meter os untos e outra carne gorda no sangue, iniciando a feitura das morcelas e buchos.

Os enchidos de sangue levavam breve cozedura, sendo retirados os que rebentavam e comidos pouco depois. Os restantes penduravam-se em pregos e varas no caniço, sobre a lareira, onde ficavam a secar.

O restante enchido era feito mais tarde pela dona de casa. A carne para as chouriças era temperada e guardada em alguidares a curtir. As farinheiras eram o último tipo de enchido a ser feito.

À noite, ao serão, o porco era desmanchado e comiam-se os miolos com ovos mexidos.

Toda a carne era guardada na *salmoeira* ou salgadeira (arca de madeira meia de sal). Quando os presuntos estavam salgados *levantavam-se* sendo pendurados no fumeiro. Secos, untavam-se com um molho de vinagre e pimento caseiro (seco no forno e depois moído num dos moinhos que então existiam em grande quantidade).

A carne de porco era a base da alimentação das gentes do Sobral juntamente com o centeio e a broa.

É curioso o seguinte: sempre que, em conversa, se pronunciava a palavra porco os sobralenses acrescentavam *com sua licença* ou *com licença*.

Contam os mais antigos que, passados dois ou três dias da matança do porco, enquanto houvesse carne fresca, se fazia a *brejoada*. Juntava-se a família mais chegada, comia-se e bebia-se. Arranjava-se uma boa panela de sopa de cabeças de nabo com chouriço e carne.

Cozia-se também carne fresca com batatas e fazia-se a *fritada* (mistura de fígado, entretinho, sangue cozido, tudo temperado com sal e colorau). Era uma festa de convívio que, segundo os antigos, deixou de se fazer há mais de quarenta anos¹.

1 Actualmente as matanças perderam muito do seu tipicismo, passaram a ser actos quase íntimos, a carqueja foi substituída pelo bico a gás e todo o trabalho é feito sem qualquer tom de festa.

4 – As abelhas e o mel

Outra grande fonte de riqueza é o mel. Viam-se outrora grandes *silhas* de cortiços nas encostas soalheiras. Hoje ainda há sobralenses com bastantes colmeias, mas os incêndios de origem criminosos e, actualmente, a *varroose*, têm dizimado tudo.

As abelhas vivem em conjunto, dentro do cortiço, distinguindo-se a abelha mestra dos zângãos e obreiras¹; formam o enxame.

No tempo das flores chupam o néctar² que levam para a colmeia transformando-o em mel e cera. Mas mais interessante é vê-las no tempo do estio, principalmente nos meses de Julho e Agosto, à porta ou *aivado* da colmeia a ventilar o cortiço.

Lá diz o rifão: *Julho abafadiço, fica a abelha no cortiço.*

Há outras que se juntam em fontes ou represas de água para a transportarem para a colmeia e lavarem a cera. As abelhas começam no cimo do cortiço a fabricar a cera e a pôr o mel. Depois de estar rebocado até ao fundo, é que se lhe deve tirar o enxame. Se não for tirado, ele sai e procura um buraco num tronco de árvore ou cortiço abandonado.

O enxame tira-se *afegando* bem a colmeia, levando esta para um poiso que já deve estar preparado e da altura do cortiço. Coloca-se a colmeia encostada ao poiso, na parte de baixo. No poiso deve estar colocado outro cortiço. Dão-se então pequenas pancadas com as mãos na colmeia e ao mesmo tempo no cortiço. As abelhas começam a passar em poucos minutos da colmeia para o cortiço.

Se a abelha mestra morre, todo o enxame abandona o cortiço.

O mel é tirado com a *crestadoura*. Com esta, levanta-se o tampo metendo-lhe fumo do afarador ou fumigador, para que as abelhas desçam para o fundo do cortiço. Então mete-se a *crestadoura* de cima para baixo para extrair o mel (cresta). Os pedaços de cera contendo o mel são os favos.

Depois de transportado é espremido em casa para separar o mel da cera.

Esta operação consiste em apertar com as mãos os favos formando bolas de cera que são metidas em água. A cera é vendida posteriormente e o mel é guardado em potes.

Aproveitava-se ainda a água onde estivera a cera (água mel) para fazer as saborosas papas com farinha de milho.

1 As abelhas constituem uma sociedade bem organizada, do tipo das clássicas guerreiras Amazonas, onde o macho era reduzido a uma posição subalterna. Por vezes, os machos (zângãos) aparecem no cortiço em demasia destruindo toda a política da colmeia dizendo-se então que a colmeia machiou, sendo solução única afogar o cortiço numa presa, pois deixou de ser produtivo.

2 Para um estudo mais pormenorizado sobre as abelhas e sua cultura no Sobral pode ler-se o artigo publicado no jornal "O CENTENÁRIO" sob o pseudónimo de Manuel Mateus.

D – ARTESANATO – INDÚSTRIA

A indústria propriamente dita apareceu no Sobral ainda não há trinta anos. Então se instalaram uma padaria associada a uma moagem e serração.

Actualmente, além destas indústrias, existe outra serração, uma serralharia e vários industriais de resinagem.

Outrora apenas existiam indústrias familiares e artesanais. Era o próprio agregado familiar que fabricava o pão, o vestuário de linho e lã e sapatos (tamancos).

Havia vários artesãos: o sapateiro, que fazia sapatos e botas de longa duração cosidos à mão; o ferreiro, que fazia e arranjava as alfaias agrícolas; o ferrador, tão útil no Sobral por ser ponto de passagem e que hoje já não tem trabalho que executar; as tecedeiras do linho, estopa e lã e das mantas de fitas. Na minha infância conheci ainda três a trabalhar: a tia Piedade Rosa, a tia Antónia Lopes e a tia Ana Dioga. Havia também o tear da tia Teresa Luísa. Onde estarão hoje esses teares? Por certo já desapareceram. Não haverá jovens que queiram aprender?



A forja da Eira

Foram desaparecendo do Sobral sem que, ninguém aprendesse, os *canastreiros* (cesteiros) e os empalhadores de garrafões. Agora, os cestos compram-se nos mercados e pouco aparecem. O plástico tirou-lhes a vez.

Além destas actividades é de referir também outro artesanato local já esquecido pela maioria dos sobralenses:

O abanador de palha, de palha de trigo que servia para espevitar o lume;

A bolsa das romarias e mercados, feita de bocados de vários panos¹, com borlas de lã nos cantos e servia para levar a merenda;

A algibeira, feita de pano, para transportar o dinheiro, que as carvoeiras e as mulheres do comércio ambulante (galinhas, caldeiros, retalhos de pano...) traziam debaixo da saia;

A bolsa do relógio, redonda e feita de linhas;

A bolsa do dinheiro, feita de linha com cinco agulhas e com três pequenas borlas no fundo;

As gamelas de pau, de vários tamanhos, serviam de alguidares e tigelas.

Os tropeços, bancos de cortiça pregada com pregos de madeira;

As rodilhas, que ajudam no transporte de carregos.

Nas últimas viagens que fiz ao Sobral pareceu-me que o artesanato estava a renascer. é necessário incentivar os jovens. é urgente criar um ecomuseu antes que tudo o que resta desapareça.

E – COMÉRCIO

Existiram, noutros tempos, quatro lojas que vendiam de tudo: produtos de mercearia, calçado, roupa, utensílios de cozinha e uma delas era simultaneamente taberna. Além desta havia mais três tabernas.

Actualmente, o comércio vai-se diversificando, havendo já lojas de loiças, electrodomésticos, mobílias, sapatarias, cafés e restaurante, além de outras lojas tipo minimercado.

Para lá do comércio local há os vendedores ambulantes, que, em furgonetas e camionetas, vêm vender as mais variadas mercadorias: fruta, peixe, carne e peças de vestuário. Também chega à terra o ourives uma vez por semana. De vez em quando aparece um feirante que espalha no chão a

1 No século passado a indústria de panos estava florescente no Sobral, onde havia muitos teares laborando em consonância com a Covilhã. Um dos locais onde existiu um grande grupo de teares foi então denominado de fábrica (na rua das Sobreiras).

variada mercadoria¹.

Os sobralenses fazem também as suas compras no Fundão (2ª feira é dia de grande mercado), Covilhã e mercados em aldeias dos arredores.

Antigamente o povo do Sobral costumava ir aos mercados do Fundão, Paúl, Vide, Lourosa e Oliveira do Hospital.

Eram camiñhos difíceis de percorrer. Iam e vinham a pé e bastante carregados, por veredas de serra.

De lá traziam o feijão ou compravam os bois que criavam para as sementeiras. Demoravam bastante nessas andanças, dormindo por vezes no caminho, mas tudo servia de divertimento.

Quantos namoros e casamentos não se arranjaram pelos caminhos dos mercados e feiras?!

F – MOVIMENTOS DEMOGRÁFICOS

Freguesia de solos delgados e xistosos, sem comunicações fáceis, consumindo quanto colhia, com a população em constante crescimento, não podia aguentar um mau ano agrícola sem que a fome entrasse pela casa dos pobres e carências alimentares se sentissem à mesa dos mais abastados. O baixo nível de vida, acentuado pelo excesso demográfico, obrigam a população a sair em busca do pão que na aldeia faltava. Saíram, primeiro, sazonalmente, para as ceifas nos campos das Idanhãs; depois, para a *Borda d'Água* colher tomate e vindimar; alguns emigram para as antigas colónias de África ou Canadá. Só mais tarde, nos anos 60 e 70, ingressam em força nos países europeus², nomeadamente a França, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo e Suíça.

É de referir, também a colónia de sobralenses radicada em Lisboa e arredores. Lisboa, em períodos de crise nos campos, tornou-se um pólo de atracção das gentes do interior, onde encontravam trabalho no comércio, indústria e serviços, êxodo facilitado pelas melhores vias de comunicação e novas indústrias³.

De todos estes movimentos, um dos mais importantes foi sem dúvida a emigração para os países da Europa. Uns foram legalmente, outros *a salto*, uns

1 Normalmente à saída da missa dominical. Era igualmente à saída da missa que nas primeiras semanas do ano apareciam os manadeiros vendendo os leitões que iriam substituir os marranos há pouco pendurados no charnail.

2 Muitas lágrimas custou a primeira saída para a Europa nos anos trinta, após a Grande Depressão. Os países escolhidos foram a França e a Espanha. Alguns desapareceram no torvelinho da Guerra Civil de Espanha onde alguns lutaram por seus ideais.

3 Infelizmente, alguns viram o seu nível de vida degradado, confinando-se a viver em bairros de lata ou desenraizados em atrofiantes bairros dormitório.

foram puxando outros, até que o Sobral ficou apenas com uma população envelhecida.

Casas e ruas vazias de gente que apenas enchem nos meses de Verão. Os velhos agricultores que nunca dali saíram comentam: há já por aí muitos franceses, todos os dias chegam muitos. Os pobres de antigamente são hoje os ricos e ricos que tinham muita lavoura são hoje os pobres¹.

Aspectos negativos surgiram com a emigração. Aos poucos a fisionomia da povoação foi sofrendo alterações. As casas tradicionais foram desaparecendo e substituídas por tijolo e telha, pintadas de cores garridas! Os campos ficaram incultos e cheios de ervas daninhas: "*só trabalham os velhos*".

Outro movimento migratório importante do Sobral era *ir para a Mina*, trabalhar na Minas da Panasqueira. Foi um dos principais modos de vida neste século, nomeadamente no período da 2ª guerra mundial. iam para a Mina 2ª feira, de noite, regressando sábado à tarde ao Sobral. Demoravam uma hora no caminho, pois as Minas ficam a uns sete km a SW do Sobral. As mulheres ficavam a cuidar da casa e dos filhos e a tratar das leiras.

Quantos sobralenses morreram, *alagados*, nas minas? Quantos mais não ficaram com o mal da mina, Silicose, que cedo lhes roubou as vidas? O Sobral foi estatisticamente considerado na década de 60 a aldeia com maior percentagem de viúvas em Portugal. A estatística foi então publicada num número da revista "Flama". Não é por acaso que os seus habitantes andam geralmente vestidos de negro.

A mina foi grande fonte de receita, não para os mineiros, mas para os da *candonga* na década de 40-50, como refere o professor Gabriel dos Santos no seu livro.

1 A emigração causou no Sobral, e não só, uma inversão de classe social. Se no Sobral não existia, verdadeiramente, uma classe rica, o que é certo é que todos aqueles que andavam à jorna, dependentes do pouco dinheiro que o trabalho do campo permitia, partiram à aventura, restando só os que a idade impedia de sair, ficando os campos por cultivar por falta de braços capazes para a lavoura. Sem outro apoio, os que ficaram limitam-se a cultivar para gastos de casa e a receber as parcas mensalidades que a Segurança Social ou Caixa de Pensões lhes paga.

III

A CASA

Atendendo à topografia do solo, o Sobral é uma povoação de encosta, distribuída contra o vento e bem exposta ao sol. Devido aos acidentes hidrográficos é um povoado marginal e alongado com as casas dispostas ao longo do vale. Se atendermos às vias de comunicação é uma povoação linear ou povoação-rua, pois as casas dispõem-se de um e outro lado de duas ruas principais.

O habitat é aglomerado, o que revela a pobreza do solo e o clima agreste. Este habitat é a mais antiga forma de urbanismo rural, que derivou da necessidade de defesa, auxílio mútuo nos trabalhos agrícolas e criação de gado. Há uma grande relação de dependência entre o ambiente físico e a casa.

A casa é, no seu conjunto, a do Norte, de planta rectangular de dois ou mais pisos. Conta-se que nos primeiros tempos a casa só tinha dois pisos. Era de xisto, coberta com ardósia (lajes), tinha uma janela e um janelo na cozinha. Os quartos eram à medida da cama, sem janelas e com pilheiras na parede servindo de armários. A cozinha tinha também pilheiras onde se guardava a loiça e a lareira era 40 cm abaixo do soalho, servindo este de banco. O rés-do-chão era para o gado e adega.

Mais tarde construíram-se as casas com três pisos, rés-do-chão e dois andares habitáveis, não sendo caiadas e cobertas de lajes.

Geralmente no piso superior tinham varanda com latadas (videira crescendo encostada à parede). No rés-do-chão existiam duas lojas: uma que servia de curral para o gado, e outra onde guardavam as pipas e dornas do vinho, os potes do azeite, alfaias agrícolas, a salgadeira e arcas de milho. Nela se fazia a tulha de azeitonas no tempo da apanha.

Os dois andares chamavam-se a *casa de cima* e *casa de baixo*.

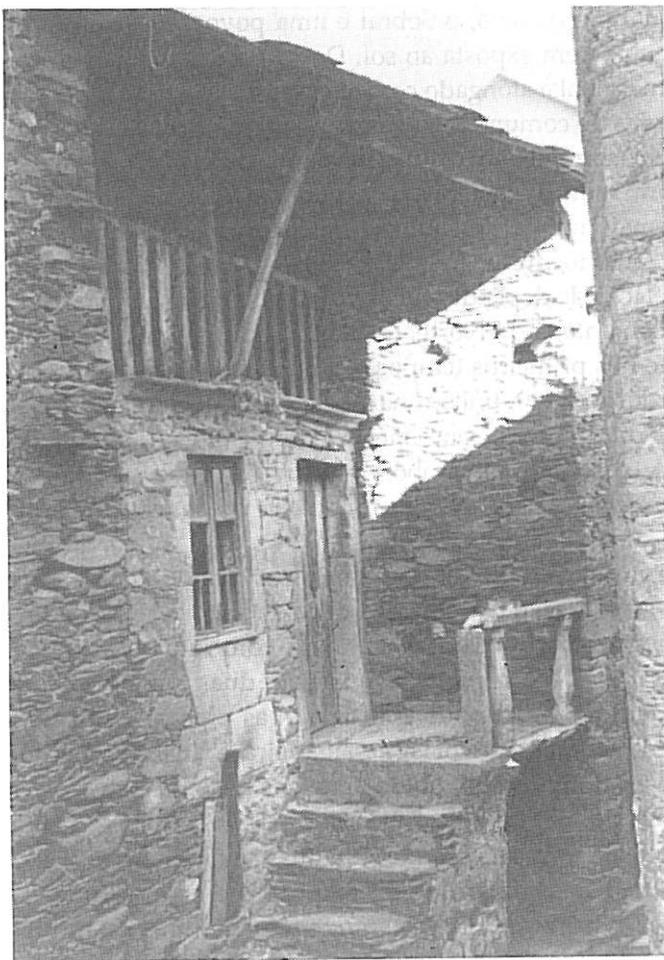
Na casa de baixo existia uma sala grande com duas janelas e dois ou três quartos dando para a sala. Estes podiam ter ou não janela e eram pequenos, mal cabendo a cama. As divisórias interiores eram em madeira. A sala tinha as paredes cobertas de quadros de santos, uma mesa encostada à parede, várias cadeiras e uma ou duas arcas para guardar a roupa. No tecto da sala e dos quartos eram penduradas as uvas e maçãs, que duravam muitas vezes até à Páscoa.

Era nesta sala que se dependurava o porco no dia da matança¹.

Um pequeno corredor e uma escada dava passagem para o 2º andar.

No 2º andar estava a cozinha, outra ala menor e dois quartos; um podia servir para dormir e o outro guardava a queijeira, potes de mel e queijos, além de batatas que não coubessem no forro.

Na sala, que dava para a varanda, faziam-se as debulhas de milho e comia-se nos dias de festa. Era composta por uma mesa com quatro ou cinco cadeiras e uma cantareira onde estavam os cântaros de barro (por vezes estes ficavam junto à cozinha) com água e a loiça melhor.



*Varandas
e balcões*

¹ Nesta sala se passavam as maiores solenidades da família. Aqui se recebiam os familiares e amigos nas Boas Festas Pascais, se faziam as bodas dos filhos ou se velavam os membros da família falecidos...

A cozinha, com uma janela, tinha a lareira feita com uma mó de moinho, as *cadeias* onde dependuravam as panelas de ferro, ou onde punham as *trepes* para assentar os tachos e panelas.

À volta havia um banco comprido pregado à madeira que servia de divisória, além de outros bancos individuais, de madeira. Utilizavam-se igualmente os *tropeços* de cortiça, bem quentinhos e leves.

Nas paredes da cozinha havia pilheiras e cantareiras onde se guardava a loiça que andava ao uso, bem como a *amintolia* do azeite. A loiça, depois de lavada, era deborcada na pilheira sobre carquejas, renovadas regularmente. Aqui se mantinha a escorrer e limpa enquanto não era utilizada novamente.



Pormenores

Também o saleiro era grande, em madeira e com um buraco onde se metia a mão para tirar o sal, cabendo o braço até ao fundo.

A cozinha, no Inverno, era a sala de visitas dos nossos dias. Ali se passavam belos serões cantando versos, quadras e cantigas, consoante a época do ano. Os mais velhos contavam a vida dos santos, adivinhas e anedotas à roda do lume¹.

A rádio e a televisão acabaram com estes serões!

Por cima destes pisos havia o *forro*, sótão, dividido em duas partes: a que estava sobre a lareira chamava-se *caniço*, era aqui que se deitavam as castanhas a secar antes de serem pisadas. No resto do forro guardava-se a lenha, batatas, cebolas, etc..

O telhado era de lajes vãs, de uma ou duas águas. As madeiras, os *garrotes*, eram de castanho ou pinheiro.

O Sobral foi bem bonito até aos anos sessenta! As casas, todas de xisto, davam à aldeia um tom cinzento azulado de onde sobressaíam os verdes claros das latadas e verde-cinza das oliveiras e sobreiras que se enleavam por entre o casario. Apenas se diferenciavam a igreja e a *casa branca* à Ponte.

Não falemos da casa moderna do Sobral pois é idêntica à citadina, onde não faltam o telefone e a televisão. Não há casas à renda e com dificuldade os professores que aqui vêm leccionar encontram onde ficar.

Não há agregados familiares diferentes vivendo no mesmo prédio. Mal pensam em casar tentam logo construir a sua própria casa. É por isso que o Sobral tem crescido tanto!

Quem casa, quer casa ou *Casa onde caibas e terras que não saibas* são velhos adágios que o sobralense não esquece.

1 A cozinha era o local mais importante da casa. Além de servir de sala de visitas no Inverno, ali se delineava o trabalho a executar no dia seguinte pelos membros do agregado familiar, se faziam muitos negócios, ou se invocava Deus através da oração.

IV

A ALIMENTAÇÃO

A alimentação dos povos montanhesees sempre foi sóbria e escassa. A carne que se comia, era por festa! As mulheres comiam carne de galinha ou cabrito por altura do parto, de resto a carne de cabra ou de bode aparecia só em casamentos e nas festas religiosas mais importantes: S. Miguel, Santa Bárbara e Senhora do Bom Parto.

A alimentação era melhorada por alturas da matança do porco, pela sementeira, em que era preciso *meter gente*, por exemplo, o lavrador, pela malha e nas festas.

A base de alimentação é hoje ainda, por ordem de importância, batata, feijão, carne de porco, broa ou pão centeio, a que se juntam couves, nabos e outras hortaliças.

Outrora, quando havia ainda grandes soutos, a castanha era o principal alimento.

Vejamos, então, a sua dieta alimentar. São três refeições: o almoço, às 9 horas; a merenda, às 14h e a ceia às 19 e meia.

Pela sementeira e no Verão tomava-se uma *bucha* ou *matabicho* antes da saída para o campo. Também se chamava *dejejuá* e era constituída por aguardente e pão com queijo ou sardinha, por vezes bacalhau frito, e raramente com sonhos ou filhós (na altura das festas).

O almoço era comido em casa no Inverno, no campo na Primavera e Verão (se não vinham a casa passar a sesta).

Era constituído por caldo, batatas ou feijão com couves, arroz, carne de porco ou chouriço, presunto ou queijo, pão e vinho. Por vezes as batatas com couves alternavam com feijão e couves.

Pelas 14h vinha a merenda: leite migado com pão, restos do almoço, bacalhau frito, pão e queijo ou presunto, vinho ou água fresca das fontes, presas ou minas das fazendas.

À ceia, já em casa, comia-se: caldo de couves com feijão, batatas ou de vagens, de nabos ou de botelha, consoante a época; seguidamente feijão ou batata de *escoado* (cozido juntamente com a sopa), pão e vinho.

No tempo da castanha a sopa era substituída pelo caldudo.

A fruta ia-se comendo ao longo do dia na fazenda. Colhia-se e comia-se.

O arroz, a massa e o peixe eram bastante raros na alimentação. De vez em quando lá aparecia a sardinha salgada ou o bacalhau. O grão – *gravanços* – e o feijão branco eram apenas comidos em festas.

A ementa das festas era, de modo geral, a seguinte: sopa de grão ou feijão branco, carne de cabra a acompanhar batatas cozidas, carne de porco e paio ou chouriço, morcela das largas, com o grão ou feijão branco, e doçarias – arroz doce, pão de ló, bolos de leite, filhós (cascoreis), trigo amarelo (amassado com ovos e açúcar), não esquecendo o vinho da casa.

Antigamente, pela festa de S. Miguel, patrono da freguesia, era obrigatório fazerem-se os *brulhões*. Assim, matava-se uma cabra, lavava-se a *buchada* da cabra, aproveitando-se o estômago (bucho).

Fervia-se este em água bem quente para ser raspado. Era dividido em partes que se cosiam formando umas espécies de paios, cheios de arroz cru com bocados de carne de porco entremeada, enchidos, sal, serpão e manjerico. Depois de cozidos comiam-se simples ou acompanhados de outra comida.

Dizem os antigos (e não só) que era um manjar!

É de salientar que, em certos dias do ano, havia pratos especiais. Por exemplo, no Domingo Magro comia-se o rabo do porco cozido; no Domingo Gordo, a carne mais gorda do porco (banda); no Carnaval, a orelheira e pé do cevado. Na Ceia Grande (5ª feira Santa) não podia faltar o caldudo, castanhas cozidas em pouca água às quais se juntava leite e, se pouco doces, um pouco de mel.

Também no dia seguinte à cresta das colmeias, depois de se espremerem os favos, se faziam as papas de farinha de broa com água mel. No Natal faziam-se sonhos a que se juntava mel (igualmente nas malhas de centeio), filhós e fatias douradas.

Repare-se que se consome quase exclusivamente o que se produz. A carne de porco tem de durar para todo o ano: *o ano é grande*.

Actualmente a alimentação vai variando. As pessoas enveredaram por uma alimentação mais citadina. Já poucos matam o porco e se gasta bastante pão de trigo, se bem que existam ainda quatro fornos comunitários a funcionar e muitos tenham forno em casa.

Alguns ditados populares relacionados com a alimentação:

Pão e queijo, vinho bom.

Abre o teu porco, saberás do teu corpo.

Por cima do leite, nada deite.

Tens mais olhos que barriga!

Pão quente, muito na mão, pouco no ventre.

Carne de hoje, pão de ontem e vinho de outro Verão fazem o homem são.

Quem não trabuca, não manduca.

V

O VESTUÁRIO

Se quase tudo que se consome provém da terra e do gado, o mesmo não acontece com o vestuário. Há mais de trinta e cinco anos que não se semeia linho ou se trabalha a lã. Tudo se compra nas lojas da aldeia, a vendedores ambulantes, ou fora¹.

A mantilha e todo o vestuário antigo desapareceram. O desenvolvimento das vias de comunicação, transportes e dinheiro abriram as portas aos tecidos industriais e à roupa feita.

Quando o traje antigo se usava, as mulheres vestiam, no Inverno, saias rodadas de lã preta, saiotes de escarlata bordados, saiotes de casteleta² com barras de fitas de seda ou veludo que chegavam quase aos pés, chambres ou blusas de abas e punhos largos e casacos pretos. Usavam lenços de merino ou de algodão que compravam nos mercados, xailes de lã e seda além de *capuchas*, capa que tapava a cabeça e ombros.

No Verão elas usavam roupas mais claras e garridas: blusas de punho largo com renda na gola e na aba, saias e saiotes de fantasia, de chita ou de armur com barras e lenços de seda com ou sem franjas. Os aventais eram de riscado e na abertura da saia usavam a algibeira.

Como roupa interior, usavam: camisas (até ao joelho), coletes para apertar os seios, anáguas (saias brancas que vestiam por cima da camisa), todas estas roupas em linho e mais tarde em pano cru.

Os homens usavam, no Inverno, camisa de linho ou de outro pano branco, com "dianteiras" (peitilho) por vezes de seda, engomada ao domingo; calças de surrobeco preto ou castanho, de saragoça, de montanhaque³ pardo ou castanho; colete; casaco e capote.

1 Um dos vendedores ambulantes que veio ao Sobral por muitos anos era natural do Dominguiso, de cuja terra tomou o apelido com que ficou conhecido, Zé do Dominguiso, e que fornecia as casas sobralenses de linhas, agulhas ou retalhos de pano. Eram também desta terra os farrapeiros que ao Sobral vinham comprar roupas velhas, peles de coelho e cabra, ou cera. Um pregão em voz arrastada se ouvia de amiúde em determinadas épocas: Farrapos, peles, cera...

2 Espécie de tecido fabricado principalmente em Portalegre.

3 Espécie de tecido de lã.

No verão, as calças eram de estambre ou de cotim; as camisas de riscado, de linho ou pano branco; ceroulas de linho ou de riscado.

Quanto ao calçado, todas as pessoas compravam o material (sola, cabedal, linhol¹, brochas e carda). Os sapateiros iam pelas casas, comendo a troco do seu trabalho, fazer o calçado: tamancos, tamancas, sapatos, chanquetas e chinelas.

Na cabeça, os homens usavam carapuças pretas, principalmente no Inverno, chapéus e gorras, hoje substituídas por boinas.

Nos dias de festa, de romarias ou mercados, vestiam as melhores roupas e as mulheres alindavam-se com cordões de contas em ouro e fios que davam várias voltas.

O preto ainda hoje é a cor dominante no vestuário das mulheres, por ser a cor do luto que se mantém durante muito mais tempo – as viúvas não mais deixam esta cor. Algumas cantigas relacionadas com o vestuário:

Minha mãe não quer que eu use,
minha teima sempre vale,
por baixo, saias *rodadas*,
por cima, o *avental*.

Fui ao jardim, fiz um ramo
de alecrim e limonete
para dar ao meu amor
para o bolso do *colete*.

O galo arrebita a crista,
o pito deita a "penuge",
se vens para cantar com fama
tira os *tamancos* e "fuge".

Provérbios ligados ao vestuário:

*Quem tem capa, sempre escapa – quem tem gabão, escapará ou não.
Albarda-se o burro à vontade do dono.*

O hábito não faz o monge.

Arremenda o teu pano, chegará ao ano. Volta-o a remendar, tornará a chegar.

Quem se veste de ruim pano, veste-se duas vezes no ano.

1 Fio untado de cerol (massa de sebo, pez e cera) com o qual os sapateiros cosiam os sapatos.

VI

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A – CICLO DE VIDA INDIVIDUAL

Não há sociedade sem família e a que está na base de quase todas as sociedades é a família nuclear constituída pelo marido, mulher e filhos, com fins económicos e de reprodução. Constitui-se um novo agregado familiar pelo casamento. Costuma aqui dizer-se: *casamento – apartamento* ou *quem casa – quer casa*.

Quando, noutros tempos, uma mulher ficava grávida, não era vigiada ou assistida pelo médico. Não havia estradas, os hospitais eram longe para se ir a pé, pelo que muitas vezes tinham abortos involuntários¹ e havida uma grande taxa de mortalidade infantil. O parto era em casa e a parturiente era assistida por curiosas ou pela própria mãe ou sogra que lhe preparava a cama com as melhores roupas.

Para o bebé nascer, a mãe podia estar ajoelhada, deitada ou sentada. Durante o primeiro dia, o bebé mamava em mulheres que tivessem tido crianças há pouco tempo, ou então davam-lhe água fervida com açúcar. Só passadas as primeiras 24 horas é que a mãe passava a alimentá-lo com o seu próprio leite.

A mãe, durante um mês, alimentava-se de caldos de galinha, cabrito, migas de chocolate, bacalhau *dessado*, vinho do Porto para dar força e outros mimos. Neste período não fazia trabalhos forçados nem ia para o campo. Estes eram feitos por familiares, vizinhas ou pessoas amigas.

Era visitada por amigas e vizinhas que lhe levavam, açúcar, marmelada, pão de trigo, ovos e por vezes mercearia.

Passado o perigo, regressava à faina habitual (cozer pão, lavar roupa, esfregar a casa, trabalhar no campo) e nessa altura levavam consigo a criança. Punha o *cesto* (caminha do bebé) à sombra de alguma árvore ou de palheiro.

¹ Muitos dos abortos eram ocasionados pela falta de cuidado e repouso nas horas antecedentes ao parto. Casos houve de parturientes que, com o parto próximo, iam para o campo, vindo ter o filho a casa depois de uma manhã de canseira. E não foram raros os casos de mulheres irem trabalhar poucas horas a seguir ao parto. Não é, pois, de admirar que se vissem muitas mulheres prematuramente envelhecidas.

Quando as crianças tinham algumas semanas, era costume furarem as orelhas às meninas com o *cu* da agulha, enfiada numa linha e no fim, para não infectar punham-lhe azeite. Nas orelhas ficavam então uns *brincos de linha* até que se comprassem uns brincos ou *arrecadas* de ouro.

Antigamente as crianças estavam mais sujeitas a certas doenças infantis, uma vez que a medicina estava pouco desenvolvida, havia poucas vacinas e não existiam estradas. Então todas as doenças eram curadas com *mezinhas* caseiras. Para curar o sarampo, a mãe envolvia a criança em roupas ou cobertores vermelhos. Para tratamento da papeira ou *Tresorelho*, punham unto do porco, sem sal, atrás das orelhas.

Para adormecer as crianças, cantavam-lhes canções de embalar e ninguém podia fazer barulho para não a acordarem. Como os berços eram de baloiço, abanavam-se cantando:

Vai-te coca, vai-te coca
para trás daquele telhado
deixa dormir o menino
um soninho descansado
ô ô ô ô ô ô

Vai-te coca, vai-te coca
para trás daquele outeiro
deixa dormir o menino
que está no sono primeiro
ô ô ô ô ô

Vai-te coca, vai-te coca
que a mãezinha logo vem
foi lavar os cueirinhos
à fontinha de Belém
ô ô ô ô ô

O meu menino é d'oiro
é d'oiro o meu menino
hei-de levá-lo aos anjos
enquanto for pequenino.

Passados alguns dias ou semanas após o nascimento são baptizados.

Antigamente a mãe não acompanhava o filho à igreja. Ajudava a confeccionar o almoço melhorado: canja ou sopa de grão ou feijão branco, carne de porco, carne fresca assada (cabrito ou cabra), arroz doce e bolos caseiros. Convidavam para este banquete além dos padrinhos, os familiares mais chegados. A escolha dos padrinhos recaía sobre os tios ou amigos.

Não é costume os avós serem os padrinhos no Sobral. O nome era posto pelos padrinhos e estes ofereciam ao afilhado o vestido do baptizado quando tinham possibilidades, porque na maior parte dos casos não davam nada.

Ficam a tratar os pais dos afilhados por compadres e ficam com alguns deveres para com este. No caso da criança ficar órfã, a madrinha zela pelo afilhado.

Não era costume festejar-se o aniversário das crianças. Por vezes fazia-se arroz doce para que elas se não esquecessem do seu dia.

Poucas eram as que iam à escola. Nesta altura começavam a guardar o gado e a ajudar os pais naquilo que podiam. Só deixavam de ajudar os pais quando casavam.

Com a escolaridade obrigatória, todas as crianças passaram a frequentar a escola que possui quatro salas.

Eram raras as que seguiam os estudos: uns iam para o Seminário (Fundão ou Tortosendo) e poucos para o ensino secundário.

A partir dos anos sessenta, com a emigração, muitos jovens puderam continuar os seus estudos, havendo, actualmente, muitos sobralenses com o curso superior.

1 – *Adolescência, namoro e casamento*

Noutros tempos os rapazes e raparigas consideravam-se adultos logo que começavam a trabalhar, mesmo que fossem jovens.

Não tinham tempo livre, trabalhavam de sol a sol no campo. Só se divertiam quando iam aos mercados, feiras, romarias ou por ocasião das festas. Era nestas *diversões* que por vezes arranjavam os namoros. Muitas vezes o rapaz que andava com *intenções* em uma rapariga, seguia-a até à *fazenda* e aí, se ela estivesse sozinha, lhe *falava* (pedia namoro); se não andasse sozinha aguardava outra ocasião até que conseguisse falar-lhe. No caso de ela aceitar comunicava à família e a partir daí começava a ir a casa dela, à noite, namorar à frente dos pais.

Na maior parte dos casos eram os pais que *faziam* (arranjavam) os casamentos, isto é, o pai do rapaz falava com o pai da rapariga, de quem a família gostasse.

Nunca se viam na rua rapazes a falar com raparigas, nem tão pouco ao lado um do outro, mesmo que já se namorassem.

Marcavam a data do casamento, sempre pela igreja e convidavam os familiares e amigos para a boda.

A noiva não costumava ir de branco, levava fato preto de armur que depois guardava para a mortalha, para quando morresse.

À porta da igreja, os convidados deitavam flores aos noivos e a boda, isto é, o banquete, era feita nas casas do noivo e da noiva. Os convidados do noivo, almoçavam em casa dos pais deste. Na casa dos pais da noiva, almoçavam os noivos, convidados e pais dela. À noite (ceia), os noivos trocavam, iam comer à casa dos pais do noivo com os convidados deste, ficando na casa dos pais da noiva apenas os pais dela com os convidados destes.

A comida da boda era com fartura: canja, quatro ou cinco pratos a acompanhar com cabritos e galinhas assados, carne de cabra, sobremesas várias (arroz doce, pudim, pão de ló, trigo amarelo, *talaças*¹, cascoreis, filhós e bolos de leite) e vinho da casa. Guardavam-se quatro ou cinco cabras do rebanho e os cabritos para esse dia.

O novo casal ia viver para sua casa que previamente tinha construído e passava a trabalhar nas terras que os respectivos pais lhes doavam por altura do casamento.

Essas terras eram tratadas por eles apesar de continuarem a pertencer aos pais e só eram partidas, por morte de um dos progenitores.

Como já foi dito, os sobralenses trabalhavam no campo e nas minas da Panasqueira, antes de emigrarem para a Europa. Assim, se o marido trabalhasse nas minas, a mulher tinha de fazer todo o trabalho do campo sozinha, fazer comida, tratar dos filhos e deitar por volta das 8h da noite, para no dia seguinte às cinco da manhã ir de novo para o campo. Era uma vida dura até à velhice. Casos de divórcio não havia, embora houvesse algumas separações.

2 – *Viuvez, velhice e morte*

A percentagem de viúvos é baixa, havendo mais viúvas do que viúvos devido à grande mortalidade causada pelas minas².

Só muito raramente uma viúva volta a casar. Esta maneira de proceder é quase sempre devida ao medo da censura que é feita pelas pessoas da aldeia, dizendo que não teve respeito nem amor pelo defunto.

Quando os viúvos não voltam a casar, ficam a viver com os filhos ou sozinhos, se se dão mal com estes.

Só depois da morte dos pais a partilha é feita. É raro haver partilhas em vida, mas há muitas desavenças nas heranças.

No Sobral não existe assistência à velhice; geralmente por volta dos setenta ou oitenta vem a morte.

1 Deverá dizer-se *talassa* e terá origem política (partido dos talassas, nos últimos anos da monarquia). Ter-se-ia formado o nome do verbo *talar* (abrir sulcos), devido à sua forma.

2 Não devemos esquecer que o índice de esperança de vida é superior nas mulheres.

Mal uma pessoa morre, avisa-se o sacristão para tocar a sinais: 2 vezes por uma mulher e 3 vezes por um homem. Assim, todo o povo fica a saber quem morre uma vez que mal ouvem tocar, se dirigem a perguntar.

A pessoa que morre, depois de amortalhada com a melhor roupa que tem, é velada durante 24 horas em sua casa, pelos vizinhos, familiares e amigos.

Nos tempos em que ainda não havia electricidade, cada pessoa que ia velar, levava um cadeeiro de azeite para deixar aceso, na casa do defunto, as 24 horas. Assim se juntavam bastantes candeeiros acesos, além de 4 velas à volta do morto. Se o defunto pertencesse às irmandades do Santíssimo Sacramento e às Almas de Casegas, no velório, eram postas as velas do Santíssimo metade da noite e no dia seguinte até à hora do funeral, acendiam as da irmandade de Casegas. Os irmãos da irmandade levavam o defunto, vestindo todos opas brancas e transportando duas bandeiras. As irmandades mandavam dizer missas pelos defuntos:

- a do Santíssimo Sacramento, uma relação de 22 missas.
- a das Almas de Casegas, 42, em altar privilegiado.

Fazem-se os *acompanhamentos* 3 domingos seguidos, juntando-se os familiares e amigos na casa do falecido, poucos momentos antes de irem à missa. Dali saem em cortejo para a igreja. À saída da missa, no adro, um homem, em voz alta (actualmente o Ti Custódio), pede para rezarem pelo defunto da seguinte maneira:

- Pela alma de....., Pai Nosso.....
- Pela mesma alma e suas obrigações,
- e pelas obrigações de todos os que estão presentes, Pai Nosso....
- Pelas benditas almas do Purgatório, geralmente, e cada um pelas suas, Pai Nosso....

Depois de todos rezarem, vai cada um para as suas casas¹.

Os familiares vestem-se de luto e o tempo deste varia de acordo com o grau de parentesco:

- Por um progenitor – 2 anos.
- Por um irmão – 1 ano.
- Por um filho ou marido – toda a vida.
- Por avós – meio ano a um ano.
- Por primos – um a três meses.

Também costumam mandar celebrar missas: a de corpo presente, do 7º dia, mês e ano. Mandam ainda rezar officios no *Aniversário* (dia escolhido, em Novembro, para fazer officios aos defuntos associados da irmandade do Santíssimo Sacramento).

1 Antigamente este responso era rezado na casa do falecido.

B – A FAMÍLIA

1 – Terminologia de parentesco

a) Parentes consanguíneos de Ego – Maria

Tratamento directo	Reciprocamente
1. Pai do pai Avô, senhor avô, que é que vossemecê me quer.....	Maria, que queres
2. Mãe da mãe avó, senhora avó, que é que vossemecê me quer	Maria, que queres
3. Pai da mãe avô, senhor avô, que é que vossemecê me quer	Maria, que queres
4. Mãe do pai avó, senhora avó, que é que vossemecê me quer	Maria, que queres
5. Irmão do pai tio, senhor tio.....	Maria, que queres
6. Irmã do pai tia, senhora tia.....	Maria, que queres
7. Pai pai, senhor pai.....	Maria, filha
8. Mãe mãe, senhora mãe.....	Maria, filha
9. Irmão da mãe tio, senhor tio.....	Maria
10. Irmã da mãe tio, senhor tio.....	Maria
11. Filho do irmão do pai F..., primo F.....	Maria, prima Maria
12. Filha do irmão do pai F..., prima F... ..	Maria, prima
13. Filho da irmã do pai F..., primo F.....	Maria, prima
14. Filha da irmã do pai F..., prima F... ..	Maria, prima
15. Irmão F..., mano.....	Maria, mana
16. Irmã F..., mana.....	Maria, mana

17. Filho do irmão da mãe
F..., primo.....Maria, prima Maria
18. Filha do irmão da mãe
F..., prima.....Maria, prima
19. Filho da irmã da mãe
F..., primo.....Maria, prima
20. Filha da irmã da mãe
F..., prima.....Maria, prima

b) Tratamento de referência

- o meu avô..... a minha neta Maria
a minha avó..... a minha neta Maria
o meu tio F...a minha sobrinha Maria
a minha tia F...a minha sobrinha Maria
o meu paia minha Maria, a minha filha Maria
a minha mãe.....a minha Maria, a minha filha Maria
o meu primo F...a minha prima Maria
a minha prima F...a minha prima Maria
o meu irmão F...a minha irmã Maria
a minha irmã F...a minha irmã Maria

A análise da terminologia do parentesco, revela-nos que os termos de referência, aqueles com que designamos os parentes de quem falamos, são mais elucidativos que os que usamos no tratamento directo, onde é frequente o emprego do nome próprio em vez do termo de parentesco. É de notar a forma respeitosa como os filhos tratam os pais:

"- Senhor pai, senhora mãe" ou ainda:

"- Ó Maria!

- Senhora mãe, o que é que vosmecê me quer?"

Primos segundos e daí por diante são já parentes.

Parentes fora da família: padrinhos, afilhados e compadres. Os padrinhos são os possíveis protectores da criança na falta dos pais. Padrinho significa "paizinho" e afilhado, ligado ao padrinho como filho. Os padrinhos ficam compadres dos pais do neófito. Compadre e comadre significam respectivamente, pai juntamente com pai e mãe juntamente com mãe. O compadrio amplia a intimidade de parentes ou de amigos.

O afilhado tratava, noutros tempos, o padrinho com reverência:

"- Dê-me a sua bênção senhor padrinho ou senhora madrinha.

- Deus te abençoe."

A bênção costumava pedir-se no Domingo de Páscoa, para que o padrinho ou a madrinha desse o *afolar*. O afilhado beijava então a mão direita de cada um.

c) Formas de Tratamento

A alcunha¹ concorre com o nome: por vezes, os sobralenses são mais conhecidos pela alcunha. Alguns herdaram-nas dos pais, outras resultam de uma caracterização física ou moral, por vezes mais depreciativa que elogiosa, mas as pessoas, duma maneira geral, conformam-se com a alcunha. Alguns exemplos de alcunhas:

Cachapuz, Rodas-baixas, Ideias, Galhetas, Frigideira, Coto, Caçôlo, Estreladinho, Côdea, Matapitos, Peito-largo, Pecado, Cristo, Menino-Jesus, Menino lindo, Governo, Rainha¹...

No entanto, sempre que dois sobralenses se encontram dizem:

"- Bom dia

- Venha com Deus."

e também se ouve:²

"- Bom dia, para onde vais?

- Vou para casa"

Todos usam dar a saudação uns aos outros. Até costumam dizer que a saudação não se deve negar.

O tratamento por "senhor" é dado a pessoas de idade e a quem consideram de nível social superior: médicos, padres e professores.

2 – Ausência de classes

A sociedade do Sobral é uma sociedade sem classes, no sentido rigoroso que hoje se dá a esta expressão. Até aos anos trinta, podia dizer-se que havia no Sobral dois grupos sociais: lavradores com terras, e outro grupo menos abastado, que vivia a troco de soldada. Foram estes que posteriormente foram trabalhar para as minas e emigraram.

"Quando havia anos ruins, a miséria caía-lhes em cima, a fome era muita, que até o pão minguava na casa dos mais abastados!"

Toda a gente adulta ainda se lembra dessas épocas de fome. Hoje já ninguém passa fome.

1 Muitos apelidos já têm séculos de existência. É de notar que, contrariamente ao uso em muitas terras, onde o mesmo foi oficializado no Registo Civil, no Sobral passam de pais para filhos sem que sejam apensos ao nome. Grande parte dos nomes de família que se consagraram pela sua importância social tiveram origem em alcunhas que distinguiam alguma característica de um membro da família. Outros apelidos têm como origem o nome de um parente, seja o pai ou mãe.

2 Também se usa: "Deus o acompanhe" ou "Esteja com Deus".

3 – Controle e mal-estar social

Numa pequena aldeia de povoamento aglomerado, todos olham uns para os outros, vivendo porta com porta, quase nada se escondendo à observação alheia.

Geralmente todos sabem a vida de todos, onde andarão a esta ou àquela hora, quando se deitam e levantam, o que fazem. Se há o mais pequeno deslize moral, logo aparecem ditos, mexericos e censuras:

"Hei-de arranjar uma agulha
com uma linha bem comprida
para coser as línguas porcas
que falam na minha vida.

Quem fala de mim quem fala
quem fala de mim quem é
é algum chinelo velho
que me não serve no pé.

Hei-de arranjar uma agulha
mas há-de ser albardeira
para coser todas as línguas
que falam na vida alheia."

Estas cantigas populares são bem a prova desses ditos. É raro o mal-estar social, por vezes surgem incompatibilidades familiares pela deslocação ou destruição de marcos, abertura de caminhos em propriedade alheia, discussões pela utilização da água de rega ou desavenças por partilhas.

No entanto, de uma maneira geral, verifica-se que o Sobral é uma comunidade pacífica onde todos são amigos. A própria estrutura sócio-económica obriga a um auxílio mútuo diário.

Costuma dizer-se no Sobral *que é nas horas das aflições que sabemos quem são os nossos amigos* – sempre que há alguma aflição, incêndios por exemplo, lá está todo o povo a ajudar.

4 – Relações com aldeias vizinhas

Duma maneira geral, as pessoas e famílias dão-se bem com as gentes das aldeias vizinhas, muitas vezes ligadas por laços de casamento.

No entanto, há por vezes rivalidades que dão origem a gracejo incómodo e troça.

Reveladora dessa rivalidade é a carruagem que os antigos do Sobral contavam troçando dos lugares vizinhos.

Carruagem

- Caras de feijão pequeno no Barco;
os das Bouças de Cima vêm jantar às Cortes de Baixo;
Unhais toca de pardais, trinta cornos ainda mais;
Rachadores de lenha na Erada;
Colmeeiros nos Trigais;
ourives na Teixeira.

- Em Cebola, mulher grande, pouco boa;
no Bodelhão, uma sim outra não;
são ranhetas em Unhais Velho;
cereeiros nas Meãs;
em Porto do Souto, fala-lhe a pega, responde-lhe o mocho;
nas Seladinhas são borradas das galinhas;
em Adurão, mesa alta pouco pão;
em Dornelas, são escalfados das canelas;
cerouleiros na Barroca;
pica-peixes em Silvares.

- Trinca-carogós em Lavacolhos;
putedo no Castelejo;
gatos-pardos na Enxabarda;
ameixoeiros no Freixial;
paneiros no Telhado;
ferra-bodes no Souto da Casa;
broxeiros em Aldeia Nova;
Aldeia de Joanes, terra de sábios, ficam sempre bem nos exames.

- Alcongosta, terra de cesteiros, pouco pão e muita mosca;
cachorrinhos no Fundão, já lhe vem de geração;
nas Donas, boas azeitonas;
no Peso e no Pesinho gostam muito de vinho
e para dançar o vira também lhe dão um jeitinho;
Rompem cilhas em Alcaria;
no Ferro arrogantes;
beçudos em Peraboa;
no Teixoso, comediantes;

Covilhã, escrivões e tecelões, terra onde se fabrica a lã;
cardadores e borrachões no Tortosendo;
torganitos no Dominguiso;
fossam lameiros nos Vales;
roça-matos na Coutada.

- Jogadores e matadores no Paúl;
lava-cús em Ourondo;
guilriteiros nas Relvas;
aldrabões em Casegas;
flor da rosa, o Sobral, lindo prado, bom olival
meninas bonitas como em outras terras não há
ó linda rosinha vira-te para cá.

Nota: A carruagem abrange quase todas as aldeias do concelho da Covilhã, do concelho do Fundão, muitas do da Pampilhosa da Serra e uma do de Seia.

VII

AS CRENÇAS

O povo do Sobral é católico, penso que ainda aqui não chegaram outros credos. Os mais idosos costumam dizer: *os que vão para fora, quando vêm nem querem saber de ir à missa.*

Apegam-se muito aos Santos em caso de doença e também de doença dos animais. Para este caso é invocado Santo António. Lembro-me que os mais antigos lhe prometiam a língua do porco, se este melhorasse. Se melhorava, logo que o matassem, por alturas do Natal, era-lhe oferecida e posteriormente leiloadada.

Geralmente as oferendas, aos santos (línguas, queijos, chouriço, carnes fruta e outras) faziam-se ao domingo quando as pessoas iam à missa. Eram postas no altar do respectivo santo: Santo António, Coração de Jesus e Senhora de Fátima.

Aí permaneciam durante a missa. No fim desta, a pessoa encarregada de leiloar as ofertas vendia-as no adro da igreja e o dinheiro era entregue ao tesoureiro da comissão de festas dos respectivos santos.

Além de venerarem os Santos da Igreja matriz, é igualmente vivo o culto a Santa Bárbara, padroeira dos mineiros e emigrantes e invocada para afastar as trovoadas e o da Senhora do Bom Parto, no alto da Portela.

Rezam muitas orações, nomeadamente os mais velhos, pois é a forma mais vulgar de comunicar com Deus. Toda a gente as sabe. Aqui vão algumas que recolhi aos mais idosos:

Ao deitar

Com Deus me deito
com Deus me levanto
com a graça de Deus
e do divino Espírito Santo.

Ao levantar

Em nome do Nosso Senhor
Jesus Cristo me alevanto
Queira-me abençoar, governar
e conduzir à vida eterna. Ámen!

Ao vestir

Vesti-me Senhor a minha alma
com as Vossas santas virtudes;
vesti-me de humildade, de pureza e caridade,
fazer-me amargos os prazeres da vida
e doces os sofrimentos.

"Orações" muito antigas

Oração que importa muito

Oração que importa muito
à salvação do pecador.
Pecador adormecido,
que andas muito esquecido,
confessa-te ó pecador
que andas muito enganado,
não sabes a hora nem quando
podes morrer em pecado;
podes amanhecer morto,
no inferno condenado;
pecador, se te lá vires
naquela fornalha a arder
por mais que chores e grites
ninguém te lá vai valer.
Chora, grita e suspira,
considera a lei divina.
No céu não entra
quem não faz indulgência.
Eu hei-de ouvir a sentença
diante do meu Redentor;
se ela for aventurada,
se ela for a teu favor.
Dai a vossa esmolinha,
não sabais a quem na dais,

por alma das vossas mães
e também dos vossos pais;
dai a vossa esmolinha,
dai-a com devoção,
na terra tendes o prémio
e no céu a salvação.
Para a nossa salvação
bom é um pai nosso;
hemos de dar contas a Deus,
este mundo não é nosso;
para a nossa salvação
bom é uma avé Maria,
hemos de dar contas a Deus,
este mundo é um dia;
para a nossa salvação,
bom é um *gloriae-patrie*
hemos de dar contas a Deus,
antes que a morte nos mate.

(oração aprendida com Ti Júlio da Cerdeira)

Pai nosso pequenino

Padre nosso pequenino
sendes as chaves do paraíso
quem lhas deu, quem lhas daria
foi S. Pedro e Santa Maria
cruz em monte, cruz em fonte
nunca o diabo se encontre
nem de noite nem de dia
nem às horas do meio-dia
já os galos pretos cantam
já os anjos se alevantam
já o Senhor lá vai fora
visitar uma alma que vai
para o reino da Glória.

Salvé Rainha pequenina

Salvé rainha pequenina
cravo de amor, mãe do Senhor
dai-me juízo e entendimento
para receber o Santíssimo Sacramento.

(todas as crianças aprendiam estas 2 orações mal soubessem falar)

Bendito louvado

Bendito e louvado seja
o Santíssimo Sacramento
que no céu estais adorado
cada vez com mais aumento
na terra sacramentado
para nosso belo sustento.
Agora ó alma minha, agora que estais a tempo
de receber a Jesus, o divino sacramento,
o meu coração perverso, me estala de dor
de ter tanto ofendido, o meu divino Senhor.
Ó meu divino Senhor, entrai no meu coração,
eu vos quero receber com toda a veneração;
dai-me senhor um pesar neste meu coração duro
para que saiam por meus olhos lágrimas de sangue puro.
Quem se houvera de ocupar, todas as horas do dia
fazendo actos de amor à virgem Santa Maria!
Ó Virgem Santa Maria, estrelinha tão navegante,
parece o sol quando nasce, ó que lindo semblante!
*Sedes*¹ rainha esclarecida, *sedes* pérola e diamante,
sede nossa advogada, lá no último instante.
Oferecemos a Maria, tudo o que temos rezado,
versos da salvé-rainha, mais o bendito louvado,
tudo isto Vos oferece esta grande pecadora
para dela escolheres aquilo que melhor fora. .
E Vós, ó Virgem sagrada, nunca Vos esqueçais de mim.
Dos anjos sereis louvada, por todos os séculos sem fim.

Oração dita quando se vai para a missa

Quando vou para a missa
cuido que vou para o céu
vou visitar Jesus
que está debaixo de um véu
debaixo de um véu, está um cravo florido
perdoai-me Jesus, que Vos tenho ofendido.

Oração que costumavam dizer quando tocam à missa

Já tocam à missa, adoram a Cristo,
adoram a cruz e o crucifixo,
o rei da verdade, a flor onde Ele nasceu,

1 Sois.

a hóstia consagrada, e a cruz onde Ele morreu.
Já tocam à missa, ó meu divino Senhor,
entre o cálice e a hóstia,
está o corpo de Nosso Senhor.
A Nossa Senhora é minha advogada,
o Menino Jesus, o meu escrivão,
eu tenho quinhão na missa
como aqueles que lá vão.

Oração a Santa Quina

Quina com devoção
os meus pecados muitos são
eu os darei a confessar
nos domingos encarnados
beijarei a santa pedra
para que a minha alma se não perca
beijarei a santa cruz
para que a minha alma veja a luz.
Naquela estrelinha dianteira
vão três anjos em carreira
quem *sendes* vós meninos
filhos da Virgem Maria
cada um com sua chavinha de oiro na mão
uma com que fechava, outra com que abria
as portas do céu abertas,
as do inferno nunca as veria
Pai Nosso e Avé Maria.

Oração para quando há trovoadas

Santa Bárbara bendita
que no céu estais escrita
na terra apresentada
quantos anjos há no céu
me acompanhem a minha alma.

Oração da Paixão

Estando o senhor na sua sala
a fazer sua oração
mais a santa Madanela (Madalena)
mais o senhor S. João
o Senhor subiu à janela.

Ó meu Deus que perguntais?
Três cravos encravados
eles vos darão sinais
esse homem é Jesus
esse homem que buscais
está preso numa cruz
está preso de pés e mãos
entre o bom e o mau ladrão.
Ajudai-me aqui Simão
a levar este padrão
serás ajudado para o reino da salvação.
Cada passada que dava
em terra ajoelhava.
Se nisto não *quizerens* crer
subi lá em cima àquele oiteiro,
vereis as suas ruas regadas
com seu sangue verdadeiro.
Procurai a Madanela
que lágrimas são aquelas.
São lágrimas do Senhor
que morreu por nosso amor.
Lá em cima àquele pontão
vai um rosário armado,
as virtudes que ele leva
é Jesus Crucificado.

(estas orações foram ouvidas a M^a da Conceição Pinto Marques, 77 anos,
que as aprendeu com seu avô. São portanto muito antigas)

Para achar coisas perdidas, reza-se o responso a Santo António, que costuma vir em livros.

Além das pessoas rezarem muito, nomeadamente as mais idosas, pensa-se que sem os últimos sacramentos se vai para o Inferno. Assim todas as pessoas doentes os pedem quando pensam que estão a morrer.

As pessoas de idade dizem que *os novos não querem saber de religião*.

Assiste-se à missa aos domingos na Igreja matriz, de uma só nave.

A porta principal dá para poente. Do lado esquerdo de quem entra, pegado ao arco que dá acesso ao altar-mor, ficam os altares de Santo António e Coração de Jesus. Do lado direito, o da Senhora de Fátima. No altar-mor, do lado direito do sacrário, estão as imagens da Senhora do Rosário, S. José e S. Sebastião. Do lado esquerdo do sacrário, S. Miguel (o padroeiro), a Senhora dos Aflitos e S. Romão.

A – FESTAS RELIGIOSAS E PROFANAS

1 – O Natal

O Natal era uma festa simultaneamente religiosa e profana bastante desejada pelos mais novos, não à espera de prendas, como hoje se verifica, mas para *estreadem* roupa e calçado.

A noite de Natal era uma noite diferente. Naquela noite, havia lume aceso até tarde. Não me lembro de haver consoada. A refeição era igual a tantas outras. Por vezes faziam-se filhós, sonhos ou fatias douradas.

Da noite, lembro-me apenas da *missa do galo* por volta da meia-noite e da *fogueira* que os rapazes que iam às sortes faziam, no adro da igreja.

Durante a missa do galo, cantavam-se cânticos alusivos à quadra natalícia e beijava-se o Menino Jesus. Depois da missa, os homens, principalmente os rapazes, ficavam na fogueira até de manhã cantando e divertindo-se.

Nessa noite, começavam a cantar as *janeiras* pelas portas e só acabavam dia 6 de Janeiro – dia dos Reis.

No dia de Natal, íamos às 2 missas para beijar o Menino Jesus e continuava a beijar-se até dia de Reis. O presépio era o encanto das crianças. Era feito nas vésperas do Natal com musgo dos Fragões e dos Torgais.

No Sobral, o Natal não era festa da família; ainda hoje não é costume reunirem-se nesta época, mas sim na Páscoa.

Algumas letras das Janeiras:

Ainda agora aqui cheguei
pus o pé numa escada
logo o meu coração disse
aqui mora gente honrada

Refrão

Ó anjos do céu
que tão bem cantais
cantai ao menino
bendito sejais
aquela relvinha
que o vento gelou
a virgem Maria
tão pura ficou.

Viva lá senhor...
raminho de amendoeira
ainda neste mundo anda
já no céu tem a cadeira

Viva lá minha senhora
bem me pode desculpar
bem sei que fui atrevido
à sua porta cantar

Ó anjos do céu
que tão bem cantais
cantai ao menino
bendito sejais
aquela relvinha
que o vento gelou
a Virgem Maria
tão pura ficou.

De quem é aquela tesoura
que além está na cantareira
é da menina...
que é uma linda costureira

De quem é aquele capote
que além está dependurado
é do senhor...
que é um homem muito honrado

De quem é aquela tesoura
que além está no açafate
é do senhor...
que é um bom alfaiate

Para aqueles que não davam nada:

Trelinca os martelos
torna a trelincar
o barbas de chibo
não tem que nos dar.

Trelinca o martelo
torna a trelincar
os barbas de farelos
não têm que nos dar.

Esta casa é bem alta
bem forradinha de co.....
mora quem nela passeia
que os levem cem mil demónios

O canto dos Reis

(cantado nas vésperas do dia 6 de Janeiro, dia de Reis)

Vimos aqui alguns rapazes,
quatro, cinco serão seis,
se o senhor nos dá licença,
vamos-lhe a cantar os reis:

Os três reis do Oriente
já chegaram a Belém
para adorar o menino
que Nossa Senhora tem.

O menino está deitado
em palhinhas, Deus infante,
oh quem viu florir no prado
botãozinho tão galante.

Janeiras

(as mais antigas que se conhecem no Sobral)

Estas casas são bem altas
ferradinhas de papel – bis
venha-nos dar as janeiras
senhora Maria Isabel – bis

Estas casas são bem altas
ferradas com papelão – bis
venha-nos dar as janeiras
senhora Maria João – bis

Levante-se lá senhora
desses bancos de cortiça – bis
venha-nos dar as janeiras
ou morcela ou chouriça – bis

ou da gorda ou da magra
ou daquela que unta a barba – bis
ou do pão do tabuleiro
ou do vinho do pichel
ou do que a senhora quiser.

Viva lá senhor...
raminho de vergamota – bis
venha ver à sua loja
se a sua pipa bota – bis

Estas casas são bem altas
são de nobre cavaleiro – bis
tanto crescem os bens nela
como a baga no loureiro – bis

Estas casas não são casas
estas casas são casinhas – bis
tantos anos viva o dono
como ela tem de pedrinhas – bis

Levante-se de lá senhora
desse banquinho de prata – bis
venha-nos dar as janeiras
que está um frio que mata – bis

Nota: Tanto estas janeiras antigas como as modernas foram cantadas pelo Ti António Pedro, 80 anos. As cantigas já eram cantadas pelo avô dele.

2 – O Entrudo

Uma festa profana, tempo de folia para os mais novos.

Nesse dia comia-se a orelha e perna de porco com fumeiro.

Durante a tarde, os mais folgazões vestiam-se *de entrudo* e percorriam as ruas da aldeia, com a cara tapada para ninguém os conhecer. As vestes eram bizarras e a algazarra era com os garotos que corriam atrás do *entrudo*, lançando este farinha. Andavam a *correr o entrudo*.

Simultaneamente as raparigas e até rapazes que não se mascaravam, jogavam o *Panelo*. Formava-se uma fila de rapazes e raparigas, atrás uns dos outros e iam lançando o *panelo* (cântaro de barro velho, ou alguma panela de barro, mais tarde substituídos por cântaros de lata).

Quem deixasse cair o cântaro e o partisse, perdia e saía do jogo. Era então obrigado a ir procurar outro imediatamente.

Este jogo, só se jogava no Carnaval. Guardavam-se os cântaros velhos de barro, por vezes rachados ou sem asa, até ao Carnaval. Juntavam-se muitos para se partirem nesse dia. Deixou de haver cântaros de barro e de lata caindo o jogo em desuso por já só haver cântaros de plástico. Actualmente, com a água canalizada já nem são utilizados cântaros ou painelos.

Era uma das maiores diversões do Sobral!

Outro costume importante do Carnaval, era a *Choradela de Entrudo*. Pelo lusco-fusco, dois grupos embuçados e empoleirados, um nas sobreiras ou oliveiras do povoado e o outro nos Torgais (lugar em frente da povoação), um

tanto distantes um do outro, com voz chorada e disfarçada, pausada e maliciosamente, apregoavam as novas picantes da aldeia. Coscuvilhavam deste ou daquele mau comportamento.

Assim se punham vidas ao sol:

"Esta agora vai para os lados do Barreiro para a senhora F... (dizia-se o que havia para dizer). Ronca-lhe grosso companheiro. Ah. Ah..."

A partir do Carnaval deixava de se comer carne. Jejuava-se até à Páscoa.

Convém referir que, embora se jogasse o pannelo durante os três dias de Carnaval, a Choradela de Entrudo era feita na noite de Entrudo de segunda para terça-feira.

3 – A Quaresma

Era tempo de penitenciaría e mortificação. A carne só voltava a comer-se dia de Páscoa.

Durante a Quaresma, aos serões, cantavam-se versos à Paixão de Cristo. Mesmo na labuta do campo, quer se semeasse o linho, quer se cavasse, ninguém cantava outros versos ou cantigas que não fossem os da Paixão.

Aos domingos à noite faziam-se as *Ladainhas dos Passos*. Juntavam-se homens e algumas mulheres, depois da ceia, em dois grupos, no adro da Igreja.

Um grupo cantava um verso e o outro respondia ao primeiro percorrendo as ruas. Levavam uma cruz de madeira à frente e ao percorrerem as ruas iam parando em determinados lugares de povoação.

O primeiro grupo, à frente, ia cantando os sete passos. O segundo, mais atrás, apenas respondia:

"Pequei Senhor pequei
tende Misericórdia de nós.
Pequei Senhor que tanto nos pesa
Tende Misericórdia de nós."

Terminava a ladainha na Capelinha das Almas à Ponte. Aí juntavam-se os dois grupos vinham todos a cantar o *Bendito Louvado Sejas* até à porta da Igreja.

Ali, fazia-se o oferecimento dos Santos Passos e rezavam à Sagrada Morte e Paixão de Cristo. Em seguida, por volta da meia noite, um destes grupos ia para a Torre da Igreja e o outro para os Torgais (em frente do povo), cantando e respondendo uns aos outros fazendo e *Encomendação das Almas*.

Aos domingos, à tarde, também se fazia a Via Sacra na Igreja.

Ladainha dos Santos Passos de Cristo

Passo I

Depois de tantos tormentos
Por nossas causas sofridas
Põe aqui a pesada cruz
Sobre seus ombros feridos.

Com grande amor a abraça
E vai andando com ela
Ao lugar da justiça
Para ser pregado nela.

Sejais meu Senhor louvado
Que movido de amor
Sofreis ser atormentado
Por livrar o pecador.

Ámen

Passo II

Com o grande peso da cruz
Quis Deus ser enfraquecido
E com ela aqui caiu
Jaz em terra o bom Jesus.
Procuram-no levantar

Pela corda lhe tirando
Em se Ele levantando
Parece quer expirar.

Glória seja ao padre
Glória ao filho juntamente
Glória ao Espírito Santo,
Que ambos é procedente.

Ámen

Passo III

Vindo aqui atormentado
O Senhor com tais tormentos,
E Seu rosto afeado,
Com escarros mui nojentos.

Com a cruz às suas costas
E com peso tão penoso,
As Suas faces formosas
São tornadas de um leproso.

Em tão Horrenda figura
Encontrou a virgem madre,
Ao filho de Deus padre
Em a rua de amargura.

Com tal vista de um e de outro
Fica a alma trespassada,
De espada mui aguda
No templo profetizada.

Glória seja a vós Senhor
Que encontrando vossa madre,
Fostes ferido de dor
Por nos dar a liberdade.

Ámen

Passo IV

Vendo aqui já os judeus
Que Cristo desfalecia,
Com aquela cruz pesada
Com a qual já não podia.

Fazem com que Cireneu
Lha ajudasse a levar
Grande desejo é o seu
De o ver nela penar.

Glória seja a Vós Senhor
Por quanto tendes sofrido,
Por livrar o pecador
Do inferno merecido.

Ámen

Passo V

Aqui em este lugar
Vão as mulheres chorando
Diz-lhe o Senhor virando:
Por mim não queirais chorar.

Filhas de Jerusalém
Sobre vós mesmas chorai,
Com dores suspiros dai
Por vossos filhos também:

Por são tantos os males,
Que sobre vós hão de vir,
que direis: montes e vales,
Sobre nós vinde cair.

Que pois no madeiro verde,
Tais golpes se não estão dando,
Do seco ficai julgando,
O que será feito nele.

Glória seja ao padre,
Glória ao filho igualmente,
Glória ao Espírito Santo,
Que de ambos é procedente.

Ámen

Passo VI

Aqui nosso redentor,
Chega já ensanguentado,
Tal vem o rosto sagrado,
Que em o vendo faz horror.
Comovida a mulher pia,
Quando o vê assim passar,
Lhe deu um pano mui limpo,
para nele se alimpar.

Em se limpando deixou
No pano sua figura,
A qual até hoje dura,
Impressa como ficou.

Glória seja ao padre,
Glória ao filho juntamente,
Glória ao Espírito Santo,
Que de ambos é procedente.

Ámen

Passo VII

Neste momento onde estamos,
Expirou o Salvador,
Morrendo por nosso amor,
O que mui mal lhe pagamos.

Este lugar consagrado,
Foi com sangue de Jesus,
Que encravado em uma cruz,
Foi em ela derramado.

Nosso Deus tão desejoso,
De todo o mundo salvar,
Por meu resgate quis dar,
O seu sangue precioso.

Suspendido em um lenho,
Grande sede padecia,
E com grande agonia,
Disse: grande sede tenho.

Assim pois atormentado,
Da cabeça até aos pés,
Vendo tudo acabado,
Disse: *consumatum est*.

Inclinando a cabeça,
para onde estava a madre,
Deu o espírito ao padre,
Com mui grande fortaleza.

Glória ao padre que mandou,
Ao filho que obedeceu,
Ao espírito que o incitou,
Tudo quanto padeceu.

Ámen.

Quando acabavam cada passo, rezavam um padre nosso à Sagrada Morte e Paixão de Cristo, pelos tormentos que padeceu por nós.

Oferecimento dos Santos Passos de Cristo

Padre eterno verdadeiro Deus e Senhor da minha alma, eu que indigno pecador, vos ofereço o vosso amado filho com todos os merecimentos de sua Santíssima vida, e sagrada paixão, assim atormentado e desprezado, como

nestes Passos estou contemplando, em satisfação de todos os meus pecados e salvação da minha alma.

E por todas as necessidades da santa igreja e de todos os vivos e defuntos.

E se infinitas vezes vos pudera, nesta hora apresentar esta divina oferta, vo-lo apresentara, mas como não posso, aceitai senhor minha vontade para salvação de minha alma. Ámen.

Também se fazia a Ladainha dos Santos na Quaresma, principalmente na Sexta-Feira Santa. Por vezes, num dia cantava-se uma Ladainha, noutra dia cantava-se a outra.

A Ladainha dos Santos fazia-se mais rapidamente.

Encomendação das Almas

Como atrás referi era feita na Quaresma principalmente na Semana Santa, por volta da meia noite e nos pontos mais altos da povoação: Torre da Igreja e nos Torgais.

- À porta das Almas Santas
Bate Deus a toda a hora
As Almas Santas lhe disseram
Ó meu Deus que quereis agora
Quero que venhais comigo
Para o reino da glória.
- Ó Almas que estais dormindo
Nesse sono tão profundo
Eu vos peço que rezeis
Pelas Almas do outro mundo.
- Ó Almas que estais dormindo
Nesse sono em que estais
Eu vos peço que rezeis
Pelas almas dos vossos pais.
- Ó Almas se tendes sede
Ide beber ao Calvário
O Senhor tem cinco fontes
A maior é a do lado.
- A maior é a do lado
é fonte de piedade
Quem nela bebe alcança
E goza na eternidade.

- Ó Alma se tendes sede
Vinde ao Calvário beber
O Senhor tem cinco fontes
Todas cinco a correr.

No Domingo dê Ramos era e é ainda costume levar à missa ramos de oliveira, loureiro, murta e alecrim.

Os rapazes muitas vezes caprichavam em levar o maior ramo!

Fazia-se a procissão dos ramos à volta da Igreja. Estes, depois de benzidos, eram guardados em casa para queimar sempre que houvesse trovoada. À medida que se queimava o ramo ou parte dele, rezava-se a oração a Santa Bárbara.

Como foi dito, na Quinta-Feira Santa comia-se o *caldudo* e toda a população ia à missa, à noite. Era nesse dia que o sino deixava de tocar para só voltar a repicar no Sábado de Aleluia. Durante a missa, ao Glória, o sacristão tocava com muita força as campainhas da igreja e simultaneamente alguém tocava o sino na torre.

Na sexta-feira Santa, às 3 horas da tarde, era feita a Adoração à Cruz e tocavam-se as tréculas ou *trelecas* pelas ruas, em vez do sino, para chamar as pessoas à oração.

Nesse dia, por volta da meia noite, fazia-se a procissão dos *PENITENTES*.

Os Penitentes era uma cerimónia aterradora em que um grupo de rapazes solteiros se embrulhava em lençóis, todos descalços, excepto o que leva a *relha*. Não podem falar nem olhar para o lado. Saem do adro da Igreja percorrem as principais ruas e dão 3 voltas à igreja.

À frente vai um com uma cruz de madeira, seguem-se alguns com canas ou varas, outro com uma escada, outro com uma cesta com cravos de ferro e um martelo, um com uma coroa de vides na cabeça, dois ou três com lanternas acesas.

No percurso, pausadamente e com voz cavernosa, vão dizendo: *Ó meu bom Jesus pelos tormentos que padeceste na cruz, tende compaixão das almas*. O que vem a seguir, responde: *E de nós*. Então outro que vem atrás bate três vezes com viras de sola numa sola que leva à s costas.

Segue-se o que arrasta a relha do arado que traz atada à perna direita. Por último vem o dos passos que só vai andando em relação ao bater da sola e arrastar da relha. Ao dar os passos tem de ir com o joelho ao chão e inclinar-se para a frente (quase em posição horizontal).

Convém acrescentar que no sábado de Lázaro (15 dias antes do sábado da Aleluia) tapavam os santos da igreja com panos azuis, pretos ou roxos e só os destapavam no sábado da Aleluia.

Neste sábado voltava a alegria. Às dez horas da manhã, ressuscitava Cristo!

O sacristão tocava o sino, silenciado desde quinta-feira Santa, e as crianças e jovens iam buscar as campainhas à igreja ou chocalhos a casa, trazidos dos rebanhos na véspera, percorrendo o povo em grande algazarra.

Matavam-se chibos ou cabritos para a festa de domingo. As mulheres esfregavam as casas, enfeitavam-nas com as melhores toalhas de linho e flores para nos dias seguintes receberem o pároco e beijarem Cristo Ressuscitado (visita Pascal).

4 – A Páscoa

Um dos dias grandes do ano era o Domingo de Páscoa¹.

Depois da missa das 9 horas fazia-se a procissão pelas ruas mais importantes. Por volta das 11 horas, começava a Visita Pascal. O padre, de estola e sobrepeliz, acompanhado do sacristão que levava o crucifixo e dois ajudantes: o da caldeirinha da água benta que transportava também campainhas e o ajudante da cesta que ia recolhendo os afoles, percorriam todas as casas, dando o sacristão a cruz a beijar, depois do pároco ter abençoado a casa e desejado as *Boas Festas*. Entrava espalhando água benta e dizia: *Boas festas acompanhadas no corpo e na alma. Aleluia, aleluia*. Todos respondiam: *Muito obrigado senhor Prior*. O sacristão dava a beijar a cruz e recolhia o folar, prenda que cada agregado familiar oferecia ao pároco. O folar era disfarçado num pires com flores, se fosse dinheiro, mas podia ser de ovos ou queijos.

O padre saía apressado para outra casa, e todos bebiam vinho e comiam bolos.

Ai de alguém que não quisesse beber ou comer!... *Era uma borracheira certa para os homens no fim do dia! Às vezes até para o padre!*

Nesse dia os afilhados pediam a *bênção* aos padrinhos do baptismo. Ajoelhava diante do padrinho (e/ou madrinha) e dizia: *Senhor padrinho, faça favor de me deitar a sua bênção*. O padrinho respondia, dando a mão direita a beijar: *Nosso Senhor te abençoe*. Era um pretexto para os padrinhos darem o *afolar* aos afilhados – rebuçados, bolachas, castanhas secas ou dinheiro se fossem mais abastados.

1 A Páscoa era a festa da família por excelência, entendida aqui não só pela consanguínea, mas alargada à grande família da aldeia. Também era festa de reconciliação. Muitos que andavam zangados faziam as pazes, quase inconscientemente, sem gravame ou menos honra para alguma das partes. Bastava, por vezes, passarem à porta da pessoa com quem estavam de relações cortadas acompanhados de um amigo comum.

A visita pascal demorava todo o dia de domingo e ainda segunda feira. O sino repicava durante os dois dias.

As pessoas sabiam que o padre se aproximava pelo som das campainhas que os ajudantes traziam.

Era uma alegria para os velhos e novos, uns porque bebiam mais, outros porque comiam mais guloseimas.

Era costume deitar às crianças, castanhas secas e rebuçados para a rua – *Aleluia, aleluia deita castanhas p'rà rua.*

Na segunda feira, as "boas festas" acabavam no Cabecinho. Aí o povo organizava-se em procissão acompanhando o pároco e a cruz até à igreja – era a Procissão dos bêbados cantando ALELUIA. O padre cantava o "*Regina coeli laetare*" e o povo respondia *Aleluia, Aleluia... Ora pro nobis deo. Aleluia, Aleluia...*

Eram dois dias cansativos, mas divertidos, pois entrava-se em quase todas as casas da aldeia, uns porque eram da família, outros porque eram amigos.

Era costume no Sobral, no dia 3 de Maio, dia de Santa Cruz, fazer cruces de pau para serem colocadas nas *pavieiras* ou *lemeeiras* das portas dos palheiros e currais das fazendas. O motivo era evitar a queda de pestes quando há grandes trovoadas.

Contavam também os antigos que, na Quinta-Feira da Ascensão, à hora da missa, na igreja, era feita uma oração chamada *ORA* deitando-se também muitos açafates de flores para cima da multidão que assistia à missa, juntamente com andorinhas que sobrevoavam as pessoas no interior da igreja. Era um dia Santo tal como um domingo.

5 – Fogueiras de S. João e S. Pedro

Outras festas profanas eram feitas na noite de S. João (de 23 para 24 de Junho) e na de S. Pedro (de 28 para 29 do mesmo mês).

Durante o dia, os adultos trabalhavam normalmente como de costume, até à tardinha. Rapazes e raparigas faziam grandes molhos de rosmaninho e marcelão que apanhavam onde o houvesse, trazendo-o de caminho para casa. Outras vezes, depois de virem do campo, iam ainda apanhá-lo.

Os vizinhos da mesma rua juntavam todo o rosmaninho e marcelão e onde a rua fosse mais larga, aí à noitinha, era feita a fogueira.

À medida que a fogueira ia ardendo, todos cantavam, velhos e novos, cantigas ao S. João saltando também a fogueira.

Algumas cantigas:

Ao S. João

São João para ver as moças
fez uma fonte de prata
As moças não vão a ela
S. João todo se mata.

S. João adormeceu
No altar a dizer missa
Ai a Virgem o acordou
Ó ai pela manga da camisa

S. João adormeceu
Aos três dias acordou
Deixai dormir S. João
O seu dia já passou.

Se fores ao S. João
Trazei-me um S. Joãozinho
Se não puderdes com um grande
Trazei-me um mais pequenino.

S. João a vinte e quatro
S. Pedro a vinte e nove
S. João veio diante
Por ser o santo mais pobre

No altar de S. João
nasceu uma linda flor
Era S. João Baptista
Primo de Nosso Senhor.

No altar de S. João
Nasceu uma cerejeira
Qual seria o atrevido
Que lhe colheu a primeira

S. João subiu ao céu
Sozinho sem mais ninguém
Numa mão levava o cálice
Na outra Jesus, meu bem.

Lá em baixo vem S. João
Se lá vem deixai-o vir
Ai ele é menino e moço
Ó ai vai ao céu e torna a vir.

Lá em baixo vem S. João
De onde virá ele agora
vem do seu laranjal verde
De jogar o jogo da bola.

S. João não tem capela
Nem rosas para a fazer
Vamos ao jardim do céu
Que algumas lá há-de haver.

S. João não tem capela
S. Pedro capela não tem
Levai-me S. Pedro levai-me
Levai-me para Belém.

Santo como S. João
Em Portugal não entrou
No ventre de sua mãe
Jesus Cristo adorou.

Lá em baixo vem S. João
De onde vem tão orvalhado
Vem do rio Jordão
De fazer um baptizado.

Na altura de S. João
Nasceram rosas "marelas"
S. João subiu ao céu
A pedir pelas donzelas

No altar de S. João
Nasceram rosas dobradas
S. João subiu ao céu
A pedir pelas casadas

Glorioso S. João
Já vem perto o vosso dia
Já vos não fazem as festas
Como era algum dia.

Na noite de S. Pedro, cantavam-se as mesmas cantigas de S. João à medida que a fogueira ia ardendo.

O fumo, que cheirava bem, perfumava as casas e os mais antigos até diziam que o fumo espantava as cobras que por acaso andassem nas paredes das casas.

Era uma grande diversão para todos, principalmente para os mais jovens que se deitavam mais tarde. Muitas vezes se arranjavam namoricos!

B – FESTAS RELIGIOSAS

No Sobral fazem-se festas religiosas a quase todos os Santos da Igreja matriz e da Ermida da Portela.

As festas religiosas fixas são: em honra de Santo António, no domingo a seguir ao dia 13 de Junho; a Santa Bárbara e Senhora do Bom Parto, no 2º domingo e segunda feira de Agosto; a S. Miguel, patrono da freguesia, no domingo a seguir a 29 de Setembro.

Organizam-se ainda festas em honra da Senhora de Fátima (mês de Maio), a S. José (em Março), ao Coração de Jesus – festa da comunhão das crianças (mês de Julho) e a S. Romão e a S. Sebastião que são móveis.

De um modo geral, cada festa religiosa consta de missa solene e procissão com as imagens dos santos pelas principais ruas do Sobral. Durante a tarde é feita a venda das ofertas, podendo haver animação e baile abrilhantado por banda ou ranchos de outras localidades.

Como atrás se disse, a alimentação, nos dias de festa, é melhorada.

É de realçar algumas tradições da festa de Santo António.

Duma maneira geral, os mordomos eram escolhidos entre os Antónios do Sobral. Todos os anos, um grupo de raparigas solteiras arranjava um ramo de cravos (cravos de Santo António) de várias cores, pedindo-os a quem os tivesse nas varandas. Depois do ramo feito, era entregue na mesa das ofertas aos mordomos, para leiloar.

Normalmente quem lançava no ramo eram os rapazes novos da aldeia ou de aldeias vizinhas para oferecerem à namorada ou a alguma rapariga que *andasse em vista*.

Havia grandes despiques no leilão do ramo de cravos chegando a render muito dinheiro.

A *festa mais valente*, que durava três dias, era a de Santa Bárbara e Senhora do Bom Parto (2º fim de semana de Agosto). Era uma festa que metia muitos mordomos e mordomas. As mordomas, um mês antes da festa, iam todas as tardes de domingo recortar papeis de cores para fazerem arcos e engalanar o recinto do Alto da Portela.

Também um domingo antes, elas pediam pelas casas, prendas a Quermesse¹.

No sábado da festa havia procissão das velas com as imagens da capela para a igreja matriz.

Pela noite dentro havia baile e fogo de artifício.

1 Havia o costume de pedir-se para os santos ou irmandades pelas portas da aldeia e assim arranjar dinheiro suficiente para as despesas das festas. A esmola podia ser em dinheiro mas, em geral, era em espécie (milho, cebolas...), sendo leiloada no adro da igreja.

No domingo, depois da 1ª missa, por volta das 11h, saía a procissão para a capela com as imagens da igreja e da capela, acompanhada pela banda filarmónica. Seguia-se a missa campal no recinto da capela.

Todos regressavam a casa para almoçar, muitas vezes carregados com melancias à cabeça, pois a par da festa religiosa, havia bastante comércio no recinto.

Por volta das 15h, saía o cortejo para a Portela. Figuravam tabuleiros de ofertas dos mordomos e de quem quisesse participar. Cantavam-se versos a Santa Bárbara, a marcha do Sobral e tocava a banda.

Virgem e mártir Santa Bárbara
Padroeira da artilharia
Guardai os nossos mineiros,
Guardai os nossos soldados
Desta nossa freguesia

Refrão

Avante, vamos avante
Avante todos por igual
Um ranchinho como o nosso
Não há em Portugal

Virgem e mártir Santa Bárbara
Está no lado da Portela
A Senhora do Bom Parto – bis
Veio morar junto dela.

Virgem e mártir Santa Bárbara
Está virada pr'o pinhal
Guardai esta freguesia – bis
Livrai-nos de todo o mal.

Virgem e mártir Santa Bárbara
Estavas num ermo sozinha
A Senhora do Bom Parto – bis
Veio para sua vizinha.

Quando o cortejo chegava ao alto, as ofertas eram vendidas ou leiloadas a quem se encontrasse no recinto ou debaixo dos pinheiros.

À noite havia baile, fogo preso e de artifício.

Segunda feira festejava-se a Senhora do Bom Parto. A missa era dita ao meio dia e era tradição, nesse dia, as famílias levarem o almoço para a Portela. Aí permaneciam o resto do dia até acabar a festa. Comiam-se, assim, boas merendas, boas melancias e melões à sombra do pinhal que rodeia o recinto!

Abrilhamtavam a festa além de uma banda, ranchos, zabumbas e grupos musicais.

Festa sem banda nem era festa.

Logo de manhãzinha, pelas sete horas, a pequenada acordava ao som do toque da alvorada pela banda convidada. Mal acabava de tocar, eram lançados foguetes, continuando depois a tocar pelas ruas da povoação.

Como já referi, em todas as festas a comida era melhorada. Comia-se carne de cabra morta nas vésperas, fazia-se arroz doce, cozia-se trigo amarelo, faziam-se bolos, filhós, pão-de-ló, talassas, etc..

C – ROMARIAS

Actualmente, há ainda quem vá às Romarias, embora em menor número. Assim, é costume ir à Senhora dos Milagres (Erada, 1º domingo de Setembro), Santa Luzia (Castelejo, 15 de Setembro), à Senhora das Dores (Paúl, 1º domingo de Julho).

Raros são os romeiros que vão, ainda, à Senhora das Preces (Aldeia das Dez, 1º domingo de Julho). Os sobralenses mais antigos, dizem que esta romaria era das mais *valentes* da Beira-Serra, passando pelo Sobral ranchos de romeiros a pé ou em cavalos e burros carregados com merendas (cabazes e bolsas), das "bandas" de Monfortinho, Benquerenças, Idanha, Penamacor e Fundão.

Realizava-se esta romaria, nesses tempos, no domingo e segunda feira do Espírito Santo, mas todo este movimento de devotos terminou nos anos cinquenta.

Hoje, do Sobral, ninguém vai a pé e são poucos os que, mesmo de carro, vão a romarias.

Costumavam ir também à Senhora do Monte Alto (Arganil), principalmente para comprar linho e estopa. Eram oito dias de romaria e feira. Iam ainda à Senhora do Desterro (S. Romão), à Senhora da Póvoa (Vale de Lobos, Penamacor, domingo de Espírito Santo), à Senhora do Fastio na Fatela.

O principal objectivo era o pagamento de promessas além da diversão. Por vezes demoravam vários dias, à Senhora da Póvoa, por exemplo, *gastavam 3 dias para lá e 3 para cá*. Cantavam sempre no caminho para que parecesse mais curto. Algumas cantigas de romeiros:

Senhora das Preces

- Nossa Senhora das Preces
que dais a quem Vos vai ver
Dou-lhe água da minha fonte
que sempre está a correr.

- Nossa Senhora das Preces
que dais a quem Vos venera
Dou-lhe água da minha fonte
e sombra da minha capela
- Nossa Senhora das Preces
pequenina e' airosa
vem gente de muito longe
só para ver tão linda rosa.
- Nossa Senhora das Preces
quem Vos varreu o terreiro
O ranchinho do Sobral
com raminhos de loureiro
- Nossa Senhora das Preces
quem Vos varreu a capela
as cachopas do Sobral
com raminhos de macela
- Nossa Senhora das Preces
a capelinha é redonda
fazei-me um cabinho nela
morarei à Vossa sombra
- Nossa Senhora das Preces
que tendes no Vosso sino
Um galo preto romano
recorda o Verbo divino
- Quem vai ao Vale da Maceira
e não vai ao Colcorinho
é como quem vai ao céu
e não vê o Deus Menino.
- Nossa Senhora das Preces
ainda lá hei-de tornar
ficou-me o meu coração
preso ao Vosso altar.
- Nossa Senhora das Preces
ainda lá hei-de ir um dia
à vista desses Teus olhos
cumprir uma romaria.
- Nossa Senhora das Preces
tem um lampião de vidro
que lhe deu um marinheiro
que no mar se viu perdido.

- Nossa Senhora das Preces
eu para o ano não prometo
que me morreu o amor
ando vestida de preto.
- Nossa Senhora das Preces
ainda lá hei-de ir um ano
ou casada ou solteira
ou de amores como ando.

Senhora do Fastio

- Virgem Santa do Fastio
Virgem quero merendar
dentro da Vossa capela
nas toalhas do altar.

Senhora da Póvoa

- Nossa Senhora da Póvoa
onde tendes a morada
para além de Vale de Lobo
numa casa caleada
- Nossa Senhora da Póvoa
dizei-me onde morais
para além de Vale de Lobo
no meio dos carvalhais
- Nossa Senhora da Póvoa
minha tão linda arraiana
morais no meio da raia
Sois meia castelhana
- Nossa Senhora da Póvoa
minha boquinha de riso
minha maçã camoesa
criada no paraíso.

Santa Luzia

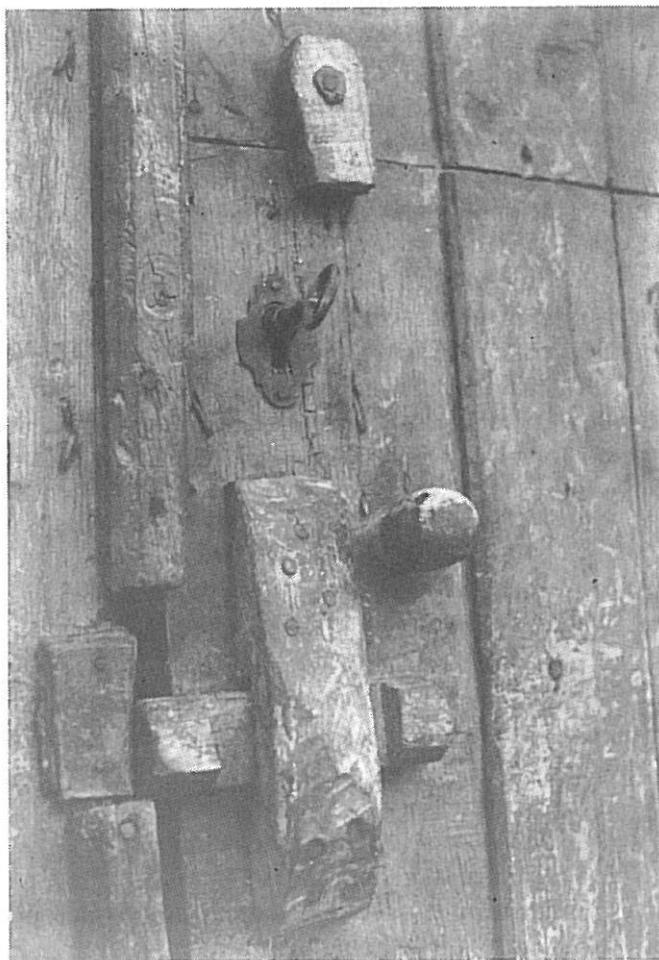
- Senhora Santa Luzia
Vizinha do Castelejo
Dai-me vista aos meus olhos
é o que eu mais desejo.

D – SUPERSTIÇÕES

A religião e a superstição estão intimamente ligadas nunca se sabendo onde acaba uma e começa a outra. É talvez uma necessidade de segurança, um apelo ao sobrenatural, quer sob a forma de preces, quer por meios naturais.

No entanto, parece-me que o povo do Sobral é pouco supersticioso comparado com o de outras aldeias. Mas há no Sobral quem acredite que o espírito dos mortos pode voltar à vida e falar, em espíritos que entram no corpo de outras pessoas e que alguns mortos voltam a este mundo para deixar recados.

Há quem acredite em bruxas e vá a elas gastando com isso muito dinheiro.



*Fechada?
Só para quem
mal pensasse*

Outrora acreditava-se também, na *BOA* e na *MÁ HORA*, apareciam de noite. A Boa Hora era uma mulher alta toda vestida de branco que aparecia à meia noite. Logo a seguir podia aparecer a Má Hora, toda vestida de preto.

Falava-se também, noutros tempos, em *Lobisomens* e no *Mau Olhado* – pessoas que tinham nos olhos o poder de fazer mal, por querer ou sem querer.

Uma das superstições importantes para a actividade agrícola é o *Culto à Lua*. Os sobralenses ainda dizem que a *Lua manda no tempo* – *Lua Nova trovejada trinta dias é molhada*.

Por exemplo, aconselha-se o Quarto Minguante para:

- matar o porco
- crestar as colmeias
- podar
- cortar o cabelo
- tosquiar as ovelhas
- arrancar cebolas.

Aconselha-se o "Crescente" para:

- enxertar videiras e árvores de fruto
- sementeiras.

Quando as crianças estavam rabujentas, não dormindo e chorando toda a noite, dizia-se que elas estavam com a *Lua* ou que devia ser por esses dias *Volta da Lua*.

Há também quem acredite, ainda, no *Mal da Inveja* – na realidade a inveja produz, muitas vezes, guerras entre pessoas e é costume dizer-se:

Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou.

Tentei saber se alguém conhecia rezas para curar certas doenças como a Zipela, o Cobrão, mas ninguém me soube responder nem conheciam, o que prova que no Sobral não há tantas superstições e credices como noutras terras que conheço.

E – LADAINHAS DE MAIO

Antigamente, era costume fazer certas preces para solucionar problemas comuns que ninguém conseguia resolver. Era o caso, por exemplo, das situações seguintes:

- Falta de chuva
- Baixa produção das sementeiras
- Malinas e epidemias

Então cantavam-se a Ladainha dos Santos pelas principais ruas da povoação para que chovesse rapidamente, ou para que as sementeiras

produzissessem e não houvesse fome, ou ainda para as preces *levantarem* as epidemias e malinas.

O pároco ia à frente a recitar a Ladainha e o povo atrás respondia cantando.

Simultaneamente o padre ia aspergindo com água benta os sítios onde passava. Depois de percorridas as ruas, a ladainha terminava na igreja onde se rezava o terço e era deitada a bênção do Santíssimo Sacramento.

VIII

SABEDORIA POPULAR

A – MEDICINA CASEIRA

O Homem sente necessidade de viver como de respirar. Este desejo leva-o ao combate da doença. Conforme a mentalidade da pessoa assim se encara a origem da doença. Misturam-se chás e orações no mesmo receituário.

O uso das plantas como remédio caseiro fundamenta-se na tradição e é também uma necessidade económica.

No Sobral usam-se ainda muitas mezinhas para curar certas doenças. Assim, para:

Infecção nos olhos – fazia-se chá de rosas vermelhas e lavavam-se os olhos com essa água.

Anginas – gargarejar a água de chá das *diabelhas* (erva rasteira).

Trasorelho ou papeira – unta-se o pescoço com unto sem sal ou *enxúndia* de galinha ou com miolo de queixo de porco.

Bexiga ou rins – beber chá de raiz da salsa, ou de baga de Zimbro ou de melena de milho, branco.

Dores de cabeça – chá de sabugueiro ou de pimpinela.

Rouquidão e tosse – chá de cascas de cebola.

Constipações – aguardente queimada com mel ou chá de sabugueiro.

Curar pancadas – papas de linhaça ou urtigas pisadas e *irgibô* (erva rasteira).

Chagas e feridas – lavar com chá de malvas para desinfectar.

Cravos – água com sal ou erva leiteira.

Diarreias – beber uma clara de ovo com farinha e açúcar depois de tudo bem batido.

Para dormir – chá de folha de laranjeira.

- Estômago – chá de cidreira ou chá de erva de S. Roberto.
- Lombrigas – chá de hortelã e cheirar um dente de alho.
- Nervos – chá de tília, cidreira e flor de laranjeira.
- Prisão de ventre – chá de borragens e chá de bredos.
- Tensão arterial – para baixar – chá de 5 ou 6 folhas de oliveira ou chá de folhas de marmeleiro.
- Hemorragias – chá de pimpinela.
- Intestinos – chá da erva de S. Roberto.
- Dores de barriga – chá de marcela.
- Sarampo – embrulhar a pessoa doente num saioite vermelho, cobertor, ou em qualquer pano vermelho.

Quando se *ajoujavam* as cabras com alguma *pedrada* era *remédio santo* *rachar-lhe* ou *cortar-lhe a ponta duma orelha*.

Como *desinfectantes* usava-se aguardente e dizem que o próprio cabelo também é desinfectante.

Para curar pneumonias e outras dores eram aplicadas as ventosas. Põe-se um copo de vidro com algodão a arder, que depois de gastar o oxigénio do copo se apaga e, então puxa a carne para cima.

Também se usava o *SENAPISMO* que consistia em esmagar a semente da mostarda com uma garrafa. Depois deitava-se em água morna, era amassada e colocada na barriga das pernas.

Noutros tempos como eram raros os médicos, as pessoas recorriam ao *Barbeiro* que era a pessoa mais *entendida quase como um doutor*. *Era ele que sangrava as pessoas para lhes tirar o sangue envenenado*. Foi prática corrente por alturas da Pneumónica. Receitava remédios: *pílulas e purgas*.

Os purgantes faziam limpar o estômago. Mandava dar banhos e suadoiros (espécie de atmosfera húmida) em que as pessoas embrulhadas em cobertores ou capotes, inspiravam os vapores da água quente.

Mandava ainda pôr papas de linhaça, senapismo e lancetava furúnculos, nascidas, etc.. Chegava a curar os *cabrúnculos* – nascidas ruins.

Mesmo quando os animais adoeciam, por exemplo, sempre que o porco tinha *sarnão*, o barbeiro aconselhava fazer uma mistura de azeite com enxofre e untar as regiões afectadas.

Houve barbeiros no Sobral com grande fama nas *redondezas* pelos seus conhecimentos de cirurgia. Já o Professor Gabriel o refere no seu livro sobre o Sobral.

B – LITERATURA ORAL

1 – Marchas e Canções

Relativamente isolada até à pouco tempo, a população do Sobral pôde conservar costumes e práticas tradicionais que quase desapareceram na maior parte das regiões do país. É notável a riqueza nos domínios da arte da palavra e da música.

Cantavam homens e mulheres, não só nos trabalhos agrícolas (sementeiras, sachas, colheitas, debulhas, apanha da azeitona), pelos santos populares, pela Paixão, pelo Natal, mas também nos serões à lareira no Inverno, e, à porta, no Verão.

Como é um povo alegre cantava e canta nas cerimónias religiosas.

É de salientar que os versos não são para se dizer mas para se cantar.

O repertório de cantigas é vasto e variado: quadras, modas, romances etc., etc..

Em horas de lazer também se narravam contos, anedotas e adivinhas.

Da literatura oral fazem ainda parte os provérbios que estão constantemente metidos nas conversas.

Marcha do Sobral de S. Miguel

Ajoelhada na base da serra
A minha terra não tem rival.
Vestida de azul beleza
A natureza doou-te igual.
Teu nome dá-lhe o encanto,
Que eu amo tanto, faz-te feliz.
Gentil, de graça e candura,
Dourada de formosura,
é honra de quem o diz.

Refrão

Rico Sobral, oh que lindo és,
Com a ribeira aos pés
Em murmuração!
Rico Sobral, tu és graça gentil,
És rosa em Abril,
Jardim de Verão.

À sombra dos castanheiros
Gozam mineiros a descansar
Saudades da mocidade
De há longa idade, a desfolhar.
Os sonhos das tuas glórias
São as vitórias da pátria mãe.
E nos combates da vida
Batalham de frente erguida
P'rá sua glória também.

Refrão

Rico Sobral, tu és um primor,
Canta-te o Açor,
Pelo S. João!
Rico Sobral, oh meu S. Miguel,
é gente fiel,
Ama a reinação.

Teus filhos, de sangue nobre,
Partem com pobre sua riqueza;
E nas fadigas da terra
Olham para a guerra com alma acesa.
Ufanos, os teus padrinhos,
Os pergaminhos honram por lei.
Galhardos, hospitaleiros,
A cantar são os primeiros,
A honra da luz é grei.

Cantigas ao Sobral

Viva o Sobral
Terra de encanto
És o meu berço
Que eu amo tanto
Oh meu cantinho
Encantador
O S. Miguel
Teu protector

Ficas escondido
Num cantinho da serra
Gritemos bem alto
Viva o Sobral, nossa terra.

Viva o Sobral
Haja alegria
Não queremos mais
Melancolia
Queremos dar brilho
À nossa terra
Viva e alegre
Junto à serra.

É gente fiel
Como não há igual
Ela faz a honra
Ao nosso Portugal.

Ai oh! Sobral, oh! Sobral
Oh! Sobral dos meus amores, oh! ai
Ai oh! Sobral, oh! Sobral
Da terra jardim de flores

Cá vai o nosso ranchinho
Pelas ruas do Sobral
Oh que bem enfeitadinho
Todo cheio de ideal

Uma "Moda" do Sobral

O Sobral nasceu
E depois cresceu
À beira da ribeira.
E a virgem de frente
Lá no alto monte
Velando por ti.
Como és feliz
Tudo assim o diz
Tu és altaneira
Tu és a mais linda
Tu és a rainha
Das terras da Beira.

Côro

Juventude, juventude,
és uma força valente e ideal,
Como virtude sempre alerta,

Caminhando de alma aberta,
És um farol e luzeiro de Portugal.

Os teus emigrantes
Que em terras distantes
Se lembram de ti.
Nunca os esqueças
E faz que regressem
Todos junto a ti.

Cachopa modesta, de lenço na testa,
Vistosa, engraçada,
Tu vais tão bonita
Com saia de chita
E xaile traçado.

Esmaltando o dia,
Com dor e alegria
E tudo à mistura
Nós somos alguém
Que passando além
Ganhamos altura.

Cantigas de roda dedicadas ao Sobral

Viva quem agora veio
Ai, mais quem agora chegou – bis
Estava p'ra me ir embora
Ai, agora já me não vou – bis

O Sobral de S. Miguel
Ai, ao longe parece vila – bis
Tem a igreja no meio
Ai, as alminhas à saída – bis

Côro

Oh meu rico Sobral
Minha terra tão querida
Sempre te hei de amar
Por toda a minha vida.

Oh Sobral de S. Miguel
Ai, ao fundo passa a ribeira – bis
Não há gente mais bonita
Ai, nem gente mais verdadeira – bis

Oh Sobral de S. Miguel
Ai, rodeado de colinas – bis
Pareces um malmequer
Ai, nas mãos das tuas meninas – bis

Oh Sobral de S. Miguel
Ai, rodeado de latadas – bis
Pareces um malmequer
Ai, nas mãos das mulheres casadas – bis

Oh Sobral de S. Miguel
Ai, rodeado de diamantes – bis
Pareces um malmequer
Ai, nas mãos dos teus estudantes – bis

(música da cantiga minhota "Olaré vai-te embora")

Marcha de cortejo (Música de uma marcha de Lisboa)

Sobral, gaiato de chinelas nos pés
Sobral ladino, de lindo que tu és
Sobral, travesso que bailas a cantar
Aldeia pequenina com rouxinóis ao luar.

Sobral vem para a rua
Que o S. Miguel é teu
S. Pedro deu-te a lua
Quando na torre escureceu
Comprei-te uma vinha
Tu deste-me um túnel
Em casa é que eu não fico
Oh meu rico S. Miguel.
Sobral terra tão mimosa
Deste jardim da Europa
Tu és bela e airosa
Como outra não se topa.
Teus olivais verdejantes
Tuas casas caprichosas
Que empolgam os viajantes

Quadras Soltas

Chamaste-me preta, preta,
Eu sou preta bem no sei
mais preta é a azeitona
E vai à mesa do rei.

Chamaste-me preta, preta
Mas era do pó da eira
Hás de me ver no domingo
Como a rosa na roseira.

Chamaste-me preta, preta
Mas era do pó do chão
Hás-de me ver no domingo
Como a rosa no botão.

Não te encostes à barreira
Que a barreira deita pó
Encosta-te ao meu vestido
Sou sozinha vivo só.

Foste-te gabar ao adro
Que tinhas muitas à escolha
Hás de ficar sem nenhuma
Como a figueira sem folha.

Disseste que me não queres
Que é por eu não ter fazenda
Nem teu pai é muito rico
Nem tu és uma grande prenda.

Disseste que me não queres
Que é por eu não ter roupa
Fala-me oh filha da p...
Que eu em casa tenho outra.

Meu amor se fores à missa
Põe-te em lugar que eu te veja
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja.

Ao domingo fui à missa
Com a minha saia de folho
O ladrão do sacristão
Logo me piscou o olho.

Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometeu-me três ovelhas
Uma côxa, outra cega
Outra trontcha das orelhas.

O meu pai é muito rico
Por morte dele herdei eu
A asa de um penico
E a capa dum chapéu.

Dizes que não sei cantar
Eu também digo que não
Quem sabe ler vai ao estudo
E eu nunca fui à lição.

Dizeis que eu não sei cantar
É de ter a fala grossa
Nem na troco, nem na vendo
Nem vos vou pedir a vossa.

Quero cantar e não posso
Falta-me a suspiração
Falta-me a luz dos olhos
Amor do meu coração.

Ando rouca e rouquinha
Não é catarro nem tosse
é o ladrão do amor
Que de mim quer tomar posse.

Não canto por bem cantar
Nem por muito bem saber
é para cegar os olhos
A quem me não puder ver.

Chamaste-me amor perfeito
Uma flor que a terra cria
Amor perfeito é Deus
E mais a Virgem Maria.

Oh rosa de Alexandrina
Onde deixastes o cheiro
Deixei-o na tua cama
Na renda do travesseiro.

Rosa branca toma cor
Não sejas tão desmaiada
Dizem as outras rosas:
Rosa branca não és nada.

Cravo roxo à janela
É sinal de casamento
Menina recolha o cravo
Que o casar inda tem tempo.

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar que estás bem
Mimosa e regalada
À sombra da tua mãe.

Algum dia era eu
Algum dia eras tu
Agora nem tu nem eu
Agora nem eu nem tu.

Algum dia era eu
Raminho de andar na mão
Agora sou a vassoura
Com que tu varres o chão.

Algum dia p'ra te ver
Morria por te falar
Agora nem ver te posso
Nem ouvir-te nomear.

Algum dia p'ra te ver
Saltava trinta portais
Agora p'ra te não ver
Saltava trinta ou mais.

António, lindo António
António, lindo rapaz
Já te dei meu coração
Não sei se me enganarás.

António, lindo António
António, lindo de certo
Sendes o cravo mais lindo
Que o craveiro tem aberto.

Oh minha mãe, minha mãe
Oh minha mãe coitadinha
O enfado que lhe eu dava
Quando era pequenina.

Minha mãe dos trabalhos
Para quem trabalho eu
Trabalho mato o meu corpo
Não tenho nada de meu.

Minha mãe do céu valei-me
A da terra já não pode
A do céu é para sempre
A da terra logo morre.

Oh minha mãe minha mãe
Oh minha mãe não sei dela
A minha mãe está no céu
Quem me lá dera ao pé dela.

Já tive agora não tenho
De todos fui estimada
Acabou-se-me o dinheiro
Já vou estando desprezada.

Quem me dera uma mãe
Nem que ela fosse uma silva
Nem que ela me piscasse
Sempre eu era sua filha.

Sei um saco de cantigas
E ainda mais um guardanapo
Cale-se lá minha menina
Antes que eu desate o saco.

Sei um saco de cantigas
E mais uma taleigada
Mas se hoje as canto todas
Amanhã não canto nada.

Quadra do Filho pródigo

"Mote"

Oh meu pai que desprezei
Não mereço o seu perdão
Sou um filho desgraçado
Tenha de mim compaixão.

1ª

É este o lar tão ditoso
Onde a virtude governa
É esta a casa paterna
É este um pai carinhoso.
Foi neste lugar saudoso
Que eu mimoso me criei
Tão cedo o abandonei
Tive a culpa bem conheço
Nem aparecer vos mereço
Oh meu pai que desprezei.

2ª

Fui orgulhoso eu não minto
Em dar um passo tão feio
Para vir de miséria cheio
Descalço, roto, faminto.
É o castigo que eu sinto
Desta minha ingratidão
Feri meu pai à traição
À virtude meti guerra
Sou mais vil que o pó da terra
Não mereço o seu perdão.

3ª

Não mereço que o meu pai
Nesta desgraça me valha
Nem que me dê uma migalha
Que da sua mesa cai
Sobre mim é que recai
Os maus passos que eu tenho dado
Eu em casa estimado
Quando tudo abandonei
O meu pai não respeitei
Sou um filho desgraçado.

4ª

Eu venho ao meu pai pedir
Um pão para matar a fome
Um fato velho de homem
Para as minhas carnes cobrir
A palha para dormir
Não mereço outro quinhão
Sou um réu de maldição
Trago a desgraça comigo
Como não tenho outro abrigo
Tenha de mim compaixão.

Quadras da 1ª Grande Guerra 1914 – 1918

"Mote"

Além naquela casinha
Na serra que fica além
Foi além onde eu nasci
Onde morreu minha mãe.

1^a

Aqueles alemães tiranos
A quem tenho ódio profundo
Deixaram-me só no mundo
Constava eu sete anos
Eles fuzilaram meus manos
Minha mãe tão pobrezinha
Violada coitadinha
Não pôde resistir morreu
Bem vê camarada meu
Além naquela casinha.

2^a

Meu pai era militar
Do grande exército Francês
Bastantes esforços fez
Para sua pátria salvar
Já cansado de lutar
Teve de morrer também
Deixando a França porém
Abraços com sua sorte
Meu pai alcançou a morte
Na serra que fica além.

3^a

Eu por milagre escapei
Pelas balas fui varado
Assim que me achei criado
Eu logo praça assentei
Eu já mais esquecerei
Os tormentos que sofri
Quando em batalha me vi
O meu coração sentiu pena
Bem vê Alsácia, Lorena
Foi além onde eu nasci.

4^a

Esses velhos Alsacianos
Só se puderam escapar
Devem-se da guerra lembrar
Há quarenta e sete anos
Antes que eu viva mil anos
Os horrores que a guerra tem
A França perigos tem

E em perigos vai combater
Quem me dera ir morrer
Onde morreu minha mãe.

Cantigas da 2ª Guerra Mundial (1939 – 1945)

O novo mapa do mundo
Relembra os tempos passados
Vêem-se muitas nações – bis
Com os canhões
E seus soldados.

Essa Alemanha guerreira
Que a todos está a desafiar
Tem lá um imperador – bis
Esse senhor
Só quer ele mandar.

A grande e poderosa América
Já se preparou para a guerra
Já tem mandado canhões – bis
E aviões
P'ra Inglaterra.

A valente Inglaterra
Ainda não vai desta vez
Tem homens muito valentes – bis
E inteligentes
Pode com três.

A Itália atrevida
Com os Gregos não se entende
Já tem muita gente presa – bis
E com certeza
Não se defende.

A Rússia está sentada
Ainda se não quis ralar
Pois tem as guias na mão – bis
Dos ursos e do leão
Está a fumar.

A França coitadinha
Lá vai seguindo o seu fado
Já só tem um bocadinho – bis
Bem pequenino
Não ocupado.

A Espanha ainda se sente
Com forças para romper
Pois ela ainda nos diz – bis
Este país
Não pode morrer.

Portugal é pequenino
Para todos tem agasalho
Tem a bandeira que diz – bis
Este país
Dá-vos trabalho.

Despedida dos Frades (entre 1764 a 1776)

1ª

Pedro, Paulo eremitas
Santos nossos muito amados
Ponde em nós vossos cuidados
Daqui nos mandam desterrados
A vossa bênção nos deitai
Não sei quem tanto poder tem
As nossas lágrimas imaginai
Lembraí-vos que sois o pai
Destes filhos desgraçados.

2ª

Adeus pai de penitência
Exemplo de santidade
Só uma grande impaciência
Vai fazer a nossa ausência
Mas sofrer com paciência
É nossa obrigação
Aí fica Santo Antão
Nosso fiel companheiro
Morrer neste mosteiro
Sempre foi nossa tenção.

3ª

Há mil e quinhentos anos
Que há na serra monges devotos
Que oferecem a Deus seus votos
E seus corações humanos
Até filhos de reis soberanos
Ali tinham professado

Lá nesse tempo passado
Portugal tinha braço
Mas em pontos de religião
Vai estando isto acabado.

4^a

Irmãos é chegada a hora
De deixarmos o deserto
Já com o real decreto
Que nos manda daqui para fora
Vamos já sem demora
Despedir-nos da Serra da Ossa
Eu não sei como há que possa
Cair em tantos enganos
No fim de mil e quinhentos anos
Esta casa não é nossa.

5^a

Adeus Convento, adeus Serra
Daqui nos mandam sair
Mas é preciso advertir
Que quem manda também erra
É mais infeliz que o pó da terra
Quem aflige o seu semelhante
Mas o tempo é constante
Faz voltas ao mundo dar
A casa de Deus atacar
Só o faz um protestante.

6^a

Adeus painéis e pinturas
Que aí ficam no claustro
Foram filhos sem padrasto
Da nossa religião
De António e João
E de D. João de Castro
O meu dote e mais o vosso
Que nos deram nossos pais
Agora bens nacionais
Entender isto eu não posso.

7^a

Adeus todos os vizinhos
Da aldeia e mais dos montes
Adeus rios, adeus fontes

E seus inocentes peixinhos
Adeus irmãos pobrezinhos
Que esmola andais pedindo
Nós também vamos sentindo
Esta grande trovoadá
Desta não escapa nada
A todos vai afligindo.

8^a

Adeus oh restos mortais
Que jazeis nas sepulturas
As vossas penitências duras
Nos lembram cada vez mais
Vós outros aí ficais
Dos homens esquecidos
Nós já vamos convertidos
Por uma vez ao natural
Não sabemos porque mal
Somos tão afligidos.

9^a

Adeus campos adeus flores
Adeus feras e passarinhos
Aí mesmo nos vossos ninhos
A Deus cantais os louvores
Só vós sois merecedores
De gozar a solidão
Aí fica o gato e o cão
Um a ladrar outro a miar
Por seus donos a chamar
Sem terem quem lhes dê pão
Almocreve e abegão
Ganadeira e trabalhador
Sapateiro e tecelão
Tudo aqui ganhava pão.

10^a

Adeus gerais e reitores
Adeus mestres e jubilados
Adeus todos os prelados
Coristas e confesores
Irmãos leigos e porteiro
Adeus cruzes do dinheiro
Que nos deram nossos pais

- Agora bens nacionais
Tornaram posse do Mosteiro.
- 11^a
Adeus torres adeus sinos
Descansai já de tocar
Não tendes por quem chamar
Para os ofícios divinos
O som dos vossos metais finos
Nos davam muita alegria
Fosse de noite ou de dia
Iam justos e pecadores
Todos iam dar louvores
A Deus e à Virgem Maria.
- 12^a
Oh filho do grande Henrique
Vê como está transtornada
A grande obra consumada
Lá nesse campo de Ourique
Deus queira que por aqui fique
O que em anos se tem visto
Portugal, vê lá se é isto
A fé pura conservar
Já se não ouve tocar
A religião de Jesus Cristo.
- 13^a
Filhos de Santa Igreja
Chorai sem consolação
Lágrimas do coração
Para que todo mundo veja
Uma mão benfazeja
Nunca dá golpe mortal
Quem se emprega a fazer mal
De contínuo anda pensando
Quando há-de poder-se quando
Contra a razão natural.
- 14^a
Todo o homem que for cordato
No seu modo de pensar
Jamais pode louvar
As acções de um ingrato
O qual nunca se viu farto

De afligir o seu semelhante
Mas o tempo é constante
Faz voltas ao mundo dar

Cantigas à Maria da Fonte

Viva a Maria da Fonte
De nome tão majestoso
Em Fonte de Arcada nascida
Do concelho de Lanhoso.

Eia avante portugueses
Eia avante sem temer
Pela santa liberdade
Triunfar ou parecer.

Lá vem Maria da Fonte
A cavalo no seu burro
Vai perguntar ao Saldanha
Se o Porto está seguro.

Lá vem Maria da Fonte
Vem de pistola na mão
Para matar os Cabrais
Que são falsos à Nação.

Senhora Maria da Fonte
É uma grande senhora
P'ra falar com sua alteza
Foi-se vestir de pastora.

Senhora Maria da Fonte
é uma mulher como as mais
Usa facas e pistolas
Para matar os Cabrais.

Cantigas a D. Miguel

D. Miguel subiu ao trono
Lá no cimo deu um ai
Perguntou a sua mãe
Que é do meu Augusto pai

Olarão tão tão
Comeste pescada
Arrotas ao cação.

D. Miguel subiu ao trono
Sua mãe lhe deu um dedo
Anda cá filho da minha alma
Não queiras estar no degredo

Olarão tão tão
Comeste pescada
Arrotas ao cação.

Sua mãe lhe respondeu
Com lágrimas de ternura
Foram os falsos questionários
Deram com ele na sepultura

Olarão tão tão
Comeste pescada
Arrotas ao cação.

Cantigas a João Brandão

(Guerrilheiro Liberal que matou o Padre Portugal sendo preso por isso e mais tarde deportado para África, onde foi assassinado).

Dizeis que matei um padre
Também matei um ferreiro
Também matei um menino
Na "caruita" dum pinheiro

Caiu do pinheiro abaixo
Aos pés se me ajoelhou
Deite-me cá sua bênção
A razão porque me matou

Dizem que eu matei um padre
Quem o matou foi a moça
À entrada de Candosa
Enterrou-o numa poça

Quando eu cheguei a Tábua
Que eu olhei para as minhas luvas
Adeus Carolina Augusta
Ficas no rol das viúvas

Quando eu cheguei a Tábua
Que eu olhei para os meus botões
Logo o meu coração disse
Que não tornava a Midões

Adeus vila de Candosa
No meio tem uma poça
Dizeis que matei um padre
Quem no matou foi a moça

Adeus vila de Candosa
No meio tem um chorão
À entrada do mercado
Prenderam João Brandão

Quando eu cheguei a Tábua
Eu olhei para a "enxovia"
Procurei ao "caçareiro"
Se era ali para onde eu ia

O carcereiro me respondeu
Pronto e com grande franquidão
É ali para onde vai
João da Silva Brandão

Adeus Carolina Augusta
Já te não torno a ver
Agora vou "degradado"
À África vou morrer

De 25 mortes que fiz
Só de uma levo paixão
De matar um inocente
Com um punhal no coração

Quando eu cheguei a Tábua
Disse cá p'ros meus botões
Adeus João da Silva Brandão
Já não voltas a Midões

Nota: Os Brandões e os Cácsas ou Cacarras eram opositores; os Brandões eram por D. Pedro – Liberais. Os Cácsas eram por D. Miguel – Miguelistas. Os mais interessados podem consultar o livro "Terror das Beiras" ou a revista "História" nº 124, 125, 126 e principalmente a 127 onde fala sobre o Sobral: "Guerrilhas, Bandoleiros e Rebeldes". Ambos os grupos andaram pelo Sobral, mas o João Brandão dormia e era amigo do Ti João Pinto – avô do Ti Reinaldo (Reinaldo Pinto Geraldês).

Fado

Em Lisboa se formou
Palácios de grande altura
Onde uns vão penar
Outros para a sepultura.
Casa cheia tem fartura
Não sou só eu que o digo
Vão-se as galinhas ao trigo
A culpa é dos pardais
O burro tem atafais
O cavalo seus estribos
Na venda se vendem figos
Para contentar o rapaz
Também no mar andam alcatrazes
Também se chama gaiivotas
Tudo tem as pernas tortas
Vão-se as sezões com desejos
As feridas com unguento
Mói o moinho com vento
Esta moda é tamanha
Quem a urdiu não foi aranha
Esta moda é comprida
É comprida não tem fim
É ramo de alecrim
Que se dá aos namorados
Dão-se as armas aos soldados
Também se dão aos caçadores
Isto quem tem amores
Ligeirinho deve andar
Uma gaita p'ra tocar
Um pente para a cabeça
Menina não endoideça
Que ainda pode ser feliz
Tem um tamanho nariz
Tem mais de palmo e meio
Que lhe chega até ao seio
Serve para a rabiça dum arado
P'ra cajado de um pastor
P'ra cadeira de um letrado
Para bigorna de um ferrador.

(Rematava com este final)

Em Lisboa se formou
Fábricas de grande gás
O compadre chegadinho – fez – fez
O compadre chegadinho – fez – fez.

Em Lisboa se formou
Fábricas de grande gás
O compadre chegadinho – fez – fez
O compadre chegadinho – fez – fez.

Fado "Verdades como punhos"

No baú se mete a roupa
Também se mete em gaveta
A mulata não é preta
Do caldo se faz a sopa
O faminto a tudo topa
Tomam-se banhos em tinas
Põe-se anúncios nas esquinas
Os grelos vendem-se aos molhos
Não há meninas sem olhos
Nem há olhos sem meninas.

Anda a fretes o galego
Este no pé tem calo
Não há alface sem talo
Nem carpinteiro sem prego
No Verão gira o morcego
Casacos têm entretelas
Os pobres vão com tigelas
Às portarias jantar
Os cães quando entram no mar
Vão ensinar-se com pêlas.

A pata do boi tem casco
O ovo tem gema e clara
Não há fanqueiro sem vara
Nem taberna sem ter frasco
Enforca gente o carrasco
Arroz doce quer canela
Quem põe castiçal põe vela

Melro come o coração
A noite de S. João
A cara deixa amarela

Quem morre não volta cá
Quem nasce, nasce chorando
Muita gente anda rosnando
Com o pago que o amor lhe dá
Cantam dó-ré-mi-só-lá
No seminário os meninos
Querem mama os pequeninos
A abóbora carneira é branca
Aldraba condiz com tranca
Na horta nascem pepinos.

Palrar muito é das mulheres
Castanheiros dão ouriços
Quem tem sangue faz chouriços
Quem tem vagar faz colheres
Sobre teres e haveres
Movem-se muitas demandas
O soldado vai à guerra
Enterros fora da terra
Costumam ir numas andas.

Vamos caçar mentiras

Faz no sábado, quinta-feira,
vai para lá de três semanas,
que abalei hoje e vim ontem
lá das embarcas romanas.
Fui soldado, assentei praça,
na ilha dos sapadores,
fui maquinista dos vapores
na carreira de Alcobaça.
Ganhei o forte da Graça,
estive na ilha Terceira,
três dias em uma hora;
quando me de lá vim embora
fiz no sábado quinta feira.
Já vi um mosquito com um boi na boca,
cem léguas à proporção,

dei-lhe tamanho cachação
que a bem alto o fiz subir;
à espera de o ver cair
estive dez anos num Verão.

Cantigas de Roda

Oh! que ranchinho de moças,
oh! que bela mocidade,
criadinhos numa aldeia,
parecem duma cidade.

Ó minha pombinha branca,
aonde queres que eu te leve,
leva-me à Serra da Estrela,
enterra-me ao pé da neve.

Oh! laranja, tangerina,
caiu no tanque da neve;
o ladrão do meu amor
sabe ler e não me escreve.

Ó garoto, eu já vi,
ainda espero ver mais,
ainda espero de te ver
na praça a vender jornais.

Na praça a vender jornais,
na praça a vender papel,
minha dama é Maria
e eu também sou Manuel.

Passarinho das três asas
Dá-me uma, quero voar,
quero ir ao céu em vida,
em vindo torno-ta a dar.

Farrapeirinha

Chamaste-me farrapeira
ao portal da minha vinha
farrapeira eu não sou
sendo eu tão asadinha.

Chamaste-me farrapeira
esfarrapada na cortiça
a moda da farrapeira
a todos mete cobiça.

Chamaste-me farrapeira
eu nunca vendi farrapos
tenho uma saia nova
toda cheia de farrapos.

Ó minha farrapeirinha
como se chama o seu *home*
chama-se batata assada
sem azeites não se come.

Ó minha farrapeirinha
ó minha farrapeirona
compõe-te bem asadinha
não andes à bandalhona.

Ó minha farrapeirona
ó meu lindo farrapão
anda junto do meu peito
ao pé do meu coração.

Mais Cantigas de Roda

Encadeia, segue encadeado,
não me aperte a mão,
que me estala o braço.
Encadeia, dá-me um beijinho
encadeia, dá-me um abraço.

Eu passei numa terra estranha
a pedir esmola, ninguém ma deu,
ai, eu hei-de deixar escrito,
ai, à fome ninguém morreu.

Anda lá para diante
que eu atrás de ti não vou,
não me pede amar o coração
amar a quem me deixou.

Anda lá para diante,
retira-te do caminho,
quem vai para amar o outro
não vai tão devagarinho.

Ó alta serra da neve
onde o penedo caiu,
ninguém diga o que não sabe,
nem afirme o que não viu.

Ó alta Serra da Estrela,
adeus, ó barroco de neve,
adeus ó mãos adoradas
onde o meu amor escreve.

Venho da Serra da Estrela
de fazer parede ao Sol,
venho toda admirada
do canto do rouxinol.

Ó Helena,
toma lá e leva,
esta moda nova
para a tua terra.
Ora vai tu,
ora vai, vai,
eu bem te queria,
mas não posso, ai, ai.

Ó Rosita

Ó Rosita , eu pedi-te um beijo,
Ó Rosita eu pedi, pedi;
Passaste, não me falaste,
Mas eu bem que te vi.

Ó Rosita , eu pedi-te um beijo,
Ó Rosita eu pedi, pedi;
À sombra do *acipreste*
Eu pedi-te um beijo,
Mas tu não mo deste

Ó Rosita , eu pedi-te um beijo,
Ó Rosita eu pedi, pedi;
À sombra da laranjeira
Eu pedi-te um beijo,
Na brincadeira

Ó Rosita , eu pedi-te um beijo,
Ó Rosita eu pedi, pedi;
À sombra do laranjal
Eu pedi-te um beijo,
Mas não foi por mal.

Serrana

Serrana, linda serraninha,
Oh! Ai serraninha de saia encarnada;
Sim, senhor, eu da serra sou,
E bailar eu não vou, mas não é por nada.

Serrana, linda serraninha,
Oh! Ai serraninha lá de Penamacor;
Sim senhor eu da serra sou,
E bailar eu não vou, falta-me o amor.

Serrana, linda serraninha,
Oh! Ai serraninha lá de Castelo Branco;
Sim, senhor, eu da serra sou,
E bailar não vou, falta-me um tamanco.

Serrana, linda serraninha,
Oh! Ai serraninha lá da Atalaia;
Sim senhor eu da serra sou
E bailar não vou, falta-me uma saia.

Serrana, linda serraninha,
Oh! Ai serraninha lá de Gouveia;
Sim senhor eu da serra sou
E bailar não vou, falta-me uma meia.

Serrana, linda serraninha,
Oh! Ai serraninha lá do Sobral;
Sim senhor eu da serra sou
E bailar não vou, mas não é por mal.

Nota: No Sobral não falta reportório. É preciso que o RANCHO agora formado se consiga manter e que não esmoreça o ânimo dos que o integram.

Cantigas Dialogadas – 1ª Guerra Mundial

Adeus ó Lisboa querida
Adeus linda capital
Vou para França batalhar¹
Digo adeus a Portugal.

¹ Esta canção insere-se no tipo de canção-folhetim que era vulgar aparecer pelas feiras. Ainda não há muito se vendiam esses folhetos ilustrados com a fotografia do artista, sempre apelando à emoção. Além disso, recorda um desses folhetos que no passado século correram as feiras da Beira quando o famigerado João Brandão partiu para o desterro em Angola e que principia de modo semelhante.

- Alemanha: Ó Portugal, Portugal
Tanto falavas de França
Agora estás outro tal
De lá te veio a herança.
- Portugal: Tu és a ladra maior
Que o mundo tem conhecido.
- Alemanha: Não te faças atrevido
Que te pode ser pior!
- Portugal: Tenho vaca e carneiro
Que tu não hás-de trincar.
- Alemanha: Eu tenho muito dinheiro
Para tudo te pagar.
- Portugal: Mais vale a minha riqueza
que é pão azeite e vinho.
- Alemanha: Para tu dares amiguinho
À tua querida inglesa.
- Portugal: Não te darei, com certeza,
Nem uma pedrinha de sal.
Pois vejo que, afinal,
Nossa amizade findou,
Para sempre te desprezou
O valente Portugal.

2 – Romances

(Cantados no Sobral, alguns datam da Idade Média)

Menina da Mantilha

Menina da mantilhinha
Cubra-se esse belo rosto
Que eu indo vindo da guerra
Hei-de vir morar convosco.
Se eu aos sete não vier
Aos oito toma marido
Portanto, minha menina,
Tens o teu amor perdido.

Ajude-a Deus, senhora
Cosendo nessa almofada:
Faça-me o favor, senhora,
De um pucarinho de água
De onde vem tal cavalheiro
Tão cortês na sua fala?
Sou o seu filho, senhora,
Venho das partes da armada.

Se tu meu filho foras
Novas te eu então dava
A nossa gente da aldeia mãe¹
A nossa gente da aldeia filho
Hoje se vão a casar
Minha mãe dê-me licença
Que eu lhe lá vá falar.
Não te dou licença filho
Que te podem lá matar
Tenho andado por terras
Hei-de lhe saber falar.

Ajude-a Deus senhora
E a toda a sua presença
Entre, vá falar à noiva
Se ela é sua parenta
Há sete anos que estou falada
Tempo tinha de o ser
Estes são os meus amores
Estes os quero receber.

Romance da Aninhas

Minha mãe não durma
Deixe de dormir
Se quer ver o cego
Tocar e pedir.

Se ele toca bem
Dê-lhe pão e vinho
Para o triste cego
Andar o caminho.

¹ A canção está incompleta como se pode ver neste passo onde não há uma sequência lógica. Estas canções, comuns a muitas terras, sofriam variantes que as enriqueciam reflectindo o "status" social.

Não quero pedir o seu pão
Nem mesmo o seu vinho
Quero só que a menina
Me ensine o caminho.

Agarra na roca
E também no linho
Vai com o triste cego
Ensinar-lhe o caminho.

Espiou-se a roca
Acabou-se o linho
Adiante, cego,
Aí vai o caminho.

Ande lá menina
Até mais além
Sou curto da vista
Não enxergo bem.

Adeus minha casa
Adeus meus olivais
Adeus minha mãe
Para nunca mais.

Adeus minha casa
Com minhas janelas
Adeus minha mãe
Que tão falsa me eras.

Romance do Soldado e do Demónio

Adeus soldadinho novo
que tão triste andas na guerra,
se te lembra pai ou mãe,
ou gente da tua terra.

Nem me lembra pai ou mãe
nem gente da minha terra,
lembra-me só uma menina
que é bonita e donzela.

Toma espada e cavalo,
vai sete meses à terra,
ao fim de sete meses
tu virás vencer a guerra.

Donde vens ó soldadinho
donde vens agora aqui?
Vou para ir ver minha amada
que há tempo que a não vi.

Tua amada já é morta
e morta que eu bem na vi,
o traje que ela levava
eu to digo agora aqui.

Gargantilha gorgorada,
camisa de canequim,
os homens que a levavam
eram lindos como a ti.

Não te espantes meu cavaleiro
não te espantes agora aqui
que eu já fui a tua amada
e algum tempo te servi.

Se tu és a minha amada
um beijo deras a mim.
Os beijos que eu te dava
já os não trago aqui.

Se chegares a ter filhas
traze-as diante de ti
que se não percam por homens
como eu me perdi por ti.

Adeus meu amor, adeus,
já aqui não posso estar
que as correntes do Inferno
já por mim estão a puxar¹.

Romance de Castigo

Era um homem muito rico
que duas vezes viuvou
arranjou com mulher pobre
grande soberba tomou.

1 O romancero popular está cheio destes contrastes: amor e guerra, morte e castigo, paixões românticas mas mórbidas. Não esquecem o cunho moralista e penalizador, o maniqueísmo do Bem contra o Mal, com possibilidades de alianças como no Dr. Fausto, com entrega da alma ao demónio em troca de algum bem terreno.

Grande soberba tomou
grande soberba foi achar
nunca mais naquela porta
esmola se tornou a dar.

Lá vem quinta feira santa
p'ra semana que há de vir
um pobre bateu à porta
esmola foi a pedir.

O homem como dorido
bondoso do coração
tomou a faca e a broa
deu-lhe um bocado de pão.

A mulher como malvada
das mãos lho foi tirar
com a cegueira que levava
p'rá caldeira o foi deitar.

Anda cá ó meu marido
anda cá se tu queres ver
uma caldeira sem nada
cheia de sangue a ferver.

Palavras não eram ditas
foi uma morte de pascar
os demónios eram tantos
como os mosquitos no ar.

Chegaram ao cemitério
não levavam que enterrar
enterraram o caixão
para o coveiro ganhar.

Romance de Clara

Clara, linda Clara,
mais clara que sol,
deixa-me ir dormir uma noite
na ponta do teu lençol.

Hoje sim ó cavalheiro,
hoje sim, amanhã não,
o meu marido não está cá,
foi p'rá feira da Ascensão.

Lá pela noite adiante
o marido à porta bateu;
bateu uma, bateu duas,
Clara ali não apareceu.

Ou ela está doente,
ou lá tem outros amores,
aqui ando procurando
por as chaves dos corredores.

De quem é aquele chapéu
que além está dependurado?
é p'ra ti, meu amor,
que bem no tendes ganhado.

De quem é aquele cavalo
que na loja relinchou?
é p'ra ti meu amor,
foi meu pai que to mandou.

Ao dizer estas palavras
Clara, linda Clara desmaiou.¹

3 – *Provérbios*²

- Janeiro molhado, enche o celeiro e farta o gado.
- Em Janeiro, sobe ao outeiro; se vires verdejar, põe-te a chorar; se vires terrear, põe-te a cantar.
- Janeiro geoso, Fevereiro febreoso, Março amoroso, Abril ventoso e Maio ramalhoso, fazem o ano formoso.
- Março, marçagão, de manhã Inverno, à tarde Verão.
- Março de manhã desenxameia a colmeia, à tarde arreganha a ovelha.
- Quem não poda até Março, vindima no regaço.
- Em Março, tanto durmo como faço.

1 Estando o romance incompleto podemos terminá-lo, segundo o modo característico de falar e pensar da época:

*Por não guardar o respeito
com o primeiro que chegou.*

2 Os provérbios são autênticos resumos da vida popular aldeã. Eles reflectem, principalmente, a economia agrícola e a observação da natureza física e humana. Indicam os períodos em que se executam as fainas mais importantes e são a memória-observação dos aspectos climatéricos e agressividade da natureza.

- Em Abril, águas mil.
- Em Abril, vai a velha onde tem de ir e volta ao seu covil.
- Em Abril, queima-se o carro e o carril, guarda-se uma camba para Maio e um cambão para o S. João.
- Pelo S. João, mão no linho e foice no pão.
- No S. João caça beira custa um tostão¹.
- Chuva de S. João, tira o azeite e vinho e não dá pão.
- No S. Tiago, cada beira custa um cruzado¹.
- Pelo S. Tiago, pinta o bago.
- Em Agosto, cada dia faz seu rosto.
- Luar de Agosto, só o de Janeiro lhe dá no rosto.
- Pelo S. Lourenço (10 de Agosto), vai à vinha e enche o lenço.
- Pela Senhora do Montalto (8 de Setembro), rodas ao alto.
- Pelo S. Mateus, pega no arado e lavra com Deus.
- Pelo S. Simão e S. Judas, já colhidas são as uvas.
- Pelo S. Martinho prova o teu vinho.
- S. Simão prometeu um magusto aos Santos, ou varejadas ou desteladas.
- O dia de Natal, já tem salto (ou bico) de pardal; e a 20 de Janeiro, tem uma hora por inteiro.
- Quem quiser bom alhal, é semeá-lo no Natal.
- Quem quiser bom alheiro, é semeá-lo em Janeiro.
- Não há luar como o de Janeiro.
- Luar de Janeiro não tem parceiro.
- Quem trabalha tem alfaia.
- Quem não trabuca não manduca.
- Filho és, pai serás, conforme fizeres, assim acharás.
- O entrudo quiere-se borralhudo.
- Chuva na Páscoa, esquecei² nas nozes.

4 - Adivinhas

Rapaz inocente morreu
 filho de mãe que nunca nasceu
 e a avó esteve virgem
 Até que o neto morreu.

(Abel, Eva e Terra)

1 O tostão, antigamente, valia 10 reis e o cruzado (4 tostões) 400 réis. Compare-se com o ordenado diário de um guarda da polícia em 1878: 500 réis, para encontrarmos o significado de um grande prejuízo.

2 Por pudor, resolvemos emendar o termo usado.

Verde foi meu nascimento
e de luto me vesti
para dar luz ao mundo
mil tormentos padeci.

(azeitona)

Eu no campo me criei
tenho dentes que não comem
apesar de ser barbado
podem crer mas não sou homem.

(alho)

Nós somos muitos irmãos
espalhados pelo mundo
mais ou menos parecidos
mas nem todos temos fundo.
Homens há que nos perguntam
mulheres há que nos procuram
logo nos largam mal nos furam
e sem sermos nós chapéus
nem touquinhas de entoucar
só nos põem na cabeça
pois é lá nosso lugar.

(dedal)

Sou ave e não tenho penas
tenho lã e não sou carneiro
com estas duas palavras
digo meu nome por inteiro.

(avelã)

O que é que é,
que quanto mais se corta
mais comprido é?

(mina)

Uma sala com doze damas,
cada dama com quatro quartos,
todas elas usam meias
e nem uma tem sapatos.

(relógio-horas)

Eu no campo me criei
metida em verdes laços
o que mais chora por mim
é o que me faz em pedaços.
(cebola)

Sou verde e não sou limão
sou branca e não sou papel
sou vermelha e não sou sangue
sou preta e não sou carvão.
(melancia)

Sou um sábio muito rico
autor de muito engenho
eu dou tudo quanto tenho
e com tudo que tenho fico.
(livro)

Leitor, tu não te admiras
se eu te disser, sem que te minta,
que sou feita só de tiras
e uso cintas sem ter cinta.
Todo o tempo vai passando,
mas, em regra, passo a vida
no poial acorada,
recatada e recolhida.
(pipa)

De todos os santos que há no céu
qual é ele, dos que lá estão,
que se emprega cá na terra
a fazer a divisão.
(S. Marcos)

Sou o estica-encolhe
amigo das raparigas
tiro-lhes o que elas têm
dou-lhes o que elas precisam
quando lho estou a dar
estão se elas a consolar.
(leque)¹

¹ Como vemos, o povo sabia divertir-se, não enjeitando uma brejeirice, longe daquela ideia pré-concebida que o faz estúpido e sem sentido de humor. Muito longe, portanto, do Zé-povinho caricato.

O meu pai, além de ser um bom cantador e contador de histórias, anedotas e adivinhas, também fazia cantigas e adivinhas.

Vou apenas mencionar aqui uma adivinha que ele fez a um grande Artesão da nossa terra. Já morreu há muitos anos, é uma homenagem ao Ti'António Tomé:

Meu sobrenome é dum Apóstolo,
Sem ter mestre sou funileiro,
Para arranjar uma falei a duas,
Deito gatos¹ em Janeiro.

O Ti'Tomé para namorar e casar com a Ti'Palmira teve de falar ao pai da moça que, por alcunha, se chamava *Rapariga*.

5 – Lengalengas e Trava Línguas

Era ou não era
andava na serra
foi-me lá ter uma notícia
de que meu pai estava morto
e meu avô por nascer.
É coisa que não podia ser!
deitei os bois às costas
o arado a comer
quando foi ao fugir do barroco,
ao saltar o valado
se não fosse o cãozinho
mordia-me o cajado.

Amanhã é domingo
pão com pingo
o sino é de oiro
pica no toiro
o toiro é bravo
pica no fidalgo
o fidalgo é de pedra
manda-te à m...

1 Para quem ignore, deitar gatos é unir com uma espécie de agrafos os pedaços de loiça partida de modo a poder voltar ao uso.

Meus caríssimos irmãos
Vou-vos dizer um sermão
com o barrete na mão
com uma faca de cortiça
para matar a carriça
a carriça deu um berro
toda a gente se espantou
só uma velha se escapou
com uma ninhada de ratos
embrulhados em farrapos
foi-os levar a S. Luís
que não os quis
foi-os levar a D. Dinis
ferrou-lhe um p... no nariz.

Um ceguinho
em cima dum burrinho
o burrinho era fraco
a cavalo num macaco
o macaco era de sola
a cavalo numa bola
a bola era redonda
a cavalo numa pomba
a pomba era branca
a cavalo numa tranca
a tranca é de pau
comes batatas com bacalhau.

Trava Línguas

Ó pardal pardo
porque palras
eu palro eu palrarei
porque sou o pardal pardo
palrador de el-rei.

O rato roeu
a rolha do garrafão
do rei da Rússia.

Ó Zé, diz o Zé
que disse o Zé
que fosse o Zé
à missa do Padre Zé

Pinga a pipa, pia a pita.

Achei um ninho
duma mafagafa
tinha sete mafagafinhos
fugiu-me a mafagafa
ficaram os mafagafinhos.

6 – Contos

(Foram inventados pelos Antigos do Sobral)¹

A Raposa Matreira

Certo dia de Agosto, quando a Raposa e o Lobo passavam em cima do pontão da Laje, viram a imagem da Lua no fundo do poço que aí se encontra.

O Lobo, admirado, perguntou à Raposa o que era aquilo que brilhava no fundo do poço.

A Raposa, cheia de manha, disse-lhe:

– Olha compadre, aquilo deve ser um queijo que alguém deixou cair. Vamos lá tirá-lo?

– Vamos. Mas o que fazer para o tirar?

– Olha, diz a Raposa, o melhor é começarmos a beber a água até secarmos o poço. Quando já houver pouca tiramos o queijo.

O Lobo deitou mãos à obra. Foi bebendo, bebendo, enquanto a manhosa Raposa fazia que bebia.

A água nunca mais abatia e o Lobo, desanimado e cansado, queixava-se de dores de barriga.

– Ainda falta muito, comadre?

– Continue, compadre! Já estamos quase a apanhá-lo!

O que é certo é que quando se cansaram deu tamanha diarreia ao Lobo que conseguiu *barrar* a eira da Laje.

No dia seguinte, algumas pessoas do Sobral que iam barrar a eira encontraram-na barrada. Deixaram secá-la e estenderam o centeio começando a malhá-lo.

Como era costume, as donas do pão faziam para esse dia *miaus* (filhós) para os malhadores se desejuarem. Por volta das dez horas apareceram na

1 Muito do imaginário sobralense se insere no colectivo nacional, ignorando-se, por vezes, onde teria seu início. Como todos os povos, o do Sobral adaptou as histórias e lendas à sua vivência própria.

eira com a cesta cheia de miasus e uma garrafa de vinho coberta por uma branca toalha de linho. Puseram a cesta no chão, à sombra, à espera que os malhadores terminassem o primeiro eirado.

Quando se sentaram à sombra da oliveira que ainda ali se encontra para saborear os deliciosos miasus viram a cesta vazia. Quem os teria comido?

Levantaram-se; olharam para todos os lados, e viram no barroco do Carvalho uma raposa. Cercaram-na, agarraram-na, deram-lhe tamanha sova que a levaram aos ombros, como morta, para a atirarem ao poço da Laje.

Mas a raposa, mal se viu às costas de um sobralense desatou a cantar:

Raposa matreira
farta de miasus
vai às cavaleiras

Um dos malhadores, arreliado, vira-se para ela e diz:

– Ainda vais a cantar? Cala-te ou deito-te para o poço.

– Não faz mal porque assim vou agarrar peixinhos.

E a raposa desatou a rir e a gozar.

O malhador deitou-a no poço. Ficou toda molhada mas logo nadou e foi enxugar-se a uma fraguita que está junto ao caminho.

Passou por lá nesse dia um almocreve com um macho carregado de odres de azcete. Ao ver ali um *cãozinho* tão bonito pegou nele, meteu-o entre os odres e levou-o.

A raposa ao ver-se entre os odres rasgou-os com as patas entornando todo o azcete que levavam.

O almocreve só deu conta do acontecido quando já ia no Souto Negro. Pegou numa vara e deu tal sova na raposa que a matou e ali a enterrou.

A Raposa e o Sapo

Certo dia juntaram-se os dois e foram romper uma boucha na lomba do Carvalho, no Boucheiro. Depois de rompida semearam a meias o centeio. No fim de maduro ceifaram-no e acarretaram-no para a eira das Malhadas. Malharam o pão mas, como não tiveram tempo de o erguer nesse dia, ficou estendido na eira.

Vieram então dormir ao povo combinando que quem lá chegasse primeiro ficava com o pão. Decidiram ainda que, por o sapo ser mais vagaroso, ele seguiria pelo caminho mais curto, lomba acima. A raposa, por correr muito, devia ir pelo barroco do Tarrastal.

De manhã, cada um seguiu pelo seu caminho. A raposa pensou que não valia a pena correr muito pois de certeza chegava primeiro. Resolveu, pois, dormir uma soneca.

Às tantas gritou do barroco:

– Ó compadre, já lá vais?

– Já cá vou, respondeu o sapo.

Viu pelo eco que ele ia muito atrasado e deitou-se à sombra duma fraga.

Quando acordou voltou a perguntar:

– Ó compadre, já lá vais?

– Já cá vou, repetiu o sapo.

Foi dar uma caçada, apanhou um coelho e trincou-o para chegar mais forte. Quando ia aos *chães* da Ti'Ana Teresa perguntou novamente:

– Ó compadre, já lá vais?

– Dezoito! – respondeu o sapo.

Já tinha medido dezoito alqueires de pão!

Quando a raposa chegou à eira o sapo tinha medido todo o pão. Disse-lhe a raposa muito triste:

– Então fico com a palhinha, também é boa para encher minha enxerga.

E assim o sapo passou a perna à matreira raposa, tão difícil de ser enganada!

É de salientar a imaginação e criatividade que existe nestas fábulas inventadas ou adaptadas pelos sobralenses de antigamente.

Costumavam contá-las ao serão e principalmente nas debulhas de milho, onde se juntava muita gente.

Transmitiam, ainda, oralmente, de pais a filhos, passagens da Bíblia e a vida de santos: St^a Genoveva, S. Cristóvão, St^o Alcixo, St^a Bárbara, etc..

Aos mais novos nunca dava o sono. Ficavam maravilhados com este imaginário e repetiam: "Avô, conta outra... Conte aquela... conte lá!"

Doutrinal

Um dia, no quartel, um capitão disse à sua companhia, era quinta feira:

– No domingo que vem vamos fazer uma expedição à cidade tal...

Chegou o domingo. O capitão mandou formar a companhia e seguiram. Quando chegaram à cidade estavam a tocar à missa. O capitão ouviu o sino e disse aos soldados:

– Camaradas, tocaram à missa; é bom que vamos a ela, como bons cristãos somos obrigados a assistir ao santo sacrifício. – E lá foram.

Quando foi a começar a parte principal da missa o sargento viu um recruta a brincar com um baralho de cartas no meio da igreja. Em vez de o repreender foi acusá-lo ao capitão.

Este, ao findar a missa, mandou formar a companhia e perguntou ao sargento qual fora o soldado. O sargento informou do número do recruta. Como era de esperar, o capitão passou-lhe um correctivo.

O soldado vira-se para o oficial todo pesaroso:

– Saiba, meu capitão, que os meus pais são pobres, não me mandam dinheiro e eu também não o ganho, senão eu já tinha comprado um missal para assistir à missa.

Portanto, desfolho o baralho passando as cartas todas e ao passá-las recorro a doutrina de Cristo e ainda partes da vida dele.

O Capitão, todo admirado, diz-lhe:

– Ó rapaz, explica-te lá!

O recruta tira um naipe inteiro do baralho de cartas e explica-se começando pelas de valor mais baixo:

– Olhe, meu capitão: o dois ou duque, lembra-me as duas naturezas de Cristo, a humana e a divina; o três ou terno, lembra as três pessoas da Santíssima Trindade; o quatro recorda os quatro evangelistas, S. João, S. Lucas, S. Marcos e S. Mateus; o cinco ou quinas, representa-nos as cinco chagas de Cristo; a sena lembra-nos os seis dias em que Deus fez o mundo; o sete lembra os sete sacramentos da santa madre igreja, os sete pecados mortais e as sete obras de misericórdia espirituais e as sete corporais; a dama lembra Maria Santíssima, rainha do céu e da terra; o rei lembra Cristo, rei universal; o oito representa as oito Bem-aventuranças e ainda as oito pessoas da família de Noé que se salvaram dentro da arca quando do dilúvio; o nove representa os nove coros de anjos que acompanhavam a Santíssima Virgem em toda a sua vida; o dez representa os dez mandamentos da santa madre igreja; o onze representa as onze mil virgens de que falam as sagradas escrituras. Agora, como o baralho tem 12 figuras, essas ainda nos recordam os doze Apóstolos; E as 52 cartas do baralho recordam que o ano tem 52 domingos em que somos obrigados a assistir à missa como diz o meu capitão.

O capitão:

– Olá rapaz, tu és muito esperto, mas onde está a carta que deixaste para trás?

– Qual carta, meu capitão?

– Essa que chamam Valete, Burro ou Cavalo.

– Ah! Essa representa o sargento que me acusou a Vossa Senhoria, meu Capitão.

IX

DIVERSÕES – JOGOS

Como atrás foi referido, o povo sobralense não tinha tempo para se divertir. Começavam desde muito novos a trabalhar no campo. Apesar de tudo, eram considerados divertimentos a fogueira do Natal, o cantar da Janeiras, jogar ao pannelo no Carnaval, a choradela de Entrudo, a visita pascal, as fogueiras de S. João e S. Pedro, as festas religiosas, as romarias, as idas aos mercados e feiras, certos trabalhos agrícolas (malhas, ceifas...) que pelo modo em que se envolviam várias pessoas perdiam o ar rotineiro – eram dias diferentes.

Raros eram os bailes¹. Por vezes, estes faziam-se no dia da inspecção dos rapazes ao som da concertina, ou nas tardes e noites das festas religiosas ao som de um conjunto, aparelhagem ou mesmo de um realejo.

Como não eram amigos de dançar preferiam entreter-se com os jogos: o da bilharda, cocha, rilha, ferrado, palmatória, anel, pião, prego, malha, brocha, burro, cabracega, saltivão, arco, etc..

Alguns destes jogos ainda não estão esquecidos dos mais novos. É o caso da malha, pião, ferrado (ou escondidas), burro, rilha e bilharda. Todos os outros caíram em desuso.

Vou tentar explicar alguns.

O Jogo da Cocha (Cocha)

Três ou mais rapazes, cada um com seu pau, faziam uma pequena poça na terra – nicho pequeno – onde colocavam o pau. Arranjavam uma pinha ou torga pequena – cotcha – que tinha de ser metida ao meio numa poça maior – nicho grande.

¹ Aparentemente eram pouco dados à dança. Mas, antigamente, facilmente rodopiavam ao som de um realejo ou concertina nas tardes de domingo. E nas romarias não deixavam de dar seu pé de dança.

Um dos rapazes agarrava na cocha e deitava-a ao ar dizendo:

Esta cotcha vai ao ar,
carregadinha de sal,
quem lhe deu, deu,
quem não deu deixe-a estar.
Zurra cotcha!

Ainda a cocha vinha no ar já os paus estavam a ver se lhe acertavam. Quem lhe desse com o pau e a metesse no nicho é que ganhava. O que corre a cocha não tem nicho. Tem de ser esperto para apanhar um nicho dos colegas. Quem fica sem nicho corre a cocha.

Era um jogo de rapazes, semelhante ao golfe dos nórdicos. Será um vestígio dos celtas que habitaram o nosso território?

O Jogo do Anel

Era um jogo misto. Juntavam-se todos numa roda, sentados. Um dos elementos do grupo com um anel escondido tentava metê-lo nas mãos de cada um dos jogadores, que passava um a um.

Depois de ter percorrido todos perguntava a alguns:

– Adivinha, adivinha, quem tem o anel?

Quem adivinhasse não dava prendas e o primeiro a descobrir ficava a ser o juiz. Quem não adivinhasse tinha de dar prenda.

As prendas podiam ser pedras, paus, folhas, etc.: coisas que se não confundissem. Cada um sabia o que dava.

Havia um dos elementos que guardava as prendas. Depois de todos tentarem adivinhar o que guardava as prendas perguntava ao juiz:

– Dá licença, senhor juiz, da prenda que aqui vai a sair?

O juiz dava um castigo ao dono da prenda que podia ser, por exemplo, dar beijos aos presentes, ir a correr a qualquer lado, etc..

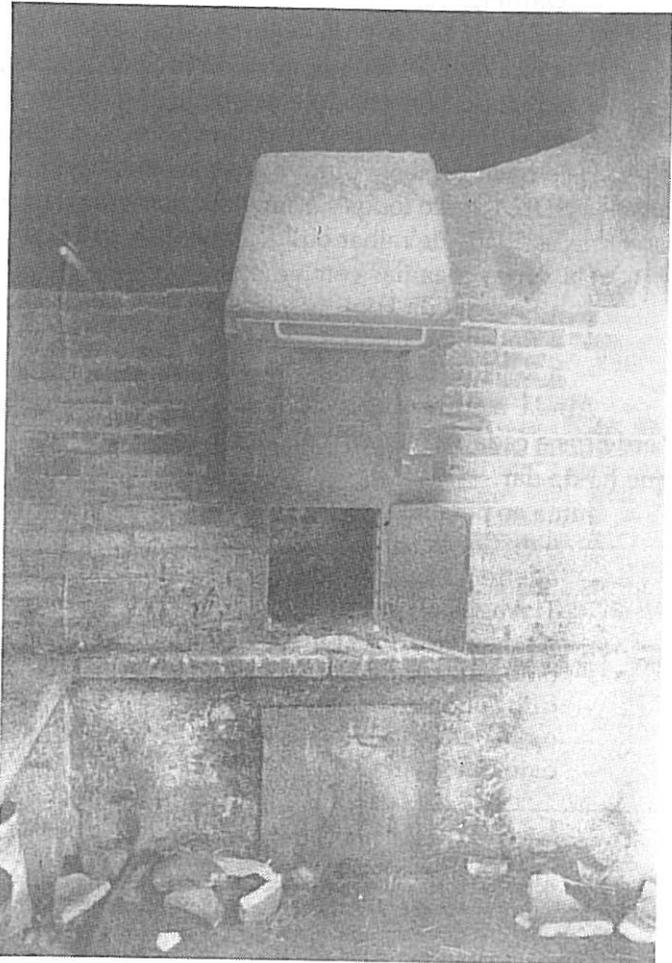
Assim acabava e recomeçava o jogo.

Podia durar uma tarde inteira e costumava-se jogar na hora de sesta.

X

ASPECTOS DA VIDA COMUNITÁRIA

Quero salientar neste trabalho que o povo do Sobral ainda mantém muitos aspectos duma actividade comunal. Apesar de se notar um declínio da vida comunitária nas várias regiões do país originado pelo individualismo crescente, pela menor cooperação ou convívio, é de realçar os aspectos comunitários que aqui se têm mantido.



*Um dos fornos
comunitários*

Assim, temos ainda:

- Quatro fornos do povo:
 - o da Bica
 - o do Vale
 - o do Fundo do Lugar
 - o do Barreiro.
- Uma eira do povo:
 - a da Laje

Os mais jovens ainda se lembram da *Eira da Portela* que era do povo mas foi apanhada por particulares.

Os mais antigos lembram-se de outras *Eiras do Povo* que já desapareceram:

- a Eira de Baixo, onde estão os sobreiros por baixo da casa do Prof. Daniel;
- a Eira de Cima, onde hoje está a escola;
- a Eira da Feiteira, por cima do Poço do Ribeiro;
- a Eira do Muro da Laje, por cima do palheiro da Ti Ana Teresa.

É necessário preservar a única que temos, a da LAJE.

É de notar também outro aspecto comunitário na utilização da água de rega – a *ADUA*, onde todos sabem o dia certo que lhe pertence para regar, sem haver necessidade de ralhar ou haver um juiz da água.

Há várias regadias com adua:

- a Regadia da Fonte, de 16 dias;
- a Regadia da Jasteira, de 15 dias;
- a Regadia do Ribeiro, de 15 dias, etc.¹.

Ainda a utilização de Moinhos e Lagares que, apesar de serem de herdeiros e cada vez terem mais donos, cada um sabe o seu tempo e o carroto que há-de dar.

Junto ao povoado existe uma dúzia de moinhos:

- o da Corga Seca;
- quatro na Lage (o do lagar do meio, o do Reboleiro, o do Ti Silva, o do Ti Augusto);
- o do Ribeiro, da Ti Justina;
- o do Barroco do Carvalho;
- o do Fundo do Lugar;
- o do Vale;
- o do Cabecinho.

¹ É variado o modo de marcar os dias de rega. Regadias há em que as regas se iniciam no 1º de Santiago (Julho) e terminam no 1º de S. Miguel (Setembro). Em outras, é preciso marcar a vez, obrigando as pessoas, em anos de seca, a irem dormir na ribeira à espera de apanhar a água. Por exemplo, na levada da Eira, quando alguém pega a água começa a organizar a carreira para aquele dia. Quem precisa de regar vai ter com aquele que traz a água e dá-lhe o nome para que o inclua na carreira.

Nas fazendas temos:

- o da Presa;
- o do Aziral;
- o da Foz Tojosa;
- dois no Vale Minhoto (um com três pedras da Ti Justina);
- quatro na Foz Jasteira (três da Ti Pintieira e um na da Ti Mariana).

Lagares havia três:

- o Fundeiro;
- o do Meio;
- o Cimeiro.

Outro traço característico do Sobral é o uso por empréstimo do Chibo Cobridor. Pede-se emprestado por oito dias até que as cabras fiquem cobertas. Volta depois para o dono sem ter que se lhe pagar nada¹. E o animal segue seu fadário de cabrada em cabrada. Normalmente, os possuidores de *Tchibos* eram os donos de maiores cabradas.

Outro aspecto integrado na actividade comunitária, este mais vivo, são os chamados trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos. São exemplos: a entrecajuda nas sementeiras e colheitas; a reparação de caminhos, pontes e fornos; a limpeza das levadas, poços e presas; arranjos na Igreja, etc.².

O povo do Sobral é muito solidário, notando-se grande cooperação nas horas de aflição: combates a incêndios ou morte de algum conterrâneo.

No Sobral há ainda as Oliveiras do Senhor. As pessoas prometiam, na hora da doença ou em testamento para bem da alma, um bem para a igreja. Davam o terreno e a oliveira ao Santíssimo Sacramento, oliveiras essas que chegavam a dar 7 a 8 alqueires de azeite³.

No tempo da apanha da azeitona, bastava o sr. prior avisar na hora da missa, no domingo, a hora e o domingo em que deviam ser apanhadas.

O sacristão dava umas badaladas no sino, juntava-se o pessoal e iam apanhá-las. Esse trabalho feito ao domingo não era pecado!

O azeite era gasto na lâmpada do Santíssimo. Se fosse muito, o excedente era vendido para gastos na igreja.

O azeite guardava-se na Casa da Residência, onde vivia o Pároco.

1 É ponto de honra que o chibo volte gordo e sem indícios de passar fome. Neste caso, na próxima vez não se empresta a quem mal o alimentou. Todavia, não era por sovínice que se fazia passar fome ao animal, mas por se pensar que, estando ele farto de comida, não usaria convenientemente os seus instintos de macho cobridor.

2 Não se integrarão bem no aspecto comunitário se levarmos em conta que os mesmos são feitos por pessoas por si mesmas interessadas nesses arranjos. No entanto, muita gente não interessada é capaz de contribuir para esses melhoramentos.

3 Estes bens, que constituíam os antigos passais, foram por várias vezes subtraídos à igreja (regime liberal, república) por um falso entendimento que fossem pertença eclesiástica. A meu ver, esses bens, doados com uma finalidade específica (fornecer azeite para que a lâmpada do Senhor pudesse estar sempre acesa), mantinham um vínculo jurídico com o doador e seus herdeiros. A Igreja era obrigada a cumprir certas obrigações não passando de um fiel depositário desses bens. As Oliveiras do Senhor são produto de ofertas já deste século e posteriores à implantação da República, que até a casa paroquial vendeu em hasta pública na Covilhã.

A – O FORNO DO POVO E O PÃO

O pão que outrora se comia era feito de farinha de centeio ou de milho, por vezes de cevada.

A farinha era amassada na masseira com fermento caseiro, *acrescentado* na véspera, feito na última vez que se cozera o pão. Misturava-se um pouco de outra farinha (trigo, centeio – *mistura*) com água quente, aquecida na caldeira, deixando-se uma hora a *fintar*.

Mal acabavam de amassar, e antes de cobrir a massa com o panal, faziam uma cruz na massa dizendo:

*Nosso Senhor te acrescente,
como a água do nascente,
com'a graça de Deus,
por esse mundo adiante*

Entretanto era necessário levar ao forno o molho de joina para o aquecer. Enquanto ardia, de vez em quando *barriscava-se* o forno para aquecer melhor os tijolos.

Aquecido, dava-se a *bolta* à massa, que era levada na masseira para o forno. Aí chegada *varria-se* o forno com o *bassoiro*, molho de carquejas, rama de pinho ou fetos espetados num pau comprido.

Varrido o forno, *baquiava-se* a massa num *tijelão* e depositava-se na *ferra* (pá redonda enfiada na ponta de um comprido pau), punha-se-lhe um sinal (uma *poça* ou *bolisco*) para não se misturar o pão das outras pessoas que estava cozendo e metia-se no forno.

Depois de metido o pão ficavam pedaços de massa cozida agarrados à ferra, os *cascoreis*, que as crianças adoravam rapar.

As mães, ao cozerem o pão, faziam *picas* e *guleimas* (pão esmagado com a ferra), no caso da broa, ou *trigos de mamãs*, no caso do centeio, para os filhos mais novos. A pica e a guleima podiam conter sardinha, cebola picada com azeite, bacalhau ou talhadas de carne entremeada.

Era a delícia da pequenada e até da gente graúda!

Para tornar a côdea da pica mais macia costumava-se embrulhá-la em folha de couve.

Como as *picas* e *guleimas* coziavam primeiro, ao tirarem-se buliam-se as broas ou o pão centeio.

Sabia-se que o pão estava cozido quando ao tirá-lo notavam o *lar* (parte que assentava nos tijolos) rijo e sentiam a broa leve (demorava cerca de duas horas a cozer).

Cozido, era tirado do forno com a ferra e a pessoa que o tirava ia nomeando: esta é a poça, esta é sem nada, esta é bolisco. As respectivas donas colocavam o pão no cesto ou masseira.

Era costume cozer-se broa no Inverno e centeio no Verão.

De modo geral cada agregado familiar cozia pão uma vez por semana. Dois alqueires de cada vez ou três meios de farinha. As famílias eram grandes e não havia vagar para andar sempre no forno.

Trazia, logo de caminho, um molho de joina (rama de pinheiro ou giesta). Mal chegava, ia ao forno. Perguntava às vizinhas se alguém *tomara o forno* para o dia seguinte. Ia *saber da vez*. Ao outro dia *cozia à primeira*, logo cedinho, sozinha ou com as pessoas que aparecessem. Deixava no forno o *ramo*, (braçado de joina dentro do forno) a tomar posse e indicar que já havia alguém para *aquecer o forno*. Peneirava a farinha e deixava a água pronta para o outro dia, ainda os primeiros raios de sol vinham longe, ir *aquecer o forno*¹.

B – O MOINHO

A moagem do centeio e do milho era feita em moinhos de água de rodízio horizontal. Como atrás foi dito, há ainda muitos moinhos em funcionamento no Sobral.

Noutros tempos associavam-se alguns vizinhos e construíam um moinho. Por morte destes a posse passava aos herdeiros e daí chamarem-se *Moinhos de Herdeiros*², ficando cada um com uma fracção de tempo para moer. O processo continuou até ao presente. Não se conhecem os primeiros construtores de nenhum destes moinhos. Os herdeiros podem vender a estranhos a sua parte. Nos consertos todos entram com a quota correspondente ao seu quinhão.

Quem acaba de moer *barre* o moinho e entrega a chave ao dono que se segue. Se a pedra estiver lisa ou *motcha* é preciso picá-la. Cada um que nota que a pedra está lisa deve mandar picá-la.

Os moinhos laboram, em regra, de Novembro a Abril – no Inverno. Nos outros meses falta-lhes a água.

Os cereais e farinha eram transportados às costas de homens ou burros, geralmente à cabeça de mulheres.

No Verão recorriam aos *moleiros*.

-
- 1 Como a primeira fornada obrigava a gastar mais joina para aquecer o forno, quem tinha vagar cozia mais tarde, poupando, assim, na joina que era necessário carregar de bastante longe à cabeça.
 - 2 A propriedade teria origem familiar. Estando a propriedade muito espalhada, com o andar dos tempos muitas famílias deixaram de ter bens junto a sítios próprios para construção de moinhos. Isto levou-as a assegurarem-se de, em altura de partilhas, de que a herança dos moinhos fosse repartida por todos os herdeiros. Os sobralenses têm um parentesco muito chegado. Mesmo quando parece que os proprietários dos moinhos não são da mesma família, esse laço de união surge se pesquisarmos as gerações de há cem anos.

Aos do Sobral:

à ti' Ana Ramos, moinhos da Foz Tojosa;
à ti' Pintieira, moinhos da Foz Jasteira;
à ti' Ana do ti' Zé Sobreiro, na Cilha Velha;
à ti' Justina, no Vale Minhoto.

Aos de Casegas:

ao Pica Moleiro, no Porsim;
ao Caimbas, no Porsim;
ao Baloquitas, no Porsim;
à Maria Grande, no Fernão Buco;
à Delfina Cabral, no Fernão Buco.

Vinham com cavalos, machos e burros buscar os *taleigos* cheios de grão. Voltavam com a farinha passado um ou dois dias. Não era preciso pôr nome nos *taleigos*: eram conhecidos pelos moleiros que não os trocavam. Alguns faziam *boa obra* não tirando muita *maquia*.

1 – Especificações técnicas

O moinho é de planta rectangular com paredes e telhados de xisto. Abrem, de modo geral, para nascente, de onde chove menos e o vento é menor.

Consta de duas partes: a de cima, rente ao chão, para onde dá a porta, o moinho propriamente dito e a de baixo, meio imersa no leito da ribeira, com o aparelho que movimentava as mós. Esta recebe a água da *cale* e constitui o cabouco, onde gira o *rodízio*. Este, antigamente, era de madeira. Actualmente já vai sendo de ferro.

A água, desviada da ribeira, corre na levada até à *cale*. Aqui cai em declive sendo expelida com força contra as *penas* do rodízio, fazendo-o girar. O pau do rodízio vai enfiar-se no veio com as cruces das pedras, movimentando a mó. Sobe-se à *moega* por uma escada de onde se lança o cereal para a *francela* e desta cai no olho da mó. Graças à trepidação do *chamadoiro* vai caindo o cereal. Se cai muito, é preciso *quitá-lo*, isto é, dar para trás no pau da barça de modo a diminuir sua quantidade. Com as cruces ergue-se a pedra para poder ser picada. Para esta operação pára-se o moinho.

A farinha acumula-se no *tremalhado*. Quando estiver de *barba a barba* (cheio de farinha) a farinha é apanhada com a pá e deitada no *taleigo*, feito de pele de cabra ou ovelha.

O moinho mói de noite e de dia. O moleiro só vai ao moinho para levar mais cereal e retirar a farinha.

No tempo de cheias na ribeira é preciso um cuidado especial para que não fique *enlodado*.

XI

TERMOS DO VOCABULÁRIO SOBRALENSE EM EXTINÇÃO

A – VOCABULÁRIO

A

- Açaçar – agachar-se; abaixar-se.
Acatchapado – agarrado; debruçado.
Acintocho – objecto de lata para fazer o queijo. O mesmo que acincho.
Aconapar – coser mal a roupa; deixar tudo encolhido.
Acontchavar – arranjar mal.
Adua – tempo marcado na regadia.
Agregoijado – de costas tortas; corcunda.
Ainiainó – bebé.
Ajoijar – dar com; atirar; deixar sem sentidos.
Alcagote – pessoa de duas caras; impostor.
Alcoveterar – falar na vida alheia.
Aldravona – mentirosa. O mesmo que aldrabona.
Aljabera – mal arranjado; bolsa para dinheiro. O mesmo que algibeira.
Alpalhão – pessoa reles.
Alquetete – pessoa que não pára quieta; pessoa de recados mandados.
Alumiar – iluminar.
Amintolia – Objecto de lata para o azeite. O mesmo que almotolia.
Amojar – estar com os úberes inchados (animal próximo a parir).
Amojo – úbere dos animais.
Amonada – zangada.
Aparrumado – acalcado.

- Arganel – empecilho que se coloca no focinho do porco para que não revolva o esterco (estrume).
- Arreganhar – Ficar cheio de frio.
- Atiçar – instigar.
- Atoijar – atirar; dar pancada que faça perder os sentidos.
O mesmo que ajoijar.
- Atouçar – instigar.
- Auga – água.
- Avarista – maluca.
- Avenida – a quem dão venetas.
- Aventar – deitar fora.
- Avezar – acostumar; habituar.

B

- Bácoro – porco.
- Badalhoca – suja; porca; que não se ajeita.
- Badofera – pessoa suja.
- Balsa – uva pisada e curtida na dorna.
- Barbilho – empecilho colocado na boca dos cabritos que se querem criar e os impossibilita de mamarem.
- Barcelos – pequenas leiras com videiras.
- Bardo – local onde se coloca o estrume.
- Bardito – curral pequeno.
- Barroco – sítio onde passa água; pequeno ribeiro.
- Basbaca – boca aberta; pasmada. O mesmo que basbaque.
- Batorel – chão pequeno.
- Beçuda – com beiços grandes; zangada.
- Beços – lábios.
- Béculas – ventas; cara.
- Bera – beira; pingo de chuva.
- Berito – pouco líquido.
- Bestunta – teimosa.
- Bonda – basta.
- Bornedera – ao borrarho; ao lume.
- Borraceiro – nevoeiro; chuva miudinha.
- Botar – deitar.
- Botelha – abóbora.
- Brageiras – beringelas.
- Broa – pão de milho.
- Brocelito – bocadito.

- Brocelo – bocado.
- Brulhões – prato típico feito com o estômago da cabra, recheado de arroz, untos, chouriça, etc..
- Butcho – bucho; estômago.
- Buzeira – excremento mole das aves.

C

- Catchaporro – cachaporra; pau; moca.
- Caldero – caldeiro; recipiente de lata para levar a vianda ao porco.
- Caldudo – sopa de castanhas, cozidas em água, a que se acrescenta leite.
- Cangalhas – armação que se coloca nos burros para facilitar o transporte dos produtos.
- Canifo – local sobre a lareira, em ripas, onde se secavam as castanhas.
- Cantarera – cantareira; móvel para pôr os cântaros da água e loiça.
- Carantonha – cara feia.
- Cascorel – filhós maiores e mais finas; massa do pão agarrada à ferra.
- Catramonas – zangada.
- Catrapão – que cai frequentemente.
- Tchabasco – chavasco; porco; grosseiro.
- Tchambaril – chamberil; pau curvo que se enfia nas patas do porco depois de morto para poder ser pendurado.
- Chambre – blusa.
- Tchamiça – chamiça; rama seca para acender o lume.
- Tchapús – chapús; buraco da presa por onde sai a água.
- Tcharrisca – charrisca; pessoa que fala muito.
- Tchendra – passarinho; pessoa faladora.
- Tchenouca – tonta.
- Tcherounelas – cantigas que valem pouco.
- Tchiba – chiba; cabra.
- Tchinguita – um pouco de bebida, de aguardente.
- Chocalho – campainha que o gado usa ao pescoço.
- Tchontcha – maluca.
- Tchoutcha – ingénua; choucha.
- Conduto – acompanhamento do pão (queijo, presunto...).
- Cocha – o mesmo que concha, feita de cortiça.
- Conha – ramo de giesta seca para limpar o centeio.

- Conho – raio.
- Cornetcho – fungo que se forma na espiga do centeio e que, antigamente, era muito bem pago pelos farrapeiros. O mesmo que cornicho ou cornecha.
- Corras – tiras de pernas novas de castanheiro que os cesteiros usavam em vez do vime.
- Correíce – alcoviteirice; falatório na vida alheia.
- Correio – alcoviteiro.
- Corrécio – vadio.
- Cortelho – corte; curral pequeno.
- Cortiço – colmeia de cortiça.
- Crapanta – trapalhona.
- Cravela – Caravela; objecto para espantar os pássaros, movido pelo vento, que acionava um pedaço de ferro que repercutia numa lata.
- Cravelha – peça de madeira que fecha as portas dos palheiros.
- Curral – local onde dorme o gado.

D

- Damoiras – que chatice!
- Damongras – que chatice!
- Damonho – que demónio! Que chatice!
- Danocabo – finalmente; depois.
- Danofim – finalmente; depois.
- Deborcar – Debruçar; virar ao contrário.
- Desbocada – faladora; que não guarda segredo.
- Deslavada – maliciosa.
- Deslimbida – sabichona; sabida.
- Dorna – recipiente onde se pisam as uvas.

E

- Encarrapato – nú.
- Enrecumbado – com as costas tortas.
- Engadanhado – com frio nas mãos.
- Engofido – encolhido com o frio.
- Engonhar – demorar demasiado uma tarefa.
- Engrolar – enganar; cozer mal.
- Engendrar – mexericar; pensar em qualquer coisa.
- Entrapar – tornar mais grosso; enrolar um pano sobre uma ferida.
- Enxerga – colchão de palha; vê.

- Enxofrar – mentir; pôr enxofre nas videiras.
 Enxofradora – mentirosa.
 Enxotar – fazer fugir; encorrer.
 Erguer – levantar; limpar os cereais com a ajuda do vento.
 Ervedeiro – medronheiro.
 Escotchada – b'oa mal finta, cuja côdea se desprega.
 Esgravetar – mexer na terra; esgaravatar.
 Esgroviado – sem juízo; mal arranjado.
 Espantalho – boneco para espantar os pássaros.
 Estabanada – doida.
 Esterco – estrume.
 Estouteneda – doida.
 Estouvada – doida.
 Estremonta – parvalhão.
 Estrepôr – transpor; pôr do sol.

F

- Farpela – fato reles.
 Fateixa – dentes; dentadura.
 Fazenda – terreno; propriedade.
 Fona – faúlha; pressa.
 Forfoga – patuscada.
 Fornada – forno cheio de pão.
 Fraldesquera – mal vestida; desajeitada.
 Francela – utensílio onde se faz o queijo.
 Franco – amigo de dar.
 Fronha – cara; almofada.
 Froixa – reles.
 Fuinha – agarrado; avarento.
 Futrica – mexerica; que mexe bastante.

G

- Gadanha – concha para deitar a sopa; utensílio para cortar o feno; pouco despachado; vagaroso. Ver enganado.
 Gambérrias – trabalhos.
 Gantcha – alfinete de dama.
 Ganhão – pessoa que tem bois.
 Garrafo – frascó.
 Garrantchos – alfaia para alisar a terra.
 Gordêtcha – gorda.

Gravanços – grão de bico.
Guenêda – pontada; dor repentina.
Guleima – broa de milho esmagada.
Guloteum – guloso.

H

Hério – hera.

I

Imbair – enganar.
Imbecado – de má cara.
Impecilho – que está a estorvar.
Impostora – mentirosa.
Increnca – coisa reles; que não presta.
Infesado – que não come; fraco.
Ingremenso – coisa pequena; reles; que não presta.
Intchovia – que mete nojo; cadeia.
Injacada – acanhada; coisa reles; com fracos jeitos.
Injorcado – mal feito.

J

Jaja – peça de roupa nova.
Jabarda – que pouco se rala ou preocupa; alma larga.
Jambarão – parvalhão.
Jambareta – perna grande; alta.
Jesta – giesta.
Joina – rama para aquecer o forno.

L

Labardo – mandrião.
Lábia – palavreado; léria.
Laberca – faladora.
Lacrário – lacrau.
Laínça – que não come; magra; magricela.
Lambaréu – língua.
Lambetena – sabidona; espertalhona.
Lambarisca – que rouba; muito vivo (animal).
Lambisgoia – sabidona; pessoa esperta.
Lapús – sujo.

- Larêta – criança esperta; rebelde.
- Larina – esperta.
- Léria – palavreado; lábia.
- Lodeiro – chão grande.
- Lindrica – espertalhona; que tem léria.
- Linguaruda – amiga de falar.
- Ludra – turva.
- Ludrieiro – local com lama.

M

- Malga – tigela.
- Malho – machado.
- Maniar – abortar (animal).
- Manjadoira – local mais alto nos currais onde se coloca a comida dos animais.
- Manjarona – mulher alta; mal ajeitada.
- Manjona – cabra que dá muito leite. Ver amojó.
- Marrona – porco.
- Mataloto – parvo; estúpido.
- Medrar – crescer.
- Meixerica – pessoa que mexe.
- Mejarelito – coisa pouca; pinguito; pequena quantidade.
- Meote – peúga; miote.
- Mexórdia – mistura; mixórdia.
- Minjengra – pessoa fraca e pouco desenvolvida.
- Motcha – cabra sem chifres.
- Motcho – que não corta.
- Moinanta – rapariga.
- Moinante – rapaz.
- Mordedela – mordedura; mordidela.
- Moutcho – ave de rapina; banco. Sem chifres.
- Moutchas – às escuras.
- Murta – multa; planta aromática do Mediterrâneo.

N

- Nagalho – corda de palha de centeio.
- Nalgas – nádegas.

O

- Oca – buraco que se forma no pão ao cozer.
- Odre – recipiente de pele de cabra ou ovelha para transportar azeite; pessoa gorda.

- Opa – espécie de capa que se veste nos funerais.
Ogar – ougar; aguar; pôr água; atirar um produto (cereal, azeitonas...) para lhe retirar as impurezas.

P

- Palheiro – casa de campo rudimentar para os fenos e pastos secos.
Pandeiro – adufe.
Pandorca – pessoa gorda.
Parovelas – cantigas.
Paviola – padiola.
Pecêlho – sexo do animal.
Peçonha – veneno.
Pedrisco – pedra pequena.
Peste – raio.
Pica – broa de forma fusiforme com ou sem folha de couve.
Pilheira – prateleira embutida na parede.
Pinga – copo de vinho ou aguardente.
Pinguito – um pouco de líquido.
Pinote – queda; trambolhão.
Potchena – local no forno onde se põe a joina a secar.
Podão – objecto para cortar o mato.
Podoa – podão pequeno.
Poia – pão que se dava ao forneiro (ou moleiro) em troca do seu trabalho.
Poleiro – pequeno curral para as galinhas.
Prantar – pôr; colocar.
Pútega – rizoma comestível que nasce junto aos sorgaços.

Q

- Queijêra – utensílio para secar queijos.
Quintchó – pequeno bocado de terra.

R

- Rabeica – reguila; instrumento de cordas.
Rebêra – ribeira.
Ralar – preocupar.
Rebilga – malandra.
Reboleiro – castanheiro pequeno por enxertar.
Rebolo – seixo redondo.

- Reconho – raios.
- Renovo – colheitas.
- Roçar – cortar mato com a roçadeira.
- Ronha – manha.

S

- Salamuquenca – despreocupada; que não liga.
- Sameguel – época das colheitas; mês de Setembro.
- Sarra – serra; corta a madeira.
- Sarrar – o mesmo que serrar.
- Senisga – pessoa esperta.
- Serôdio – atrasado no tempo.
- Sorgaços – sargaça; planta que cresce nos montes.
- Streloucado – tresloucado; que está velho.
- Sumenos – sem valor; somenos.

T

- Tanazes – tenazes.
- Temporão – adiantado no tempo.
- Topadela – pontapé numa pedra quando se andava descalço.
- Toza – sova.
- Trambolhão – queda; pinote; tombo.
- Tramoia – problema.
- Tramouca – pessoa que não percebe nada; surda.
- Trapaça – aldrabão; que mente.
- Treleca – faladora; tábua com duas argolas usada na Sexta-feira Santa para chamar as pessoas à oração.
- Trincaldó – girino.
- Tripeça – banco de três peças (pernas).
- Tropêço – banco de cortiça; pessoa pesada ao andar.
- Trombuda – zangada; amonada.
- Trontcha – pessoa de cabelo cortado.
- Trontchada – cortada.
- Trouxa – tonta.

U

- Urdir – tecer.
- Utcha – terreno queimado.

V

- Velhaca – má.
Venetas – lembranças.
Ventas – nariz; cara.
Verdasca – ramo ou pau para bater.
Vienda – vianda; comida para os porcos.
Vivo – animal(ais) doméstico(s).

X

- Xale – xaile.
Xícara – pinga de aguardente.

Z

- Zanolho – que vê só de um olho; zarolho.
Zanaga – o mesmo que zanolho.

B – FRASES CARACTERÍSTICAS E OUTROS NOMES

Estás uma migengra!
Ouves, ó 'stabanada?
Anda cá, ó 'stoteneda!
Põe a boina na cabeíça.
Só queres andar na boavaiela (boa vida).
Pranta aí isso!
Bota isso fora.
Aventa isso.
Bonda! (não quero mais).
Queres ir lá riba?
Vamos p'ra riba.
Estás m'a tchoutcha!
Anda cá tchenouca!
'Strontchaste o cabelo?
És m'a tchoncha!
Perna de tchendra.
Tchego-te ao pãdeiro!
És a modo guloteu.
Andas numa fona.

Levo as gambérrias acabadas.
Deu-te na veneta!
Olhei de lá!
Cara de verguêlho.
Nasceu a 20 do Santiago.
Casa-se pelo Samiguel.
Oura ela!
E vai daí...

C – MESES DO ANO

Janeiro
Fevereiro ou Entrudo
Março
Abril
Maio
Junho ou S. João
Julho ou S. Tiago
Agosto
Setembro ou S. Miguel
Outubro ou Santos
Novembro ou Santo André
Dezembro ou Natal

As pessoas de mais idade ainda hoje indicam os meses em função do Santo de maior devoção.

D – SINÓNIMOS DA PALAVRA NEVOEIRO

Sapoutcho
Guieira¹
Névoa baixa
Borraceiro²

1 Toma este nome no Verão, quando aparece na serra e costuma manter-se por toda a estação. Normalmente surge ao amanhecer, em movimento contínuo, vindo dos lados da Teixeira. Por vezes é acompanhada de vento que destrói os milheirais.

2 Aplica-se, igualmente, à chuva ligeira.

Guião¹
Neblina
Travessia²

1 Nome também dado a ventos.
2 Nome também dado a ventos.

XII

CONCLUSÃO

Ao concluir estes apontamentos quero deixar claro que o meu objectivo foi a sua recolha e transmissão aos mais novos para que aprendam a conhecer melhor a cultura e o passado da nossa aldeia.

Fi-lo por gosto, talvez por ser demasiado bairrista¹ e ter muito orgulho no SOBRAL, não negando nunca a terra onde nasci. Ou porque tive oportunidade de ir falando com os meus pais, principal fonte de informação sobre o passado da nossa terra.

Foi um bom passatempo para todos nós, uma maneira de estarmos constantemente com o pensamento no Sobral, embora fisicamente longe.

Não posso considerar este trabalho de modo nenhum científico. Tentei que fosse claro. Não me esmerei na escrita. Pelo contrário, tentei escrever sempre como falam no Sobral para que todos compreendam. Penso que poderá servir de introdução a estudos mais aprofundados.

É também um complemento do livro SOBRAL DE S. MIGUEL do professor Gabriel dos Santos.

Através destas notas verificamos que os sobralenses mantêm uma forte coesão social e amor à sua terra. São engenhosos e activos, mesmo a manquejar de articulações presas por artroses e rostos envelhecidos precocemente, enrugados devido ao trabalho difícil e à aspereza do clima.

Canta-se em voz alta e em voz alta se chora, são honestos, honrados, e uma das virtudes é a hospitalidade.

A porta está sempre aberta: Entre! Quem é?²

1 Este bairrismo dos sobralenses ficou resumido no adágio popular:

*Andorinha da Serra da Estrela,
ande por onde andar
volta sempre a ela.*

2 A confiança das gentes sobralenses era de tal modo grande que, quando iam para a fazenda, nunca levavam consigo a chave da casa. Ela ficava num buraco da parede junto à porta, onde todo o mundo sabia que estava. Interessante é que não havia roubos! Por vezes, pessoas de *adentro de casa*, necessitadas de qualquer produto, iam-no buscar não se esquecendo de contar o sucedido aos donos da casa. Infelizmente, com as convulsões sociais entretanto surgidas, as pessoas já vão escondendo melhor suas chaves e não se evita o roubo.

São francos. O trabalho é honra. Para as mulheres não há descanso, trabalham todo o dia no campo e à noite ainda as espera a lida da casa e dos filhos.

Sendo um pouco envergonhados, sempre que falam com gente mais culta nunca empregam a palavra *porco* sem que digam *com licença*. No entanto, o tratamento é, em geral, directo, espontâneo e sem reticências.

A economia de subsistência, de base comunitária, tem vindo a transformar-se aos poucos numa economia de feição capitalista. É preciso moderar o individualismo que não tem em conta o bem estar colectivo. Não proponho um regresso ao passado: é necessário haver progresso para bem de todos e forte coesão social.

O Sobral carece de muitos benefícios e alguns de imediato. São eles:

- o saneamento básico;
- a instalação de uma creche e jardim infantil;
- um lar para a 3ª idade.

Era de louvar a criação de um ecomuseu em vários núcleos:

- o moinho;
- o lagar;
- a casa tradicional.

Para isso, a Junta de Freguesia deveria, quando possível, comprar um moinho no povo, o lagar Fundeiro e uma casa tradicional.

Toda a população deveria compreender e ajudar a Junta nesta aquisição para bem da terra.

Gostaria que todos os sobralenses preservassem a Eira da Laje, a única que ainda se mantém do povo, uma vez que deixámos que a da Portela fosse destruída. Temos também de preservar os nossos quatro fornos.

É necessário ainda desenvolver o nosso artesanato. Era indispensável que fosse criado um pequeno quiosque, do tipo casa tradicional, no Cabecinho, junto ao cruzamento da estrada para nele se venderem peças do nosso artesanato ou produtos da terra¹:

- abanadores;
- rodilhas;
- mantas;
- bolsas de merenda;

1 Aquando das festas do Centenário, em 1988, realizou-se uma riquíssima exposição na Escola. Além do material fotográfico (e algum nos escapou na recolha), esteve muito do instrumental usado na vida sobralense. Seria bom que as peças expostas fossem catalogadas e preservadas, tendo em conta que algumas eram antiquíssimas, e recolhidas num museu de etnografia, onde seriam melhor conservadas. Aquelas que não fossem doadas pelos possuidores poderiam ser depositadas pelos mesmos com a anotação respectiva. Caso contrário, ir-se-ão perdendo, ou serão vendidas para enriquecer o património de uma outra povoação qualquer, com a qual esses objectos nada têm a ver.

- bolsas de dinheiro ou relógio;
- algibeiras;
- rendas;
- frascos de mel;
- aguardente, etc..

O dinheiro podia reverter para algum melhoramento necessário.

APONTAMENTO FINAL

O Sobral pode congratular-se dos seus filhos. Longe, não esquecem sua terra e a ela entregam muitos dos seus tempos livres. Não devo citar nomes (algum me escaparia) mas todos estamos lembrados daqueles que, dentro das suas capacidades, têm pugnado pelo bem da nossa terra.

Uns, num campo. Outros, noutra. Todos estão lembrados (porque participaram) dos melhoramentos que foram chegando ao Sobral. É bom que as gerações mais novas não o esqueçam, pois a força de todos é imparável quando pugnam por um bem comum. Basta recordar um ou dois. Os transportes: os poderes públicos, por longos anos, deixaram a estrada dormindo antes do Soutonegro. O Sobral não ficou parado. Uniu-se e um bom caminho ligou a terra ao mundo dos transportes rodoviários. Na assistência: a transformação do antigo cemitério na obra assistencial onde o povo pôde curar suas mazelas, muito antes que a governação pública, mesmo em meios maiores, se encarregasse da saúde. O ensino: o Sobral foi das primeiras povoações do Distrito de Castelo Branco a possuir escola. No aspecto religioso: a construção da igreja do Sobral ficou a dever-se exclusivamente aos sobralenses. Não esqueçamos que as telhas foram transportadas de longa distância e por maus caminhos!

Em boa hora, pois, sai este livro. Ninguém lhe pode retirar o seu alto valor. Não sendo uma obra erudita, é a tradução real do que o povo vivia. Estamos todos de parabéns.

Devo, no entanto, repor a verdade dos factos. Vindo o meu nome, com grande honra para mim, na capa desta obra, devo confessar que pouco do meu esforço marca este trabalho. Exceptuando um ou outro pormenor que acrescentei, a mim se devem, unicamente, as anotações colocadas ao longo do livro. O grande esforço de compilação deve-se exclusivamente à nossa ilustre conterrânea cujo nome encima, com justa honra, a capa deste livro.

Por isso, a ela, em nome de todos nós, o Bem Haja que tão belamente se usava no Sobral, pelo seu esforço em não deixar cair no esquecimento estes fragmentos da vida sobralense.

Gabriel dos Santos

BIBLIOGRAFIA

- Alice Branco Antunes Baptista – "Folclore do Concelho da Covilhã", in *Estudos de Castelo Branco*, nº 42, 1 de Outubro de 1972, pág. 61 a 86.
- Gabriel dos Santos – *A Covilhã em 1758*.
- Gabriel dos Santos – *Sobral de S. Miguel*.
- Viriato Simões – *Serra da Estrela e suas Beiras*.

Impresso na
Comissão de Coordenação da Região Centro
Concluído em Outubro de 1993
Tiragem: 1 000 exemplares

